



UNIVERSITAT DE  
BARCELONA

## Turismo e patrimônio cultural da cidade de Pelotas-RS-Brasil

Nara Nilcéia da Silva Santos

**ADVERTIMENT.** La consulta d'aquesta tesi queda condicionada a l'acceptació de les següents condicions d'ús: La difusió d'aquesta tesi per mitjà del servei TDX ([www.tdx.cat](http://www.tdx.cat)) i a través del Dipòsit Digital de la UB ([diposit.ub.edu](http://diposit.ub.edu)) ha estat autoritzada pels titulars dels drets de propietat intel·lectual únicament per a usos privats emmarcats en activitats d'investigació i docència. No s'autoritza la seva reproducció amb finalitats de lucre ni la seva difusió i posada a disposició des d'un lloc aliè al servei TDX ni al Dipòsit Digital de la UB. No s'autoritza la presentació del seu contingut en una finestra o marc aliè a TDX o al Dipòsit Digital de la UB (framing). Aquesta reserva de drets afecta tant al resum de presentació de la tesi com als seus continguts. En la utilització o cita de parts de la tesi és obligat indicar el nom de la persona autora.

**ADVERTENCIA.** La consulta de esta tesis queda condicionada a la aceptación de las siguientes condiciones de uso: La difusión de esta tesis por medio del servicio TDR ([www.tdx.cat](http://www.tdx.cat)) y a través del Repositorio Digital de la UB ([diposit.ub.edu](http://diposit.ub.edu)) ha sido autorizada por los titulares de los derechos de propiedad intelectual únicamente para usos privados enmarcados en actividades de investigación y docencia. No se autoriza su reproducción con finalidades de lucro ni su difusión y puesta a disposición desde un sitio ajeno al servicio TDR o al Repositorio Digital de la UB. No se autoriza la presentación de su contenido en una ventana o marco ajeno a TDR o al Repositorio Digital de la UB (framing). Esta reserva de derechos afecta tanto al resumen de presentación de la tesis como a sus contenidos. En la utilización o cita de partes de la tesis es obligado indicar el nombre de la persona autora.

**WARNING.** On having consulted this thesis you're accepting the following use conditions: Spreading this thesis by the TDX ([www.tdx.cat](http://www.tdx.cat)) service and by the UB Digital Repository ([diposit.ub.edu](http://diposit.ub.edu)) has been authorized by the titular of the intellectual property rights only for private uses placed in investigation and teaching activities. Reproduction with lucrative aims is not authorized nor its spreading and availability from a site foreign to the TDX service or to the UB Digital Repository. Introducing its content in a window or frame foreign to the TDX service or to the UB Digital Repository is not authorized (framing). Those rights affect to the presentation summary of the thesis as well as to its contents. In the using or citation of parts of the thesis it's obliged to indicate the name of the author.

**DOCTORADO EN GESTIÓN DE LA CULTURA Y EL  
PATRIMONIO  
UNIVERSITAT DE BARCELONA**



**TURISMO E PATRIMÔNIO CULTURAL DA CIDADE DE  
PELOTAS- RS – BRASIL**

Tese Doutoral apresentada por

*Nara Nilcéia da Silva Santos*

Director: Prof. Dr. Horacio Capel Sáez

Coodirector: Prof. Dr. Hindenburgo Pires

Tutor: Llorenç Prates Canals

**2015**



## **EPÍGRAFE**

“porque nós aqui do sul do Brasil  
estamos no centro de uma outra história”

vitor ramil



## **DEDICATÓRIA**

Dedico a todos os alunos, professores e pesquisadores que contribuíram e contribuem para a evolução científica que é a paixão de minha vida.



# TURISMO E PATRIMÔNIO CULTURAL DA CIDADE DE PELOTAS- RS – BRASIL

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo elaborar um estudo sobre o patrimônio cultural e o turismo na cidade de Pelotas no sul do Brasil enfocando a importância do patrimônio para o desenvolvimento do turismo cultural. A cidade de Pelotas se desenvolveu economicamente com o estabelecimento de charqueadas escravista no final do século XVIII. E com um grande acúmulo de riqueza a cidade passou por um período de desenvolvimento modernista e tecnológico diretamente influenciado pela cultura Europeia, em meados de século XIX e início do século XX, destacando-se do resto do país no processo de modernização urbana. Esse período consolidou uma paisagem cultural histórica materializada no seu conjunto arquitetônico artístico de exemplar importância para o país, possibilitando o desenvolvimento do turismo cultural. Em um primeiro momento é apresentado uma discussão de patrimônio, turismo e desenvolvimento. E no segundo momento é apresentado o estudo do turismo e patrimônio cultural da cidade identificando de forma sistemática o patrimônio cultural inventariado e outros elementos do patrimônio cultural, como o patrimônio artístico, arqueológico bem como o patrimônio cultural imaterial. Apresenta a contextualização do período de apogeu econômico, industrial e moderno e o seu impacto na vida urbana justificando a importância do estudo. O presente trabalho demonstrou que a cidade de Pelotas apresenta um rico patrimônio cultural constituindo um importante conjunto patrimonial de importância nacional.

Palavras-chave: **Patrimônio cultural, turismo urbano, Pelotas.**





## CULTURAL HERITAGE AND TOURISM OF THE CITY OF PELOTAS

### **ABSTRACT**

The present work aims to elaborate a study about the cultural heritage and tourism of the city of Pelotas, in the south of Brazil with a focus on the importance of this heritage in order to boost cultural tourism. Pelotas city has developed economically with the establishment of “charqueadas” which were basically country houses that produced salted, dried meat through slave labour in the end of the eighteenth century. It led to an accumulation of wealth in the city, which brought modern and technological development influenced directly by European culture. This development occurred mainly during the second half of the nineteenth and beginning of the twentieth centuries, and made the city stand out in the country as an example of modern urbanization. This period consolidated a historical cultural landscape that can be seen in the artistic and architectural ensembles materialized in the city’s beautiful buildings and public spaces. These facts enabled the development of the city’s cultural tourism. In a first moment, the present research intends to present a discussion about heritage, tourism and development. After that, it focuses on presenting how the cultural tourism works in the city, identifying, in a systematic way, the city’s enrolled cultural heritage and its other elements or branches, like artistic and the intangible cultural heritage. This work also presents a contextualization of the city’s industrial, economic and modern apogee and its impacts on people’s lifestyle, facts that justify the need for such study. It is possible to see through this research that the city of Pelotas has a very rich cultural heritage which constitutes a set of national importance.

**Key words: Cultural heritage, urban tourism, Pelotas.**

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	5
CAPÍTULO 1 EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE PATRIMÔNIO: PATRIMÔNIO HISTÓRICO, PATRIMÔNIO CULTURAL, PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E PATRIMÔNIO ETNOGRÁFICO.....	17
Patrimônio: uma herança para a próxima geração.....	18
<i>Monumento histórico</i> .....	18
<i>Evolução do conceito de Patrimônio</i> .....	20
<i>Patrimônio Cultural</i> .....	26
Patrimônio e turismo: tradição e modernidade.....	28
<i>Patrimônio e Turismo</i> .....	29
Notas.....	39
CAPÍTULO 2 A EVOLUÇÃO DO TURISMO E O SEU IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL E URBANO.....	41
Turismo: uma atividade em constante crescimento.....	42
Turismo e desenvolvimento: uma relação conflituosa.....	47
<i>Impactos da atividade turística</i> .....	50
Turismo urbano.....	65
<i>Turismo em cidades históricas</i> .....	71
<i>Atrativo turístico das cidades históricas</i> .....	77
<i>O turista das cidades históricas</i> .....	79
<i>Impactos do turismo em cidade históricas</i> .....	83
Notas.....	90
CAPÍTULO 3 UMA CIDADE COM UMA RICA HISTÓRIA.....	93
O nascimento de Pelotas.....	94
<i>Domínio colonial na região platina</i> .....	94
<i>Ocupação do território do município de Pelotas</i> .....	98
A evolução de Pelotas.....	101
<i>Freguesia de São Francisco de Paula</i> .....	102
<i>De vila à cidade de Pelotas</i> .....	107
<i>A Princesa do Sul</i> .....	110

Notas .....	117
CAPÍTULO 4 TURISMO NO SÉC XIX e INÍCIO DO SÉC XX NO BRASIL E NA CIDADE DE PELOTAS	119
<i>Recreações, banhos de mar e hidrominerais</i> .....	119
Os primeiros viajantes e turistas em Pelotas .....	121
A hospitalidade em Pelotas.....	122
Os primeiros viajantes ilustre:.....	124
Excursões ou viagens de recreio em Pelotas .....	127
Hospitalidade Comercial .....	130
Notas .....	134
CAPÍTULO 5 PATRIMÔNIO CULTURAL INVENTARIADO .....	135
Patrimônio Cultural Inventariado.....	136
<i>Inventário do Patrimônio Cultural da cidade de Pelotas</i> .....	142
Notas .....	166
CAPÍTULO 6 OUTROS ELEMENTOS DO PATRIMÔNIO CULTURAL .....	167
<i>Patrimônio artístico:</i> .....	167
Azulejos .....	167
Vitrais .....	170
<i>Os metais nas fachadas dos prédios:</i> .....	172
Afrescos .....	178
<i>Estuques ornamentais</i> .....	180
<i>Esculturas públicas</i> .....	183
<i>Arte cemiterial</i> .....	185
<i>Carruagens de passeios e fúnebres:</i> .....	189
<i>Patrimônio arqueológico</i> .....	193
<i>Patrimônio cultural imaterial – patrimonio etnográfico</i> .....	201
Notas .....	208
CAPÍTULO 7 O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO NA CIDADE DE PELOTAS .....	209
O processo de industrialização da cidade de Pelotas .....	210
A indústria do charque: a construção da riqueza através da acumulação escravista .....	212
<i>Ciclo do Charque no Brasil e no Rio Grande do Sul</i> .....	212
<i>Charqueadas de Pelotas</i> .....	214
Indústria fabril: a diversificação industrial .....	221
<i>Fábricas de sabão e velas</i> .....	221
<i>Cervejarias</i> .....	222

<i>Têxtil</i> .....	225
<i>Outras fábricas e laboratórios</i> .....	229
Antigas fábricas de conserva de fruta na zona rural do município: pionerismo no país .....	230
Notas .....	239
CAPÍTULO 8 O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA CIDADE DE PELOTAS.....	241
Indústria portuária: em conexão direta com Estados Unidos e Europa .....	245
As instalações de saneamento: modernidade e progresso .....	250
Indústria ferroviária: vivendo a urbe moderna.....	258
Indústria energética: a cidade iluminada como Paris .....	265
Indústria de telecomunicações: o telefone também entende francês? .....	268
<i>Centro Telephonico Pelotense</i> .....	269
<i>Empresa União Telefônica e Companhia Telefônica Riograndense</i> .....	270
<i>Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR)</i> .....	270
Notas .....	272
CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS DE PESQUISA .....	273
BIBLIOGRAFIA.....	279



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização regional: núcleo charqueador, Rio Grande, Montevideo, Colônia de Sacramento e Buenos Aires .....	96
Figura 2: Primeira doação de terras (semarias) na área de Pelotas, Fonte: Elaborado por Gutierrez, 2001 .....	100
Figura 3: Primeiro loteamento de Pelotas, planta de 1815 . Acervo da Biblioteca Pública Pelotense, Museu, RPTMP, L.92, p.9. : Fonte: Gutierrez,2001 .....	103
Figura 4: Localização das charqueadas, primeiro loteamento e Tablada. Fonte: Elaborado por Gutierrez, 2001 utilizando a base principal do RPTMP, do museu da Biblioteca Pública Pelotense .....	105
Figura 5: Planta da cidade em 1835, apresentando a expansão do segundo loteamento da cidade – Acervo da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano. Fonte: Soares, 2001.....	108
Figura 6: Travessia de curso d'água em uma pelota, embarcação feita de couro : Fonte: Debret, 1835 .....	109
Figura 7: Casarões construídos no início do século XIX, na praça central: Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal .....	113
Figura 8: Vista da área entorno da Praça da Regeneração Fonte: <a href="http://www.glendadimuro.com/site/pdf/dimuro-futuro_no_passado.pdf">http://www.glendadimuro.com/site/pdf/dimuro-futuro_no_passado.pdf</a> .	113
Figura 9: O Banco Pelotense. Fonte: Monte Domeqc & Cia, 1916.....	116
Figura 10: Mapa da cidade com identificação da área representando as quatro Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPC) em ambiente SIG.....	143
Figura 11: As quatro Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPC) em ambiente SIG.....	144
Figura 12: Catedral São Francisco de Paula fotografado por Nara Santos .....	147
Figura 13: Praça Coronel Pedro Osório, início do Século XX. :Fonte: Acervo do Museu da Baronesa .....	148
Figura 14: Casarão 2 do Charqueador Vianna fotografado por Nara Santos .....	149

Figura 15: Casarão 6 - Casa do Conselheiro Francisco Antunes Maciel fotografada por Nara Santos.....	151
Figura 16: Casarão 8, fotografado por Nara Santos.....	152
Figura 17: Teatro Sete de Abril, fotografado por Nara Santos .....	154
Figura 18: Biblioteca Pública : Fonte: Carmem Farina, 2012 .....	155
Figura 19: Prefeitura Municipal de Pelotas fotografado por Nara Santos .	156
Figura 20: Grande Hotel, fotografado por Nara Santos .....	157
Figura 21: - Mercado Público fotografado por Nara Santos.....	158
Figura 22: Clube comercial, fotografado por Nara Santos .....	160
Figura 23: Clube Caixeiral, fotografado por Nara Santos .....	161
Figura 24: Teatro Guarany, fotografado por Nara Santos .....	162
Figura 25: Museu da Baronesa : Fonte: Acervo do Museu da Baronesa..	164
Figura 26: Exemplos de padrões mais encontrados na cidade de Pelotas : Fonte: Curval, 2008.....	168
Figura 27: Exemplo de azulejo com eflorescências existente na Colônia Mazza, Fonte: Curval, 2008 .....	169
Figura 28: Azulejos do Museu da baronesa .....	170
Figura 29: Vitral existente na Antiga escola de Belas Artes, Fonte: Wertheimer, 2011 .....	171
Figura 30: Vitral na Catedral São Francisco de Paula representando a imagem de Nossa Senhora das Graças, Fonte: Wertheimer, 2011 .....	172
Figura 31: Bandeira em arco abatido do primeiro período eclético, Fonte: Dametto, 2009 .....	174
Figura 32: Exemplos de Tipologia Balcão, Fonte: Dametto,2009 .....	175
Figura 33: Tipologia grade em janela de porão. , Fonte: Dametto, 2009 .	175
Figura 34: Grade em porta de madeira, Fonte: Dametto, 2009 .....	176
Figura 35:Luminárias em metal fundido, Fonte: Dametto, 2009.....	176
Figura 36: Grade em janela e faixa metálica sobre alvenaria. Sede do antigo Banco da Província. Fonte: Dametto, 2009 .....	177
Figura 37: Afrescos de Aldo Locatelli na Catedral São Francisco de Paula .....	178
Figura 38: Afrescos da Catedral São Francisco de Paula de Aldo Locatelli, Fonte: Raul Lisboa, 2008 .....	179
Figura 39: Apoteose de São Francisco de Paula, na Catedral.....	179
Figura 40: Brasão com a cabeça estilizada de um leão no frontão do prédio do Banco Nacional do Comércio. , Fonte: Winter e dos Santos, 2011.....	181



Figura 41: As representações de Febo ou Apolo nos capitéis do prédio do Banco Nacional do Comércio, Fonte: Winter e dos Santos, 2011 .....	181
Figura 42: Detalhe da figura do marinheiro do frontão da fachada do palacete de Adriano Rocha Fonte: Noble et alii, 2012 .....	182
Figura 43: A imagem da esquerda nos mostra os relevos em estuque da residência do Barão de Butuí; na imagem à direita Capitel estucado com acantos e volutas da residência do Barão de São Luis, Fonte: Noble et alii, 2012 .....	182
Figura 44: Mascarão e instrumentos musicais da fachada do Teatro 7 de Abril Fonte: Noble et alii, 2012 .....	183
Figura 45: Monumento à Mãe de 1968, em bronze e granito, Praça Coronel Pedro Osório, Fonte: Waldo Gouveia, 2011 .....	184
Figura 46: Oferenda de 1942 de Antonio Caringi, Fonte: Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho,2005 .....	186
Figura 47: Jazigo da família de Joaquim Kramer- Anjo, Menino e Orantes, Fonte: Carvalho; de castro; Montelli; Lemos e Michelin, 2004 .....	187
Figura 48: busto do Barão de Butuí, Fonte: Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho,2005 .....	188
Figura 49: Túmulo do coronel Aníbal Antunes Maciel e família, Fonte: Bruno Farias .....	188
Figura 50: Carruagem fúnebra pertenciam a antiga empresa Costantino Ribeiro. Fonte: <a href="http://www.funerariacasalima.com.br/historia.php">http://www.funerariacasalima.com.br/historia.php</a> .....	190
Figura 51: Carruagem Fúnebre Preta, Fonte: Diario Popular de 16-08-2011 .....	191
Figura 52: Carruagens Fúnebres: a Branca e a Preta, Fonte: Diario Popular de 16-08-2011 .....	192
Figura 53: Carruagens Fúnebres utilizadas nos cortejos. <a href="http://www.funerariacasalima.com.br/historia.php">http://www.funerariacasalima.com.br/historia.php</a> .....	192
Figura 54: Pompas Fúnebres fotografado por Nara Santos .....	193
Figura 55: Urinol com decoração à mão livre com motivo floral, Fonte: Cerqueira e Peixoto, 2006 .....	195
Figura 56: Bule com decoração transfer printing, Fonte: Cerqueira e Peixoto, 2006.....	195
Figura 57: Louça – prato raso, Fonte: Cerqueira e Peixoto, 2006 .....	197
Figura 58: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – transfer printing –, com tema cena chinesa no estilo chinoiserie, padrão willow, na cor azul, produzida a partir de 1780. Fonte: Peixoto, 2003. ....	198

Figura 59: Louça encontrada no casarão - Louça decorada pela técnica de pintura mecânica,transfer printing, produzida a partir de 1780. ,Fonte: Peixoto, 2003.....	200
Figura 60: Instituto João Simoes Lopes fotografado por Nara Santos ...	202
Figura 61: Doces Pelotenses, Fonte: Acervo Fenadoce,2012.....	207
Figura 62: Engenho de Carne seca no Sul do Brasil, onde podemos observar o amplo espaço onde a carne secava. ,Fonte: Gravura de Jean Baptiste Debret - 1829.....	217
Figura 63: Antiga Charqueada São João ,Fonte:Programa de Pesquisas Interdisciplinares da Região Platina Oriental – Proprata.....	219
Figura 64: Charqueada São João, Fonte: <a href="http://www.charqueadaboavista.com.br/texto/menu--historia--rota-das-charqueadas">http://www.charqueadaboavista.com.br/texto/menu--historia--rota-das-charqueadas</a> .....	219
Figura 65: Charqueada Boa Vista .....	220
Figura 66: Charqueada Santa Rita.....	220
Figura 67: Ilustração da Fábrica F. C. Lang representando as etapas do empreendimento fabril, Fonte: Monte Domecq R. (Editor), 1916 .....	222
Figura 68: Cervejaria Ritter- data , Fonte: Acervo Bruno Martins Farias	224
Figura 69: Cervejaria Sul Rio-Grandense, Fonte: CARRICONDE, Clodomiro. Álbum de Pelotas. Centenário da Independência do Brasil. Pelotas: s. ed., 1922.....	225
Figura 70: Fábrica de Chapéus Pelotense em 1900, Fonte: Acervo Bruno Martins Farias.....	226
Figura 71: Engenho Coronel Pedro Osório, Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas .....	227
Figura 72: Instalações do Frigorífico Anglo ,Fonte : Marcelo Ribeiro ....	229
Figura 73: Antiga fábrica Quinta Pastorello ,Fonte: Bach, 2009.....	232
Figura 74: Conservas Saalfeld, Fonte: Bach, 2009.....	233
Figura 75: Compotas Giesel, Fonte: Bach, 2009 .....	234
Figura 76: Conservas Sama, Fonte: Bach, 2009 .....	235
Figura 77: Fábrica Vega, Fonte: Bach, 2009 .....	237
Figura 78: O porto de Pelotas no começo do século XX, Fonte: Acervo da Secult – Prefeitura Municipal de Pelotas .....	248
Figura 79: O Chafariz da Fonte das Nereidas, foto de 1914 – , Fonte: acervo Flávio Kramer in Xavier,2010.....	236
Figura 80: O Chafariz da Fonte das Nereidas, fotografia de Nara Santos, 2009 .....	237

Figura 81: Detalhe do Chafariz da Fonte das Nereidas, fotografia de Nara Santos, 2009 .....	248
Figura 82: Chafariz das Três Meninas, fotografia de Nara Santos, 2009.	251
Figura 83: Detalhe do Chafariz das Três Meninas ,Fonte: Acervo do Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas - SANEP – 2004 .....	251
Figura 84: A caixa d'água de ferro, primeiro reservatório de água da cidade e ao fundo o Hospital Santa Casa de Misericórdia. ,Fonte: Álbum de Pelotas, 1922. ....	252
Figura 85: A caixa d'água de ferro, Fonte: Acervo do Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas - SANEP - 2004 .....	253
Figura 86: Detalhe oriental da Caixa d'água de ferro restaurada, Fonte: Diário Popular de Pelotas, 10/12/2011 .....	253
Figura 87: Chafariz dos Cupidos da Praça Cypriano Barcellos, Fonte: Xavier, 2010 .....	254
Figura 88: Casa de máquinas do reservatório Moreira – Hidráulica Pelotense, Fonte: Xavier,2010 .....	255
Figura 89: Sanitário do Mercado. ,Fonte: Álbum de Pelotas, 1922.....	255
Figura 90: Bonde com atração animal na cidade de Pelotas , Fonte: Acervo Allen Morrison < <a href="http://www.tramz.com/br/ps/ps.html">http://www.tramz.com/br/ps/ps.html</a> > .....	256
Figura 91: Mapa do trajeto de bonde de atração animal (1873) e de bonde elétrico na cidade de Pelotas (1915) , Fonte: Acervo Allen Morrison <a href="http://www.tramz.com/br/ps/ps.html">http://www.tramz.com/br/ps/ps.html</a> .....	257
Figura 92: Bonde elétrico na cidade de Pelotas – Praça Coronel Pedro Osório ,Fonte: Acervo Allen Morrison <a href="http://www.tramz.com/br/ps/ps.html">http://www.tramz.com/br/ps/ps.html</a> .....	258
Figura 93: Bonde elétrico de dois andares na cidade de Pelotas ,Fonte: Acervo Allen Morrison <a href="http://www.tramz.com/br/ps/ps.html">http://www.tramz.com/br/ps/ps.html</a> .....	260
Figura 94: Estação férrea da cidade de Pelotas – final do século XIX ,Fonte: Acervo Bruno Martins Farias.....	261
Figura 95: Estação férrea em 1913, Fonte: Fonte: Acervo Bruno Martins Farias .....	264
Figura 96: Estação Ferroviária de Pelotas em 13 de novembro de 1923 – A população aguardava a chegada de Joaquim Francisco de Assis Brasil, governador do estado. ,Fonte: <a href="http://ronaldofotografia.blogspot.com.es/2012/01/estacao-ferroviaria-de-pelotas-duas.html">http://ronaldofotografia.blogspot.com.es/2012/01/estacao-ferroviaria-de-pelotas-duas.html</a> .....	264

Figura 97: Estação Ferroviária de Pelotas em 13 de novembro de 1923- A população aguardava a chegada de Joaquim Francisco de Assis Brasil, governador do estado. Fonte: <http://ronaldofotografia.blogspot.com.es/2012/01/estacao-ferroviaria-de-pelotas-duas.html>.....263

Figura 98: Estação férrea em 1913, Fonte: Fonte: Acervo Bruno Martins Farias .....264

Figura 99: Estação Ferroviária de Pelotas em 13 de novembro de 1923 – A população aguardava a chegada de Joaquim Francisco de Assis Brasil, governador do estado. ,Fonte: <http://ronaldofotografia.blogspot.com.es/2012/01/estacao-ferroviaria-de-pelotas-duas.html>.....264

## INTRODUÇÃO

O Turismo tornou-se uma atividade econômica, sociocultural de importância mundial no desenvolvimento das cidades impactando sua economia e a região.

O turismo urbano transforma-se em atrativo potencial por sua paisagem cultural histórica que formam o seu patrimônio. As cidades com seus núcleos turísticos baseados em seu patrimônio necessitam preservar sua história, sua memória que constitui uma identidade e possui potencial atrativo para a atividade.

Dessa forma iniciam-se preocupações de preservação desse patrimônio e discussões de como o turismo pode ser uma importante ferramenta para preservação e gestão desse patrimônio.

A relação patrimônio e turismo se encontram cada vez mais estreita, pois as cidades históricas tornam-se importantes atrativos por seu patrimônio, potencializando o turismo cultural.

O patrimônio se diversifica e surgem novos conceitos e novas valorizações, diversificando e ampliando a atividade turística. Dessa forma, não sendo bem gerenciada, a atividade pode acarretar impactos negativos.

A gestão do patrimônio e o turismo tornam-se temas importantes de debate e regulamentações de uso.

O presente estudo aborda essas questões na cidade de Pelotas, no sul do Brasil. Buscando apresentar o estudo do turismo e do patrimônio cultural da cidade.

O Sul do Brasil, localizado na Região platina com um importante patrimônio, fortemente relacionado com os países da Argentina e Uruguai, formando a região dos pampas. apresentando dessa forma, identidades regionais. É o Rio Grande do Sul se diferenciando do resto do país, desde o clima, a gastronomia e colonização, fazendo parte de outra história, o centro de uma outra história. E a cidade de Pelotas e a sua região tornaram se referência, o centro dessa outra história.

A cidade de Pelotas com sua história de mais de 200 anos, com uma forte influência europeia, a partir de meados do século XIX e início do século XX viveu seu apogeu de modernidade e crescimento econômico. Desse modo com um rápido e moderno processo de industrialização e urbanização a cidade vivenciava uma urbe moderna com o telégrafo, com abastecimento de água, a estação de trem, os bondes, o telefone e a eletricidade. O processo industrial e moderno vivenciado e destacado em relação ao resto do país, pelo que passou a cidade de Pelotas e a conservação de seu patrimônio, demonstra a importância do estudo de seu acervo patrimonial.

Abordando esse tema, alguns questionamentos são pertinentes: Quais os elementos do patrimônio, ou seja, da herança cultural, que podem criar ou regenerar valor de identidade do lugar, da comunidade?

A partir dessas questões buscamos como Objetivo geral, identificar e analisar o acervo patrimonial da cidade de Pelotas Brasil, relacionando com o turismo. Através do método de revisão bibliográfica e sistematização qualitativa. Para alcançar esse objetivo desenvolvemos os seguintes,

Objetivos específicos:

- identificar o patrimônio cultural;
- sistematizar o patrimônio cultural;
- identificação do Conjunto patrimonial;
- e análise do patrimônio para o desenvolvimento do turismo.

A Tese esta apresentada em duas partes contendo oito capítulos. Na primeira parte iniciamos com uma discussão sobre o patrimônio, turismo e desenvolvimento, abordando a evolução do conceito de patrimônio e a evolução do turismo e o seu impacto no desenvolvimento regional e urbano. Na segunda parte apresentamos os resultados da pesquisa com a identificação do complexo patrimonial abordando a historia da cidade e o seu patrimônio, discutindo o turismo e o patrimônio cultural de Pelotas. Nos últimos capítulos apresentamos o processo de industrialização e modernidade que passou a cidade. E por fim a conclusão do estudo. E a bibliografia.

Agradecer, momento difícil, de lembrar e relembrar momentos de convívio. Como muitos sabem eu sofri um AVC em pleno momento de realização desta tese. Um problema? Um pouco. Por sorte foi um AVC isquêmico, mas que afetou fortemente minha capacidade motora, que ainda esta em recuperação. Em verdade foi um desafio. Um grande desafio. Que somente foi possível pensar em vencer pelo apoio de minha família, de meu companheiro, de grandes amigos, brasileiros, mexicanos, americanos e europeus, africano e japonês, muito obrigada, vocês estão em meu coração, ontem, hoje e sempre.

À grande família, à minha mãe mais que a melhor mãe do mundo uma grande mulher, exemplo de humanidade e fraternidade, ao meu pai,

exemplo de simplicidade e honestidade, às minhas tias, ao meu irmão, mais que um irmão é o meu amigo de sempre.

Aos médicos e enfermeiros, fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais da Espanha e do Brasil.

Início os agradecimentos nominais:

À Clóvis Antonio Franciscato, meu companheiro de toda uma vida, meu anjo, obrigada.

À minha família mexicana e alemã, Azucena, Martin, e meu lindo Manuel, manuelito, manu, que alegria conhece-los, obrigada por tudo.

À UFPEL, aos colegas, funcionários e chefias de departamento e faculdade. Um agradecimento aos colegas de outros departamentos e faculdades da UFPEL, em especial aos geógrafos Sidney Gonçalves Vieira e Alcir Nei Bach, ao arquiteto Mauricio Polidori, por respeitarem e apoiarem o meu trabalho desde minha chegada à Ufpel, ao governo brasileiro, ao leparq, pelo desenvolvimento de grandes pesquisas e contribuição científica, ao lapetur, laboratório que desenvolvi minhas pesquisas, aos bolsistas e alunos que ali conviveram comigo, Marcelo, Alice, Luis Andre, Richard, Kelly, Teobaldo e Wánder.

À Horacio Capel, difícil encontrar as palavras de agradecimento que mereces . Mas como me ensinaste eu tentarei. Foi mais que meu orientador. Compartilhamos momentos únicos de conversas, alegrias e discordâncias. É meu amigo, foi meu pai espanhol, em momentos muito difíceis em Barcelona. Muito obrigada. É o único cientista renomado que tive a oportunidade de conhecer e conviver, que além da sua genialidade,



sabedoria e conhecimento é um ser humano incrível, sem pedantismo, com uma simplicidade, alegria e um espírito de criança constante, eu adorava observa-lo nos corredores da universidade caminhando e espalhando sua alegria e bom humor, bem como nas memoráveis reuniões as quintas feiras pela manhã na Geocritica. Obrigada Horacio, jamais te esquecerei, foi um prazer incrível a convivência com você. Tenho muitas saudades e espero compartilharmos ainda muitos momentos de conversas e alegrias. Muito obrigada. Escrevo essas palavras e não consigo conter as emoções, as lágrimas escorrem em meu rosto.

Hindenburgo Pires, um prazer imenso e grande oportunidade de te encontrar em Barcelona e na Geocritica, conhecer-te e conviver com você e sua família maravilhosa em Barcelona certamente foi um plus a mais em minha experiência na cidade. E obrigada por todo o apoio desde o início da tese.

À GEOCRITICA à Universitat de Barcelona, ao programa de doutorado em gestión de la cultura e del patrimonio, em especial ao Prof Lluís Bonet, Xavier Roigé e Llorenç Prats, por todo o apoio.

À VIDA, a oportunidade de viver e de continuar vivendo, “a vida tem sempre razão”.

À Barcelona, à Pelotas, à Porto Alegre, à todas as cidades que conheci e tive a oportunidade de experimentar e viver um pouco de sua cultura em suas ruas.

Obrigada a todos que de um modo ou de outro me ajudaram em minha recuperação e na elaboração desse trabalho. Estou de volta.



## CAPÍTULO 1 EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE PATRIMÔNIO: PATRIMÔNIO HISTÓRICO, PATRIMÔNIO CULTURAL, PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E PATRIMÔNIO ETNOGRÁFICO.

A presente Tese aborda o turismo em cidades históricas e o potencial do patrimônio para o desenvolvimento da atividade. Portanto, na primeira parte dessa tese apresentamos o tema patrimônio, turismo e desenvolvimento com o objetivo de desenvolver um debate introdutório e uma discussão sobre o impacto do desenvolvimento da atividade turística.

Atualmente o tema patrimônio tem sido muito discutido obtendo uma importância mundial e a relação patrimônio e turismo se encontra cada vez mais estreita. A preservação do patrimônio tem ganhado projeção no mundo todo, nos últimos anos. Alguns autores estudam como o turismo possui o potencial de impulsionar o processo de preservação através da interpretação e conscientização, e em alguns casos de criação e reinvenção do patrimônio.

O primeiro capítulo apresenta a evolução dos conceitos de patrimônio, sua relação com o desenvolvimento do turismo e a importância deste como recurso turístico. Através de um enfoque sobre o turismo cultural e o uso do patrimônio como recurso turístico.

O segundo capítulo aborda a evolução do turismo e o seu impacto no desenvolvimento regional e urbano. Analisa as cidades históricas como destino turístico e o impacto da atividade na morfologia das cidades históricas e seus impactos no espaço urbano. Dessa forma buscamos apresentar um panorama geral sobre o turismo e o patrimônio e desenvolvimento e suas relações no conflitivo mundo moderno.

## **Patrimônio: uma herança para a próxima geração**

Patrimônio uma palavra muito conhecida e discutida atualmente. Num primeiro momento a palavra patrimônio nos remete as questões de propriedade, bens familiares que são passados de geração a geração familiar.

Nunca se discutiu tanto sobre questões de preservação e questões patrimoniais. O estudo sobre o patrimônio, sua preservação e sua importância em relação à memória tem sido muito discutido desde a década de 80.

Qual o sentido de preservar? Destruir para construir a cidade moderna? Conservar mas não congelar? Conservar mas não reconstruir ou inventar. Nesse capítulo discutimos sobre o sentido de preservar o patrimônio, as razões de preservar e as razões de não preservar, consenso e ou contestação. Outro aspecto importante na discussão é como preservar, que tipo de uso, e os custos do processo de preservação.

No passado o patrimônio e monumento, muitas vezes, foram tratados como palavras sinônimas, no entanto possui suas diferenças, desde a década de 1960 não é mais visto como sinônimos e já esta sendo tratado com interpretações diferentes. Portanto, no primeiro momento discutimos a noção de monumento e monumento histórico e logo após patrimônio.

### *Monumento histórico*

O monumento é algo grandioso, magnífico em sua forma, duradouro, glorioso, enfim algo monumental. O monumento, em um primeiro momento representa a lembrança do passado.

No século XV foi o momento do despertar em relação aos monumentos e sua conservação.

O monumento histórico adquire essa denominação ao final do século XVIII<sup>1</sup>. No entanto desde o século XV artistas e letrados começam a se interessar pela “preservação” do monumento. Françoise Choay afirma que o monumento histórico nasceu em Roma em 1420, mas será que antes não se pensava sobre o tema, não se guardavam coisas que lembravam o passado?

É no período do Renascimento que se observam as primeiras ações de preocupação em relação à arte e a proteção aos monumentos históricos. A partir da década de 1430 os humanistas principalmente da corte pontifical, papal, demonstram uma preocupação com a conservação e uma proteção atenta aos monumentos romanos. A bula papal de 28 de abril de 1462 por Pío II Piccolomini—diferencia o que é monumento e o que é antiguidade e anuncia um conjunto de normativas proibitivas em relação ao uso e conservação das edificações de importância histórica. Choay indica que entre os séculos XIV e XV iniciou-se (com os homens dos livros e das artes) a ter um olhar de preocupação com a antiguidade, nome do monumento histórico: “antiguidade”. Esse movimento inicia pelas artes, pelos homens que começam a colecionar artes.

Em 1790 surge o termo monumento histórico. Choay aborda que o monumento histórico é uma invenção ocidental, um conceito exportado e difundido com êxito fora de Europa a partir da segunda metade do século XIX. O final do século XIX e começo do século 20 foi o momento de consagração do monumento histórico. Em 1830 é o momento da consolidação do termo monumento histórico. O século XIX vai outorgar

um novo status às antiguidades. O monumento histórico entra em sua fase de consagração que durará até 1960, ano da redação da carta de Veneza 1964. A importância e a evolução do seu contexto, durante os últimos cinco séculos é o aspecto a ser abordado nesse capítulo.

Mas, muitas vezes, ainda persiste a pergunta: para que preservar? E o mais importante, quem vai identificar o que preservar que mensagem ficará que símbolos serão os mais importantes e porque e a pergunta para quem preservar? O turismo pode argumentar que se preserva porque possui o potencial de se tornar um atrativo turístico, um produto turístico, conceitos que abordaremos oportunamente.

#### *Evolução do conceito de Patrimônio*

Com o tempo o conceito de patrimônio evolui e surgem suas derivações como patrimônio cultural e histórico, industrial, etnográfico, arqueológico, gastronômico etc.

Desde o século passado as questões sobre a valorização do patrimônio têm sido abordadas e cada vez mais tem surgido como uma das pautas de discussões na política e gestão pública para o desenvolvimento do turismo.

Na Revolução Francesa no final do século XVIII, 1789, o governo revolucionário regulamenta a proteção aos bens confiscado do clero e da coroa, que passam a ser considerados como propriedade da nação, ou seja, de todos os franceses. E a partir dessa identificação as antiguidades nacionais tornam-se riquezas nacionais, e ícones de conservação do estado francês.

Em 1790 foi criada uma primeira comissão *des monumnets* e sua primeira tarefa é classificar as diferentes categorias de bens herdados pela nação. O próximo passo foi a elaboração de um inventário. Dessa forma os bens confiscados foram transformados em patrimônio da nação. Em 1832, o governo francês cria a Inspeção de Monumentos Históricos com o objetivo de preservação dos monumentos. A partir desse período surge então o termo *patrimônio*, patrimônio histórico e artístico nacional. Os termos herança, patrimônio e conservação começam a se destacar.

A decisão da assembleia legislativa que decretou a destruição de todos os símbolos da realeza e feudalismo no período revolucionário francês foi uma decisão da Revolução de que seria melhor destruir do que deixar na memória os símbolos de uma ordem já superada, mesmo que já superada. A Revolução não queria deixar esse patrimônio de herança, não queria deixar essa memória preservada. A Revolução desenvolvia a ideia de terminar com essa cultura elitista, substituindo por um espaço maior para a cultura popular.

Em relação à preservação e ou conservação dos monumentos e edificações antigas, pouco se pensava ou se discutia sobre esse tema específico até o Século XVIII, as edificações eram simplesmente demolidas, derrubadas para se construir algo novo, moderno, porém foi a partir desse período, que começou a surgir uma preocupação mundial com a preservação e conservação de monumentos antigos e preservação de sua memória. A ideia de nação, como conceito apareceu no século XVIII, como um estado nacional e moderno.

Como já mencionado, o conceito de monumento histórico, que nasce em 1790, foi derivado da palavra grega memória, e segundo o dicionário da

academia francesa, o termo significa a marca pública deixada à posteridade para conservar a memória de alguma posse ilustre ou de alguma ação celebre.

A partir da revolução francesa o monumento significa toda a antiguidade que fixa e ilustra a história nacional, o estado nacional. A invenção do monumento histórico foi uma estratégia do estado para recuperar identidades e integrando-as a história nacional.

Os objetos históricos perdem seu significado sua função e passam a ter a função de simbolismo, uma função simbólica.

Para o desenvolvimento do turismo surge a invenção da cidade histórica como atrativo turístico, a partir de grandes projetos de restaurações da imagem da cidade, a criação de um mercado turístico( produtos de artesanatos e roupa), criando-se assim produtos medievais inventados que foram apresentados com recurso pitoresco, exemplo o castelo na cidade de Carcassone, na França entre outros.

Com a modernidade, as cidades deviam ser higienizadas, e muitas cidades foram reconstruídas, reformadas e reurbanizadas, infelizmente, dessa forma muito de suas histórias foram simplesmente perdidas.

A representação do passado como patrimônio está relacionado, desde sua origem, a serviço de um culto laico de personagens históricas, tornando-se uma mensagem do passado, uma mensagem para o presente, o valor do



monumento não esta na realidade histórica senão na mensagem que é transmitida<sup>2</sup>.

Podemos observar como evoluiu o conceito de patrimônio, desde o início, desde a sua primeira definição. Sendo assim o patrimônio, ou melhor, a visão que se tem de um determinado patrimônio pode ser criada, pode reorganizar o passado da forma que interessa, criando uma nova imagem do passado.

Dessa forma se consolida a fabricação do patrimônio: “*se celebra alguns acontecimento e se esquece de outros, se evidencia uns e outros não, o patrimônio assim reorganiza o passado*”, inventa o passado, impõe uma mensagem representativa do passado, criando uma identidade, uma versão do passado, mas que pode mudar uma reprodução do passado<sup>3</sup>.

O patrimônio é visto como a cultura tradicional de uma sociedade. O conceito de patrimônio há muito tempo vem evoluindo de forma que podemos partir de diversas perspectivas para o entendimento do significado da palavra e reflexão sobre o seu conceito, discutindo a partir da primeira noção do termo patrimônio, da etnologia da palavra, do termo, de origem latino *patrimonium*, o que se herda dos pais. Então no sentido pessoal o patrimônio da herança familiar, de bens, espiritual ou material, móveis ou imóveis, de uma pessoa, família, ou grupo. Patrimônio familiar, esse recebido como herança, no sentido econômico, os bens adquiridos por uma pessoa e que passam a formar parte da riqueza familiar patrimonial e que chegará aos seus descendentes, que passará no futuro aos seus descendentes.

Os antropólogos, por outro lado, desenvolvem a discussão do patrimônio coletivo como uma construção social, como afirma o Prof. Dr Llorenç Prats, 2004 em seu livro *Antropología y patrimonio*, ou uma construção cultural, pois é algo construído culturalmente. tornando-se uma herança coletiva cultural do passado. A noção de patrimônio esta associada à ideia de tempo, do tempo que passou<sup>4</sup> (e do que é possível deixar para as próximas gerações, como testemunhos de culturas, momentos e história do comportamento humano, da atividade humana, do que foi criado, modificado pelo homem). Testemunhos que podem tornar-se símbolos de uma cultura, e que devem de ser passados para as futuras gerações, podendo permanecer no tempo. Patrimônio está relacionado à noção de identidade de um povo, que pode ser representativa de uma dada passagem do tempo, podendo permanecer apesar do tempo.

Autores enfatizam que o patrimônio tem a ver com a capacidade criativa de uma sociedade e não somente com o herdado<sup>5</sup>. Nestor Garcia Canclini afirma que o patrimônio tem que ver mais com uma herança do que com um processo social e que como outro capital, se acumula se renova produzindo rendimentos que os diversos setores se apropriam em forma desigual.

A partir do conceito geral de patrimônio, com o tempo, surge uma evolução e suas determinadas características especificam de tipos de patrimônio, vai se derivando, ocorrendo derivações da palavra. Dessa forma, surge o patrimônio econômico, patrimônio histórico, o patrimônio cultural.

Observamos que em primeiro aspecto o patrimônio tem a ver com a cultura e a natureza e esta relacionada com o passado de uma sociedade, uma herança dessa sociedade. Outro aspecto é que o patrimônio deve de ser ativado, pois sendo uma construção social possui eficácia como um papel simbólico. “O passado pode mudar, ou muda com presente e segundo seu estado político e interesses<sup>6</sup>.”

É no século XX que surge um conceito oficial de patrimônio e se institucionaliza práticas de preservação, com a carta de Atenas de 1931, uma declaração internacional de referência as instituições gestoras do patrimônio, contendo os princípios que refletem as preocupações em relação a destruição dos monumentos históricos, porém ainda não se utiliza a expressão *patrimônio cultural*.

Em 1964, na 15ª conferência geral da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Cultura, Ciência e Educação) surge a referência a bens culturais. A UNESCO é o órgão mundial responsável pela definição de regras e proteção do patrimônio histórico e cultural da humanidade.

Em 1972, na 17ª conferência geral da UNESCO foram elaboradas as definições de patrimônio cultural e natural. A partir de então estava definido o que poderia ser considerado patrimônio: os monumentos, os conjuntos e os lugares de valor universal excepcional do ponto de vista histórico. E a partir de então o conceito de patrimônio vai sendo ampliado.

Atualmente o Patrimônio Mundial é definido pela UNESCO, como os elementos manifestos de uma riqueza natural e cultural pertencente a toda a humanidade e que se tornam símbolos de tomada de consciência dos

Estados e dos povos em relação ao sentido desses lugares construindo a identidade do sítio.

Atualmente conhecemos os termos, as diversas as variações do termo tais como: Patrimônio industrial, gastronômico, etnográfico, arqueológico, etc. Nesse estudo trataremos, com particularidade, do patrimônio cultural, tema dessa tese.

### *Patrimônio Cultural*

O próprio termo, Patrimônio Cultural já nos remete aos aspectos culturais, à cultura. No entanto podemos observar algumas discussões a respeito desse termo. Por exemplo, o Prof. Dr. Américo Pellegrini, que estuda teoria da cultural popular e turismo cultural, afirma “o conceito de patrimônio cultural, que tradicionalmente nos remete ao passado histórico, esquece por vezes, que nossa produção presente constituirá o patrimônio cultural das futuras gerações. Portanto modernamente por patrimônio cultural, é todo e qualquer artefato humano que, tendo um forte componente simbólico, seja de algum modo representativo da coletividade, da região, da época específica, permitindo melhor compreender-se o processo histórico<sup>7</sup>”.

O patrimônio cultural é definido pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) no Brasil como um bem cultural material e ou imaterial que possui importância artística, cultural, religiosa, documental ou estética para a sociedade.

O patrimônio cultural material é definido pelo IPHAN como um conjunto de bens culturais classificados como arqueológico, paisagístico, etnográfico, histórico e belas artes, dividindo-os em bens imóveis como os

núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

O Patrimônio Cultural imaterial é definido pelo IPHAN e pela UNESCO como as práticas, representações, conhecimentos e técnicas que as comunidades e os grupos reconhecem como partes integrantes de seu patrimônio cultural.

O patrimônio cultural tem sido um tema muito discutido na área do turismo. Seja através de atividades educativas, de preservação e ou valorização do patrimônio. Nas últimas décadas os gestores turísticos têm se preocupado na interpretação e informação a respeito do patrimônio cultural dos destinos turísticos. O patrimônio cultural está relacionado a questões de memória, de identidade de preservação da cultura de um determinado povo. Por isso a importância de política e ações de preservação e valorização deste patrimônio.

Existe uma estreita relação entre o fenômeno turístico e a valorização do patrimônio cultural, visto que este é uma atração turística, e que pode valorizar a experiência do visitante, que ao conhecer a história, pode reconhecer e valorizar o patrimônio. Para o fenômeno turístico, o patrimônio é um atrativo, pois é um dos motivos de interesse do visitante para se deslocar até um determinado destino. O patrimônio histórico, natural, cultural, etnográfico, industrial e arqueológico pode ser aproveitado como oferta turística, pode ser um produto primário ou secundário com potencial de atrair os turistas a um determinado destino. “O patrimônio cultural constitui um dos recursos básico para a configuração de um destino turístico<sup>8</sup>”

O patrimônio cultural tem sido cada vez mais utilizado como atrativo nos destinos turísticos. Dessa forma o patrimônio cultural pode se constituir em um recurso turístico de grande importância para o desenvolvimento e gestão de um destino turístico. E por outro lado a atividade turística pode auxiliar na preservação e valorização do patrimônio. O turismo tem sido a maior fonte de contato intercultural, muitos estudos sugerem que a estrutura sócio cultural mudou muito sob a influência do turismo<sup>9</sup>.

### **Patrimônio e turismo: tradição e modernidade**

O passado está presente em forma de tradição. A modernidade se constitui a partir do novo, se desvinculando, deixando de lado outros modos de pensar e atuar.

As questões relacionadas com as teorizações entorno da modernidade e mais recentemente pós-modernidade obrigam a que seja repensado o turismo e os produtos que o compõem<sup>10</sup>.

Dessa forma como os museus, a arquitetura, os monumentos espetaculares e o folclore são passíveis de serem resgatados em suas vivências contemporâneas sob uma nova lógica em que se refere ao tempo e a memória.

Repensando a tradição, como uma tradição através da manifestação de cultura popular, a tradição da cultura popular, significa valores feitos e narrativos recebidos e transmitidos de geração a geração, fortemente conectado com o sentido de recordação, de memória: tradição e memória.

## *Patrimônio e Turismo*

Na discussão sobre a natureza do turismo e buscando elaborar uma definição do turismo, do fenômeno turístico, desenvolvemos esse subtítulo. O conceito de turismo abrange diversos campos entre eles recreação e lazer – psicologia, sociologia, antropologia, geografia, economia e administração. Desde o começo do século XX surgem definições para o turismo, e se conclui o quão difícil que é definir essa atividade, essa dinâmica atividade.

As variáveis importantes na análise do turismo são: o turista, a pessoa disposta a viajar, um motivo da viagem, um atrativo, o transporte e os serviços turísticos.

Em 1979 - No final dos anos setenta e início dos anos oitenta, Leiper e a seguir outros autores que vem o fenômeno turístico a partir da ideia sistêmica, da teoria geral dos sistemas. A partir da análise de sistema, da perspectiva sistêmica, define que “a disciplina do turismo deve ser construída ao redor da estrutura da indústria – um sistema aberto, interagindo com outros meios, físico social econômico etc de cinco elementos que interagem com ambientes mais amplos: 1 – um elemento humano dinâmico, 2 – uma região geradora, 3 – uma região de passagem, 4 – uma região de destino, 5 – a indústria do turismo<sup>11</sup>.

Em 1982, Mathieson e Wall identificam três elementos básicos que formam o sistema turístico: 1 – um elemento dinâmico que compreende a viagem a um destino escolhido; 2 – um elemento estático que compreende uma estadia no destino; 3 – um elemento conseqüente resultante dos dois anteriores, relacionado aos efeitos dos subsistemas econômicos, sociais e físicos com os quais o turista está em contato, direta ou indiretamente<sup>12</sup>.

Mill e Morrison definem o turismo como um sistema de partes inter-relacionadas, que seria como uma “teia de aranha – toque em uma das partes e vai sentir reverberações em todo o sistema<sup>13</sup>”. O sistema seria composto pelo mercado, a viagem, os produtos, o destino e o marketing. Uma definição mais simples é aquela que afirma que turismo é a atividade que tira as pessoas de casa para levá-las a outro lugar (e de volta também) e que provê alojamentos e comida para elas enquanto estão fora<sup>14</sup>.

Organização Mundial de Turismo – OMT – “o turista é uma pessoa que viaja por prazer, por um período de, no mínimo, uma noite, e no máximo, um ano para viagens internacionais e seis meses para viagens nacionais, e cujo objeto principal nos locais visitados não seja o envolvimento em atividades remuneradas<sup>15</sup>”.

Por fim, podemos afirmar que o turismo é um fenômeno econômico, sociocultural, histórico, ambiental, encontra-se associado a muitos dos principais setores da economia mundial, dependente dos níveis primário, secundário e terciário de produção e serviços.

Um dos atrativos turístico é o patrimônio. É o principal atrativo do turismo cultural. O turismo e patrimônio têm uma difícil relação e um difícil entendimento e como afirma Lorenç Prats: relações confusas<sup>16</sup>.

Patrimônio histórico, ou seja, o que ficou o que foi deixado por gerações passadas e que pode ser conservado para gerações futuras, como memória, e como legado de gerações.



Patrimônio preservado significa poder transmitir para o visitante, guiando-o ao entendimento e enriquecimento do contexto do presente. Patrimônio cultural como herança cultural incluem bens materiais e imateriais.

A partir das discussões sobre o conceito de patrimônio, sobre a evolução do conceito de patrimônio e mais especificamente o patrimônio cultural e como tem sido discutido o patrimônio cultural pode discutir a noção de patrimônio e sua conexão, sua importância ao desenvolvimento.

Muito se discute a relação entre o patrimônio cultural e o desenvolvimento as perspectivas econômicas, um das formas de se alcançar o desenvolvimento de pequenas cidades ou territórios.

O patrimônio quando passa pelo processo de valoração, sendo definido e conhecido pelos membros de uma sociedade, pela população pela própria população que é sujeito e objeto de seu próprio desenvolvimento e não por agentes externos, adquire o valor de instrumento para o auto reconhecimento dos indivíduos e dos grupos em seu passado e em seu presente. Esses reconhecimentos contem um valor, resulta na valoração que os indivíduos e a sociedade se delegam a si mesmo<sup>17</sup>.

O patrimônio cultural é uma parte da totalidade da cultura que uma sociedade herdou, recebeu. O patrimônio esta formado de ideias de maneiras de fazer as coisas e objetos e são reconhecidos pelos sujeitos, o patrimônio também é fundamental para a construção de novos e mais coerente modos de compreender e interpretar o mundo.

Patrimônio musealizado como patrimônio de funcionalidade turística primária – os museus

Patrimônio de funcionalidade turística secundária – as igrejas e a coroa  
Muitas vezes como marca mais importante na cidade, como a identidade mais importante da cidade, a identidade da cidade.

Patrimônio de funcionalidade turística incidental -

A maior parte do patrimônio monumental das cidades históricas não está preparado, acondicionados para a visita pública de caráter turístico - pelo tipo de uso da edificação – oficinas, hospitais, quartéis, instalações universitárias e residências em especial, particular, impossibilitando e ou limitando a visita turísticas em muitos os casos.

O turismo valoriza mais ainda o patrimônio, potencializando a preservação do patrimônio para este tornar-se um atrativo turístico preservado.

Turismo cultural e desenvolvimento:

O turismo tem vivido desde a segunda guerra mundial uma expansão de suas atividades sem precedentes provocando rápidas e profundas mudanças estruturais econômicas, sociais e culturais assim como transformações radicais nos espaços urbanos e regionais, na natureza e arquitetura das cidades etc. O turismo cultural está entre a experiência e o ritual. Atualmente há uma grande preocupação com a conservação e preservação, bem como a interpretação e apresentação dos bens patrimoniais, e da

diversidade cultural de cada território demonstrando ser um desafio para todos e em qualquer parte, a gestão do patrimônio.

Atualmente o conceito de patrimônio é vasto e inclui tanto o entorno natural como a cultura, englobando paisagem, arquitetura, a natureza, história, conjuntos históricos, arquitetônicos, práticas culturais tradicionais ou atuais, conhecimento e experimentação.

Nos últimos anos uma ampla variedade de fatores, estimulam o turismo cultural, tanto em termos de demanda como de oferta. A demanda na educação nível de educação, crescimento de profissionais na área.

O turismo cultural tem sido revelado nos últimos anos como uma das modalidades mais dinâmicas desde o ponto de vista da demanda, importante diálogo entre turismo e cultura, de forma que essa importância tem orientado a que muitos municípios, cidades que estavam centrados em outras modalidades do turismo a revalorizar seus próprios recursos e desenhar modelos de dinamização e potencialização como pontos fortes de atração dos visitantes.

O uso das festas locais, das tradições cada vez mais tem sido explorado nos últimos anos como fortalecimento ou início do turismo. Em alguns casos se fortaleceu ou se reativou as datas festivas, sejam religiosas, culturais ou tradicionais. E em outros casos se inventou ou se promoveu novos festivais com o propósito de atrair novos visitantes a cidade ou região. Muitos turistas buscam experiências autênticas e peculiares.

O turismo cultural é uma mistura entre turismo e cultura, como coloca Donaire, e como afirmou, o turismo é cultural e a atividade turística possui características culturais, fazer turismo é viver um pouco de cultura<sup>18</sup>. Donaire comenta sobre as definições de turista, explicando que é turista quem se vê como um turista, mas que ser turista, é ter o comportamento de turista.

Turismo cultural “deslocamentos realizados fora do lugar habitual de residência cuja motivação principal o parcial e o interesse nos aspectos históricos, científicos ou estilos de vida oferecidos pela comunidade, região ou grupo e/ou instituição<sup>19</sup>”.

Ashworth<sup>20</sup> observa a dependência do que contem o turismo cultural a respeito do conceito de cultura utilizado. De acordo com sua premissa propõe uma classificação do turismo cultural em função do que contem o conceito de cultura e do núcleo de interesse do visitante, em uma ordem que vai desde o mais específico ao mais geral:

-Turismo artístico: essa modalidade turística está relacionada com a visita a museus galerias de arte, teatro, dança, concertos de música etc.

-Turismo patrimonial: implica uma transformação prévia da história em patrimônio que se manifesta em termos turísticos em uma série limitada de edifícios monumentais e paisagens urbanas de “ambiente histórico”. Esse tipo de turismo também pode incluir os produtos históricos ou espetáculos culturais contemporâneos considerados na modalidade anterior em conjunto forma o “patrimônio cultural”.

- *place-specific tourism* –lugar específico turístico – em um nível mais alto de generalização a cultura se define como um conjunto de valores, atitudes

e comportamentos de uma comunidade. Cujo fator de atração é a identidade específica de cada lugar, a arte e o patrimônio histórico artístico colaboram na formação dessa identidade.

O turismo histórico e patrimonial é um componente importante na economia das cidades no desenvolvimento da economia. No Reino Unido, por exemplo, na década de 90 apresentou 28 por cento das visitas a esse setor<sup>21</sup>.

Reconsiderado que o contexto ideológico e institucional do turismo em cidades históricas, de patrimônio, é fundamentalmente diferente do que o turismo geral.

Os gestores muitas vezes estão mais preocupados. Mostram-se mais eficientes em fazer do patrimônio uma conservação, guardas do patrimônio do que prover o acesso ao público.

O acesso ao público com bilheterias, sendo pago pode ajudar na conservação. Cobrar um preço é importante também para o controle do número de turistas que podem acessar o patrimônio, desenvolvendo um turismo sustentável.

Nas últimas décadas os organismos do turismo tais como UNESCO, organismos internacionais governos e administrações e instituições de gestão do patrimônio tem utilizado, ativado o patrimônio, fazer o patrimônio para desenvolvimento das cidades.

*Turismo e conservação do patrimônio Turismo e educação patrimonial,*  
Mais do que a conservação do patrimônio o turismo tem como principal impulsor para a questão da educação patrimonial, educação como um todo. Com o processo de modernização das cidades antigas, históricas, de importância histórica, com as melhorias na higiene e circulação e estética. Para isso foram destruídos vários setores, por exemplo, de Paris com a era Haussman, para ser o que é hoje Paris, seu desenho urbano. Haussman buscou conservar vários edifícios que considerava importante, defendia a preservação de vários edifícios que estavam para ser demolidos e destinados à demolição. Acarretando uma transformação geral, uma grande transformação do tecido urbano de Paris no tecido das cidades antigas<sup>22</sup>. A noção de patrimônio histórico urbano nasce na era haussmann, acompanhado com um projeto de conservação nasce na mesma época que haussmann.

Em busca da imagem de cidade moderna da cidade de Paris se transforma, Haussman elabora então um conceito de transformação espacial das cidades. Uma solução ao tráfego etc., eliminação dos bairros pobres e amenidades urbanas, o modernismo e progresso suas ideias foram copiadas nos próximos anos Cerda em 1859, Barcelona remodelação urbana de Viena por forster e Lohe entre 1859 e 1872, entre outros.

É importante explicar as modificações as restaurações feitas, ou seja, assinalar as intervenções modernas feitas no patrimônio histórico. Muitas vezes com o objetivo de valorar as cidades históricas, se busca as reconstituições históricas e muitas vezes podem ser fantasiosas, inventadas, e utilizadas com o objetivo de valorizar o patrimônio histórico.

*- O potencial do patrimônio como recurso turístico*

O conceito do patrimônio, o conceito de atrativo turístico tem mais poder, mais importância, mais significado que o de patrimônio no planejamento do turismo. O conceito de patrimônio evolui de acordo com os interesses do momento. Então se destroem reconstruem etc. os símbolos são dinâmicos, o patrimônio é dinâmico. Nesse sentido pode ser importante a participação de moradores, pessoas no processo de decisão na gestão do patrimônio. Gestão participativa.

O turismo cultural inclui visitas a construções históricas e lugares, museus, galerias de arte, etc., e também para ver pinturas contemporâneas ou esculturas ou atendendo a performance de arte<sup>23</sup>.

Diversos autores vêm conceituando o turismo cultural, o turismo cultural tende a ser uma viagem aos recursos culturais independentemente da motivação inicial<sup>24</sup>.

O termo turismo cultural é empregado, utilizado é aplicado indiscriminadamente para situações diversas como viagens onde a cultura é a atividade principal e a primeira motivação.

O turismo cultural pode ser um fator de regeneração dos municípios e revitalização, não apenas para o aspecto econômico, mas como aspecto paisagístico de preservação do patrimônio cultural e histórico, de imagem externa o interna.

Atualmente existe uma preocupação e ações concretas envolvendo as questões de preservação do patrimônio, principalmente em cidades turísticas. Gestores culturais de locais turísticos estão cada vez mais preocupados em preservar e valorizar o patrimônio cultural. Procuram discutir e planejar o turismo como uma forma, um meio de fortalecer a cultura local com o objetivo de preservar seu patrimônio e buscando um turismo sustentável.

O turismo histórico fornece oportunidade para o desenvolvimento das cidades históricas. O planejamento estratégico sustentável necessita ser apresentado num estágio inicial do processo de desenvolvimento do produto<sup>25</sup>. Faz-se necessário uma especial atenção ao processo de transformação de recursos históricos em produtos turísticos no sistema urbano. Dessa forma torna-se importante o estudo e a avaliação dos impactos dessa transformação e dos padrões de interação existente entre a atividade turística e o sistema urbano com o objetivo de antecipar conflitos, evitando tomadas de decisão equivocadas.

Segundo alguns autores<sup>26</sup>, a gestão do patrimônio é o conjunto de ações planejadas com o objetivo de conseguir conservar os bens patrimoniais e o uso desses bens de forma adequada. Segundo os autores o patrimônio deve ser considerado como um recurso cultural a ser preservado e aproveitado.

O turismo pode ser uma forma para resgatar a história e cultura de um município, e não apenas uma atividade econômica utilizada para gerar renda ou alguma atividade de lazer para a população. Os atrativos turísticos, por sua vez, também criam possibilidades para a revitalização da identidade cultural, a preservação de patrimônios, bens culturais, tradições



e costumes da população local estimulando desta forma a participação da comunidade no desenvolvimento sustentável da atividade turística e auxiliando no planejamento e gestão do desenvolvimento local e regional.

O turismo sustentável é desenvolvido a partir da percepção de que os recursos explorados pelos turistas sejam sustentáveis e para gerações futuras, seguindo os princípios da Carta de Turismo Sustentável<sup>27</sup>,: “deverá ser suportável ecologicamente em longo prazo, viável economicamente e equitativo desde uma perspectiva ética e social para as comunidades locais”.

As questões de preservação, de proteção do patrimônio e participação da comunidade local, nos dias atuais tem sido tema de discussão e de desafio para os gestores do patrimônio turístico, que cada vez mais buscam instrumentos para uma gestão participativa do turismo.

## Notas

- 
- <sup>1</sup> Choay, 1992
  - <sup>2</sup> Gant, 2011
  - <sup>3</sup> Gant, 2011
  - <sup>4</sup> Hernandez, Josep e Tresserras, Jordi Juan i 2008
  - <sup>5</sup> Prats,Llorenç 2004 e Canclini, Nestor Garcia 1999 e 2005
  - <sup>6</sup> Poulot 2006
  - <sup>7</sup> Pellegrini, 1993
  - <sup>8</sup> Josep Hernandez e Jordi Juan i Tresserras, 2008
  - <sup>9</sup> Dogan 1989
  - <sup>10</sup> Gastal 2006
  - <sup>11</sup> Leiper, 1981
  - <sup>12</sup> Mathieson e Wall,1982
  - <sup>13</sup> Mill e Morrison, 1985
  - <sup>14</sup> The economist, 1991
  - <sup>15</sup> OMT, 1987
  - <sup>16</sup> Prats,Llorenç 2004 e Canclini, Nestor Garcia 1999 e 2005
  - <sup>17</sup> Acosta,2011
  - <sup>18</sup> Urry, 1990
  - <sup>19</sup> Silberberg, 1995
  - <sup>20</sup> Ashworth 1995
  - <sup>21</sup> Garrod and Fyall 2000
  - <sup>22</sup> Choay, 1992
  - <sup>23</sup> Richards 1994
  - <sup>24</sup> Hugles 1995

---

<sup>25</sup> Mc Nulty, 1993

<sup>26</sup> Hernandez, Josep e Tresserras, Jordi Juan i 2008

<sup>27</sup> Carta de Turismo Sustentável, 1995

## CAPÍTULO 2 A EVOLUÇÃO DO TURISMO E O SEU IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL E URBANO

Nas últimas décadas o turismo tem se apresentado como uma atividade em constante crescimento em muitos países, alcançando uma importância econômica mundial. A atividade se desenvolveu rapidamente e com um crescimento acelerado, resultando em grandes impactos na economia de diversos países.

Esse rápido crescimento da atividade acabou gerando expectativas de crescimento e desenvolvimento econômico nas cidades e regiões de destino turístico. Dessa forma, o crescimento do turismo influenciou fortemente na dinâmica do desenvolvimento regional e urbano, transformando regiões e núcleos turísticos.

As cidades históricas, centros de importantes núcleos turísticos, têm se apresentado como grande potencial de atrair visitantes e turistas com uma diversidade de atrativos e possibilidades de gerar desenvolvimento econômico nas cidades destino. O turismo urbano se intensifica cada vez mais causando transformações na forma espacial das cidades históricas e acarretando impactos na qualidade de vida dos residentes.

## **Turismo: uma atividade em constante crescimento**

O turismo é um dos fenômenos econômicos, sociais e culturais mais importantes da sociedade atual e encontra-se presente na agenda dos políticos, dos agentes públicos e privados com um papel prioritário nas discussões sobre planejamento e desenvolvimento.

O turismo é uma das atividades econômicas que mais se desenvolveram no século XX e continua crescendo nas primeiras décadas do século XXI. A receita do turismo internacional duplicou no período de 1988 a 1997, elevando-se de 204 para 444 bilhões de dólares<sup>28</sup> segundo a Organização Mundial de Turismo (WTO). Os ingressos pelo turismo internacional na década de 90 chegaram a 262 milhões de dólares e as chegadas de turistas internacionais chegaram a 435 milhões<sup>29</sup>. Na primeira década do século XXI, em 2011 os ingressos pelo turismo internacional alcançaram um total de 1,2 bilhões de dólares, representando 6% das exportações mundiais<sup>30</sup>. No ano de 2014, as chegadas de turistas internacionais alcançaram a cifra de 317 milhões com um crescimento entre 3 e 5 por cento. As previsões prognosticam que se pode chegar ao índice histórico de 1 bilhão de chegadas de turistas internacionais (WTO).

Atualmente, o turismo internacional representa 30 por cento das exportações mundiais de serviço e 6 por cento das exportações globais de bens e serviços<sup>31</sup>. A atividade ocupa o quarto lugar depois dos combustíveis, produtos químicos e alimentação na categoria de exportação mundial. A análise desses dados confirma a consolidação de crescimento da atividade e principalmente a importância do turismo na economia global:

“Durante las ultimas seis décadas, el turismo ha experimentado una continua expansión y diversificación, convirtiéndose en uno de los sectores económicos de mayor envergadura y crecimiento del mundo. Han surgido muchos nuevos destinos que están poniendo en jaque a los destinos tradicionales de Europa y América del Norte<sup>32</sup>”

A evolução do turismo nas últimas décadas demonstra a importância do fenômeno e se faz necessário analisar o impacto de suas atividades no processo de desenvolvimento regional e urbano. O turismo passou por um processo rápido de desenvolvimento, transformando o território aonde é implantado, influenciando na atividade econômica local, regional e na dinâmica da economia mundial. Outro aspecto importante do fenômeno é sua diversificação, dessa forma novos destinos se consolidam e em um futuro próximo podem atrair mais que os destinos tradicionais de Europa e América do Norte.

Atualmente a atividade turística esta presente na agenda dos políticos e gestores, com um importante papel no planejamento e gestão de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento da atividade sendo uma das prioridades, representando uma grande importância nas políticas de muitos países.

O turismo como atividade econômica surge influenciado pela evolução dos transportes e dos costumes, o surgimento do trem vai possibilitar a conexão entre as cidades industriais e os novos espaços de lazer. A gênese do turismo ocorre no *Grand Tour* no século XVII, no entanto é a partir do século XIX que surge a primeira viagem organizada, um *tour* organizado e comercializado.

O turismo de massa surge no pós-guerra, pós1945, e a partir desse período surgem grandes conglomerados no setor com a expansão dos serviços,

elevadas taxas do crescimento econômico mundial e expansão da indústria. São momentos de conquistas trabalhistas como as férias remuneradas, com as melhorias nos salários e com o aumento do nível de emprego resultando em altos padrões de consumo, repercutindo assim, no aumento de horas livres, acarretando o crescimento das viagens de férias. A evolução tecnológica na área dos transportes diminuiu o tempo de deslocamento entre a origem e o destino da viagem. A década de 50 e 60 caracterizou-se pela massificação da atividade turística, com o aumento de *vôos chartes* e o surgimento dos pacotes turísticos.

Muitas políticas governamentais, principalmente na Europa, foram implantadas para atrair divisas e o turismo, então se torna prioritário nas estratégias e planos de recuperação econômica da Europa. Muitos países criaram instituições para o desenvolvimento de destinos turísticos acarretando o crescimento da hotelaria e com a evolução da tecnologia nos transportes, as viagens se intensificam e surgem as operadoras de turismo e as agências de viagem que começam a serem implantadas cada vez mais, especializando-se nas diversas modalidades da atividade turística.

O turismo para ser realizado necessita de um composto de atividades e serviços relativos ao alojamento, a alimentação, aos transportes, a informação, o consumo dos atrativos, as visitas e utilização dos serviços turísticos.

Com o avanço tecnológico dos meios de transportes e dos sistemas de comunicação se consolidou um panorama ótimo para a atividade turística. As distâncias parecem que se encurtaram, com a diminuição do tempo para se chegar a algum destino. Dessa forma aumentam o número de destinos e espaços turísticos. Com a evolução tecnológica atualmente o turismo pode

ser realizado em qualquer lugar, as fronteiras tornam-se inexistentes para quem pode pagar. Com as últimas conquistas do homem em viajar ao espaço e investimentos em viagens comerciais, atualmente existe a possibilidade de realizar o turismo espacial, uma experiência exótica, única e para poucos. Os sistemas de comunicação se tornaram mais eficientes e de resposta imediata, com informações atuais e detalhadas, inclusive com a experiência virtual de “andar” pelas ruas do futuro destino de uma determinada viagem, através da ferramenta, *on street*, do aplicativo *google earth*.

No turismo moderno o homem vem causando modificações de diversas naturezas em busca de atender às suas necessidades e aos seus prazeres do momento. Os lugares são vistos como simples referências espaciais ou como palcos para o desenvolvimento econômico. Em um período de sociedade pós-moderna, novos valores acarretaram novas necessidades causando alterações de hábitos de consumo e a partir do processo de produção surgem novas estratégias de trabalho e novas atividades de serviços. A pós-modernidade refere-se a uma nova época, uma nova ordem socioeconômica associada ao crescimento do setor de prestação de serviços e às formações sociais pós-industriais. E com essa nova perspectiva para o homem surge uma busca incessante da natureza<sup>33</sup> e uma preocupação com o meio ambiente.

As revoluções técnicas e científicas têm ensejado maior complexidade de relações, tanto entre as pessoas e os componentes físicos da natureza quanto entre os grupos sociais, exigindo maior exploração dos recursos disponíveis. O turismo de massa foi a atividade que mais produziu mudanças profundas e rápidas, seja na profissionalização e supersegmentação da demanda, no uso de novas tecnologias que vão

impactar diretamente a viagem. Com a globalização dos mercados e as transformações tecnológicas surgem novos paradigmas: a questão tempo e espaço<sup>34</sup>.

O conceito de distância, um tempo com novo sentido à separação entre lugares (kilométrico) – os lugares podem ser muito distantes entre si, mas tornaram-se mais acessíveis rapidamente através de modernos meios de transportes. A tecnologia tornou os espaços menos distantes entre si, ou seja, com menor tempo de deslocamento o que vai revolucionar a atividade de viagens e o turismo. O que se faz repensar a relação espaço-tempo. A evolução tecnológica dos transportes e comunicação revolucionou a atividade turística, tornando a viagem mais fácil, prática e rápida. Dessa forma aumentou o número de pessoas que querem viajar, os destinos tornaram-se mais atrativos e de fácil consumo. Para o turista o avanço tecnológico representa informação detalhada e atualizada, conforto, segurança, rapidez e um maior controle da viagem e da experiência a ser vivida.

Com a transformação e evolução da atividade turística o conceito de turismo foi adaptando-se aos novos tempos. Um dos primeiros conceitos foi elaborado pelo economista Herman Von Schullard em 1910, a partir de um enfoque estritamente econômico, afirmava que o turismo poderia ser conceitualizado como “a soma das operações, especialmente as de natureza econômica, diretamente relacionadas com a entrada, a permanência e o deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região”. Um conceito puramente econômico e de mais de um século, mas que na prática, ainda vigora como eixo mais importante do fenômeno turístico, a variável econômica.



Em relação aos aspectos conceptuais do turismo, a partir de uma análise do processo de desenvolvimento da atividade, podemos concluir que o turismo se trata de um fenômeno econômico, sociocultural, histórico e ambiental que se encontra associado a muitos dos principais setores da economia mundial. O turismo se apresenta como “um fenômeno social complexo e diversificado<sup>35</sup>”. Pode ainda ser considerada uma das maiores “indústria” do mundo e que depende dos níveis primário, secundário e terciário de produção e serviços.

### **Turismo e desenvolvimento: uma relação conflituosa**

A relação entre turismo e desenvolvimento tem sido muito discutida nos últimos anos tornando-se um campo fértil de debates na academia. Na prática, gestores e atores envolvidos na atividade utilizam as palavras turismo e desenvolvimento em conjunto, nos discursos, projetos e planos futuros. Os discursos sempre mantem a retórica: com o turismo alcançaremos o desenvolvimento necessário à cidade, a economia poderá ser acelerada e ocorrerá um crescimento econômico atingindo toda a região.

Na década de 70 os temas sobre o conceito de desenvolvimento e os novos paradigmas foram discutidos com grandes contribuições teóricas<sup>36</sup>. O novo paradigma, com o enfoque de desenvolvimento através do turismo, é

demonstrado em diversos momentos através de documentos e relatórios das agências globais.

O turismo foi identificado como um potencial modernizador, como estratégia para ajudar os novos países independentes do terceiro mundo e promover grandes transformações na economia desses países e dessas regiões. Entidades financeiras mundiais como, por exemplo, o Banco Mundial, tem adotado políticas de financiamento desde a década de 1970, de projetos voltados ao desenvolvimento dessas regiões mais necessitadas, principalmente projetos de infraestrutura e liberação de créditos para o desenvolvimento dessas economias.

Ainda na década de 70, em 1976 o Banco Mundial e a UNESCO organizaram o primeiro Seminário Internacional de Turismo e Desenvolvimento. Esta iniciativa foi importante como um primeiro momento de discussão sobre o tema e influência ao desenvolvimento de novos campos e avanços de pesquisa sobre o impacto da atividade turística nas regiões de destino, relacionando o desenvolvimento do turismo ao paradigma de dependência, alegando que a atividade turística pode trazer desigualdade entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento<sup>37</sup>.

Na década de 1980, com a agenda neoliberal, surge um novo paradigma de desenvolvimento baseado no papel do livre mercado e com um mínimo papel do Estado, as organizações internacionais, o Banco Mundial e a União Europeia realizaram investimentos em infraestrutura e em produtos, marketing e estratégias de desenvolvimento. Sendo aplicado também o programa de ajustamento estrutural inspirado no Banco Mundial e no FMI de importância estratégica no setor privado para desenvolver o turismo.

Esses programas reduziram em parte o papel do governo para prover investimentos e incentivos estimulando a participação de companhias privadas nos setor turístico<sup>38</sup>.

O processo de desenvolvimento é um processo histórico complexo e muitas vezes podem ser contraditórias<sup>39</sup>. Normalmente o tema é tratado baseado na premissa de que o desenvolvimento é igual a crescimento econômico, ou vice versa. Tratamos o tema baseado nas teorias sobre o desenvolvimento econômico. O enfoque principal na elaboração conceitual do termo desenvolvimento encontra-se diretamente relacionado às teorias de crescimento, às mudanças, transformações estruturais, e transformações e evoluções nos contextos, social, cultural e político e econômico. Teoricamente desenvolvimento implica progresso, evolução e mudança<sup>40</sup>.

Nos estudos turísticos muito se tem discutido a noção do conceito de desenvolvimento, e principalmente com enfoque baseado na ênfase econômica. Na prática, para os investidores e os empresários que investem na atividade, o enfoque de desenvolvimento econômico é visto com a perspectiva de resultados positivos imediatos e rápidos. Para os gestores públicos e privados, o turismo surge como a solução para os problemas econômicos das cidades e das regiões. Dessa forma o turismo é visto como uma perspectiva de desenvolvimento, principalmente de cidades e ou economias com problemas, estagnadas, para estimular a economia de uma dada região. Que papel de fato tem o turismo no desenvolvimento de um determinado território? O turismo pode ser um instrumento de desenvolvimento e promotor de crescimento de uma determinada área?

Em nossa sociedade atual, técnica e globalizada onde as horas de lazer aumentaram e as distâncias diminuíram de tempo para serem percorridas, o

ócio e o turismo representam um importante setor da economia. Devido a sua importância econômica mundial, cada vez mais destinos turísticos, buscam se diferenciar para atrair mais turista ganhando competitividade com objetivo de desenvolvimento da atividade e do seu território.

### *Impactos da atividade turística*

O desenvolvimento da atividade turística durante as últimas décadas ocorreu em um processo de acelerado crescimento em diversos países e vem causando grandes impactos nos destinos turísticos e principalmente, para a comunidade onde o turismo é implantado. Com o potencial de transformar a economia de um dado território, a atividade turística altera a dinâmica dos processos sociais, culturais, políticos e ambientais. O turismo implantado sem planejamento adequado pode causar impactos negativos nas relações sociais, culturais e impactos ambientais. O mais problemático é o impacto ambiental causado pela forma acelerada, sem controle e sem planejamento como é implantada a atividade turística em um determinado território.

As preocupações sobre os impactos ambientais da atividade turística surgem na década de 1960 entre turistas “naturalistas”, ambientalistas e pesquisadores na área, devido ao crescente número de visitantes e preocupações em relação ao risco de um elevado fluxo de turistas visitantes as áreas naturais bem como com os efeitos ecológicos do turismo de sol e praia, causando impactos ambientais, pois a indústria do turismo altera moderadamente ou transforma completamente as regiões de destino de formas adversas, por exemplo, na praia de Acapulco no México e praias na

Espanha. No entanto é somente a partir da década de 1970 que a qualidade do meio ambiente começa a ser importante no produto turístico<sup>41</sup>.

Com a preocupação da relação homem e natureza na prática da atividade turística, surge um novo conceito, o Ecoturismo. David Fennell, 1998<sup>42</sup>, identifica que, ainda na década de 1960, Nicolas Hetzer<sup>43</sup> usou o termo Ecoturismo para explicar o intrincado relacionamento entre os turistas e o meio ambiente e as culturas nos quais eles interagem. O autor identificou quatro pilares fundamentais a serem observados para se realizar uma forma mais responsável de turismo: impacto ambiental mínimo; impacto mínimo em – e respeito máximo às culturas anfitriãs; máximos benefícios econômicos para as comunidades de base dos países anfitrião e satisfação recreacional máxima para os turistas participantes.

Em 1976 surgem no Canadá as primeiras evidências do que seria esse novo tipo de turismo, o ecoturismo. Os *Ecotour* foram desenvolvidos em uma época em que o governo canadense achou importante permitir à população local e a visitantes estrangeiros que apreciassem o relacionamento do ser humano com a terra no Canadá, por meio da interpretação do meio ambiente natural. Nas próximas décadas muitos estudos se desenvolvem em busca de conceituar o ecoturismo<sup>44</sup> e acrescentar novas premissas do ecoturismo e introduzindo novos parâmetros como a educação<sup>45</sup> a identificação da diferença conceitual entre ecoturismo e turismo na natureza<sup>46</sup>. E nas décadas, de 1980 e 1990 o ecoturismo dominou a cena da agenda pública e privada. Atualmente é um segmento do turismo em evidência e crescimento.

O ecoturismo é o desenvolvimento do turismo de forma responsável, com consciências das limitações impostas pela natureza. É o turismo na

natureza, de baixo impacto, e que pode contribuir à manutenção de espécies e habitats diretamente, por meio de uma contribuição à conservação e /ou indiretamente produzindo rendimentos para as comunidades locais, para que elas valorizem e, portanto, protejam suas áreas herdadas de vida selvagem como fonte de renda. Com os princípios de educação ambiental e de sustentabilidade e a natureza ética da experiência.

A partir da década de 70, começam a serem desenvolvidos estudos em busca de uma melhor discussão sobre o tema dos impactos ambientais da atividade turística<sup>47</sup>, identifica 3 diferentes “estados” no relacionamento do turismo com a conservação ambiental: conflito, coexistência e simbiose, uma relação com os estudos de biologia.

Os estudos de Jost Klippendorf<sup>48</sup> apontaram a importância do planejamento, da distribuição dos turistas e dos empreendimentos de turismo como um meio de minimizar os impactos.

Na década de 80, alguns pesquisadores já concluía que a partir da análise dos últimos estudos sobre os impactos do turismo podem refletir conclusões de estudos prévios que sugerem que o desenvolvimento de destino turístico tem um impacto negativo na sociedade<sup>49</sup>.

Em 1980 os estudos de Richard Butler demonstraram o processo da evolução das áreas turísticas, sugerindo que a destinação turística envolve distintos estágios de desenvolvimento. Como exploração, desenvolvimento, consolidação, estagnação e ou declínio ou rejuvenescimento. O conceito de estágio ou ciclo de vida do turismo é descritivo e oferece um campo de indicações de como ocorre a transição entre os estágios e como ocorre a evolução de uma destinação, do desenvolvimento de um destino<sup>50</sup>.

A crítica a muitos dos modelos de evolução ou de desenvolvimento é que se trata de questões de desenvolvimento econômico, apenas com enfoque de interesse a partir do crescimento econômico. As discussões e análises são feitas a partir do enfoque de desenvolvimento puramente econômico, faltando uma análise e discussão sobre a questão geográfica, social e de uma ciência social e geografia, de uma disciplina social e geográfica. E negligenciando os aspectos de enfoque social sem discussão dos impactos sobre as comunidades dos destinos turísticos.

No campo diplomático as organizações internacionais de desenvolvimento têm se dedicado nos últimos 30 anos com projetos de desenvolvimento sustentável.

Em 1983, a ONU cria a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento como um organismo independente. E em 1987 novos estudos dos problemas globais e desenvolvimento são apresentados e a comissão elabora o Relatório *Brundland (Nosso futuro comum)*, primeiro documento oficial formulando as teorias e bases do conceito de desenvolvimento sustentável. Identificando as variáveis do desenvolvimento sustentável: crescimento econômico, preservação ambiental e equidade social. Desse modo o novo paradigma de desenvolvimento seria a sustentabilidade. As principais políticas ambientais e desenvolvimentistas seriam a retomada do crescimento, a qualidade do desenvolvimento, base de recursos, a inclusão do meio ambiente e a economia no processo de tomada de decisões.

Nesse momento, é elaborado o conceito de Desenvolvimento Sustentável pela Comissão Mundial da ONU sobre o Meio Ambiente e

Desenvolvimento (UNCED),”O desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades<sup>51</sup>”.

O crescimento econômico, preservação ambiental e equidade social formam o tripé básico no qual se apoiava a ideia de desenvolvimento sustentável. Segundo o Relatório Brundtland, uma série de medidas deve ser tomada pelos Estados nacionais: a) limitação do crescimento populacional; b) garantia de alimentação em longo prazo; c) preservação da biodiversidade e dos ecossistemas; d) diminuição do consumo de energia e desenvolvimento de tecnologias que admitem o uso de fontes energéticas renováveis; e) aumento da produção industrial nos países não industrializados à base de tecnologias ecologicamente adaptadas; f) controle da urbanização selvagem e integração entre campo e cidades menores; g) as necessidades básicas devem ser satisfeitas.

No nível internacional, as metas propostas pelo relatório foram as seguintes: as organizações do desenvolvimento devem adotar a estratégia de desenvolvimento sustentável; a comunidade internacional deve proteger os ecossistemas supranacionais como a Antártica, os oceanos, o espaço; a ONU deve implantar um programa de desenvolvimento sustentável.

Sobre o desenvolvimento sustentável o Relatório *Brundtland* afirma que:

“procura estabelecer uma relação harmônica do homem com a natureza, como centro de um processo de desenvolvimento que deve satisfazer às necessidades e às aspirações humanas. Enfatiza que a pobreza é incompatível com o desenvolvimento sustentável e indica a necessidade de que a política ambiental seja parte do processo de desenvolvimento e não mais uma responsabilidade setorial fragmentada<sup>52</sup>”.

O relatório apresenta dois conceitos importantes: o de “necessidades, sobretudo as necessidades essenciais dos pobres no mundo, que devem receber a máxima prioridade”; e “a noção das limitações que o estágio da



tecnologia e da organização social impõe ao meio ambiente, impedindo-o de atender às necessidades presentes e futuras”:

A partir do conceito de desenvolvimento sustentável, pesquisadores na área do turismo buscam compreender e identificar os problemas e os impactos ocasionados pelo acelerado desenvolvimento da atividade turística, bem como criar estratégias para alcançar o desenvolvimento sustentável da atividade.

Estudos identificando os impactos sociais e culturais da atividade turística começam a serem desenvolvidos na década de 1980, mas é somente na próxima década que se tornam mais substancial.

Os estudos de Douglas Pearce<sup>53</sup> focaram o estresse ambiental e o autor elaborou um quadro para o estudo do estresse ambiental incluindo as atividades estressantes, a pressão resultante da atividade, a resposta ambiental primária e a resposta ou reação humana secundária ao estresse. Foram identificados quatro aspectos principais relacionados com a reestruturação ambiental permanente, a geração de resíduos, as atividades dos turistas e os efeitos na dinâmica da população.

Foram medidos por Shelby e Heberlein<sup>54</sup>, a percepção de quantidade de gente e a satisfação, por meio de níveis de uso e de encontros, analisando turismo de aventura (canoístas, *tubers*, *rafters*), pescadores, caçadores de veados e caçadores de gansos no oeste dos EUA. Os níveis de uso fornecem uma medida objetiva para avaliar quantas pessoas estavam utilizando o recurso. Os encontros foram determinados ao se colocar um pesquisador acompanhando os grupos e contando-se o número de contatos que faziam com os outros grupos ou simplesmente pedindo aos usuários que relatassem os contatos. Os autores elaboraram duas hipóteses: 1 – À

medida que os níveis de uso e os encontros aumentavam a percepção de excesso de gente também aumentava. – forte relação entre os contatos e essa sensação de muita gente. 2 – à medida que os níveis de uso e os encontros aumentavam, a satisfação diminuía. - Fraco relacionamento entre satisfação e percepção de excesso de gente. Os resultados mostram que níveis mais elevados de uso nem sempre faz com que as pessoas sintam-se em meio a muita gente. Os autores explicam que na auto seleção das atividades, as pessoas escolhem atividades recreativas de que gostam e evitam as de que não gostam. Outro aspecto importante identificado pelos autores é a mudança no produto: os usuários podem mudar seus conceitos de experiência recreativa para lidar com níveis excessivos de encontros. E ficam satisfeitas quando os contatos aumentam e sobre a satisfação, os autores identificaram que o número de pessoas em volta é só uma dentre muitas coisas que podem afetar a satisfação dos turistas. Pois os usuários podem extrair o melhor mesmo de uma situação adversa e que as influências específicas das atividades, varia de acordo com o tipo de atividade.

Alguns estudos têm examinado os impactos socioculturais do turismo, como o importante trabalho desenvolvido por G.V.Doxey<sup>55</sup> que captou o sentimento crescente expresso pela população local à medida que o turismo se expandia com o passar do tempo e ocupava maiores proporções da economia local. O autor identificou 4 estágios principais a serem considerados na avaliação dos sentimentos locais em relação à indústria do turismo:- euforia: os turistas são bem-vindos, com pouco controle ou planejamento; -apatia: os turistas são tolerados e o relacionamento entre os dois grupos torna-se mais formal ou comercial. Geralmente o planejamento é realizado com o marketing do produto do turismo; - perturbação: quando a indústria do turismo experimenta a saturação, a população local passa a

ficar apreensiva em relação ao lugar. Em vez de limitar o crescimento, os planejadores aumentam a infraestrutura; - antagonismo: a irritação é abertamente demonstrada aos turistas e em relação ao turismo, o planejamento tenta remediar, mas a publicidade é aumentada para compensar a reputação de deterioração do local.

Na análise dos impactos culturais foram desenvolvidos estudos<sup>56</sup> sobre os efeitos da exibição em que os padrões locais de consumo mudam para imitar aqueles dos turistas, mesmo quando a população local só chega a ver um lado dos turistas, que muitas vezes não é representativo dos valores exibidos em seus locais de origem (p.ex. padrões de gastos).

Em seus estudos sobre o impacto cultural Robert Briton<sup>57</sup>, afirma que “as expressões culturais são adulteradas para se tornarem mais compreensíveis e, portanto, mais vendáveis ao turismo de massa”. O autor identificou os mais importantes impactos sociais culturais nos locais de destino, tais como, a fragmentação cultural que ocorre em muitos níveis, prostituição, crime, destruição da linguagem em favor de dialetos mais internacionais, na destruição local ou em outras formas de arte, na comida, no vestuário, nos relacionamentos familiares etc.

Os pontos-chave, que podem ser usados como indicadores ou determinantes do impacto, de acordo com os estudos de .C. Ryan, são os seguintes: o número e o tipo de turista foram identificados, o estágio do desenvolvimento do turismo; o diferencial de desenvolvimento econômico entre as zonas de geração do turismo e as zonas de recepção; a diferença de regras culturais entre as zonas de geração do turismo e as de recepção; a dimensão física da área que afeta as densidades da população de turistas; a extensão na qual os serviços do turismo são realizados por uma população

de trabalhadores imigrantes; a quantidade de propriedades adquiridas por turistas; a quantidade de propriedades, serviços e instalações mantidas pela população local; as atitudes dos órgãos governamentais; as crenças das comunidades anfitriãs e a força dessas crenças; o grau de exposição a outras forças de mudança tecnológicas, sociais e econômicas; as políticas adotadas em relação à distribuição de turistas.

Como já afirmamos anteriormente, na década de 90 foi elaborado o conceito de desenvolvimento sustentável pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento como sendo:

“um processo de transformação, no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação da evolução tecnológica e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações humanas<sup>58</sup>”.

Na prática, o conceito de sustentabilidade muitas vezes pode ir de encontro à realidade do processo de desenvolvimento da atividade turística, tornando-se conflitivo, pois cada vez mais as destinações competem pelos mercados domésticos e internacionais, e os gestores estão em busca por atrair mais turistas e muitas vezes o destino pode tornar-se dependente do turismo de massa, resultando em um crescimento descontrolado e insustentável.

Para a o desenvolvimento sustentável da atividade turística deve-se considerar a:

“gestão de todos os ambientes, os recursos e as comunidades receptoras, de modo a atender às necessidades econômicas, sociais, vivenciais e estéticas, enquanto a

integridade cultural, os processos ecológicos essenciais e a diversidade biológica dos meios humano e ambiental são mantidos através dos tempos<sup>59</sup>”.

As variáveis mais importantes que identificamos no conceito, é o desenvolvimento da atividade com respeito e mínimo impacto ao ambiente e às comunidades receptoras.

Em 1992 no Rio de Janeiro, na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a sustentabilidade é considerada aspecto prioritário nos projetos e programas de desenvolvimento. O termo desenvolvimento sustentável entra em vigor na agenda política e social e nas próximas décadas se consolida. Da mesma forma uma das principais atividades econômicas, o turismo, começa a priorizar em sua agenda objetiva de desenvolvimento sustentável para a atividade, tais como o respeito ao meio ambiente natural, harmonia entre a cultura e os espaços sociais da comunidade receptora, e a distribuição equitativa dos benefícios do turismo entre a comunidade receptora, os turistas e os empresários do setor.

O desenvolvimento sustentável pode representar um novo direcionamento da atividade e, conseqüentemente, um grande desafio para os órgãos responsáveis pela preservação ambiental e pelos gestores do turismo em países que apresentam um grande potencial de recursos naturais.

Autores como Pearce<sup>60</sup> têm contribuído na discussão sobre o desenvolvimento do turismo, afirmando a importância do entendimento do conceito. Sobre a relação entre turismo e desenvolvimento o autor comenta que é importante o entendimento de como e onde o conceito de desenvolvimento foi construído e no que constitui.

O turismo foi uma das atividades que se beneficiou da nova ordem que surgiu nas sociedades pós-industriais, fruto de uma nova conjuntura internacional, das mudanças culturais e do crescimento econômico em alguns setores do mundo<sup>61</sup>.

A atividade turística passou a ser setor privilegiado de produção, na medida em que se tornou uma das ocupações sofisticadas do setor terciário. O turismo evoluiu de entreposto de relacionamento humanos superficiais e modas passageiras, para produtor e veiculador de atitudes, de estilos de vida, proporcionando novos padrões de condutas.

Na final da década de 1990 surge um novo conceito, o turismo pró-pobre (*pro poor tourism*). O conceito de turismo pró-pobre, surge na Inglaterra com uma proposta em busca de incorporar os pobres ao mercado capitalista, através de intervenções de projetos que incrementam a economia com oferta de emprego e renda para as pessoas carentes<sup>62</sup>.

Em 2002 o conceito de turismo pró-pobre foi endossado no encontro mundial de desenvolvimento sustentável realizado em Johannesburgo na África, sendo muito discutido o uso dos benefícios sócios econômicos derivados do turismo em incentivo a combater a pobreza no mundo, reduzindo as disparidades econômicas e sociais com o objetivo de combater a pobreza<sup>63</sup>. E a partir dos objetivos do desenvolvimento do milênio adotado pelas Nações Unidas surge então o novo conceito *pro poor tourism*.

Nos últimos 10 anos, a agenda prioritária no processo de desenvolvimento tem sido a redução da pobreza. O conceito de desenvolvimento sustentável e turismo baseado nas comunidades, não tem sido suficiente para redução

da pobreza, ou seja, para o desenvolvimento econômico e social das pessoas<sup>64</sup>.

A atividade turística deve ser realizada com respeito ao meio ambiente e a comunidade local, adotando medidas para que a riqueza gerada no setor possa reverter em benefício a população local e especial aos pobres, as mulheres e aos jovens. A ideia central é oferecer possibilidades para as pessoas que vivem em condições precárias, sem recursos, os pobres, possam obter uma renda com a atividade turística. Dessa forma o enfoque principal do conceito é o de contribuir para a redução da pobreza através da geração de empregos diretos e indiretos através do desenvolvimento de microempresas. Os princípios fundamentais seriam evitar a dependência total do turismo devendo considerar como uma oportunidade que permite a participação da comunidade na tomada de decisão.

O turismo pró-pobre pode ser definido como:

“o turismo com resultados que incrementam os benefícios de pessoas pobres”. Não é especificamente um produto ou nicho do setor, mas sim um enfoque para o desenvolvimento e gestão do turismo. Para contribuir na redução da pobreza através da participação mais efetiva das pessoas pobres no desenvolvimento do produto<sup>65</sup>.

Entre os objetivos do turismo pró-pobre esta a possibilidade de oferecer novos ingressos, facilitar o desenvolvimento, objetivando melhorar o acesso aos pobres ao mercado do turismo. Ou seja, buscar oferecer outra oportunidade alternativa de trabalho e desenvolvimento pessoal através da participação mais atuante na população pobre no processo de desenvolvimento do turismo.

As estratégias do turismo orientado aos pobres basicamente busca um aumento dos benefícios econômicos, da participação social e política dos pobres e um maior compromisso do setor privado, através da diversificação econômica e parcerias, e a implementação de uma política nacional de turismo voltada à diminuição da pobreza<sup>66</sup>.

O conceito turismo pró-pobre não é visto como um enfoque especificamente focado nas oportunidades para a pobreza dentro da atividade turística. O aspecto essencial deste turismo, é a proposta de um enfoque alternativo. O turismo pró-pobre procura aproveitar a indústria do turismo como um todo para contribuir no processo de desenvolvimento.

A iniciativa turismo pró-pobre tem o objetivo de estabelecer uma relação direta entre o turismo e a redução da pobreza com ênfase as necessidades dos pobres no desenvolvimento do turismo, dessa forma o pobre torna-se o foco de conceito.

O conceito do turismo pró-pobre inclui uma variedade de enfoques e paradigmas do desenvolvimento. Enfoques de desenvolvimento alternativo e crítico, liberal e neoliberal têm contribuído com diferentes meios ao crescimento do interesse no turismo e redução da pobreza, embora tenha sido influenciado particularmente por ideias neoliberal e pensamento de desenvolvimento alternativo. Esse enfoque tem sido visto recentemente convergido a mínima parte em volta, de cada conceito como “valor corrente de desenvolvimento” , uma forte orientação de mercado e engajada responsabilidade social do setor privado e atores envolvidos na atividade<sup>67</sup>.



O turismo como atividade econômica tem potencial para criar emprego, gerar salários, gerar e fomentar a infraestrutura e modernização em um dado território, cidade ou região. No entanto isso pode não significar desenvolvimento em muitos casos. Claramente, o turismo pode transformar uma região economicamente, ambientalmente e socialmente<sup>68</sup>. A atividade turística tem sido vista como um meio de transformar, reestruturar e implementar um crescimento econômico sustentável para regiões de declínio particularmente a nível local.

O desenvolvimento sustentável do turismo necessita planejamento e diagnóstico/prognóstico para uma gestão eficaz através de políticas públicas participativas. Muito se discute sobre o papel das instituições nacionais e internacionais do turismo como instrumento de desenvolvimento. Outro aspecto importante a ser discutido é o papel da cooperação público e privada na gestão dos recursos turísticos, fatores essenciais em um processo de desenvolvimento.

O turismo global não é sustentável e não auxilia na construção de uma rede positiva de contribuição a sustentabilidade<sup>69</sup>. No entanto existe um consenso na academia, entre os gestores turísticos e no trade turístico, de que a atividade turística pode alcançar a sustentabilidade, mas que para isso, o processo de desenvolvimento da atividade deve de ser participativo em diversos níveis de envolvimento, bem como se submeter aos objetivos prioritários de um desenvolvimento sustentável do turismo.

Muitas destinações no mundo têm se baseado no turismo como estratégias de desenvolvimento econômico, mesmo que em muitos casos tem acarretado mais problemas do que solução, tornando-se insustentável.

Muitas vezes se discute que os benefícios econômicos podem custar mais que os impactos sociais negativos e impactos ambientais<sup>70</sup>.

Podemos concluir que, o turismo possui um forte papel na agenda das políticas e programas de desenvolvimento regional e urbano demonstrando a sua importância no processo de gestão e planejamento territorial.

Na academia muito se tem discutido sobre o desenvolvimento do turismo e os seus impactos negativos e positivos para a sociedade<sup>71</sup>. O turismo vem gerando impactos de ordem social, cultural e ecológica, transformando paisagens e culturas em mercadorias, produzindo apropriação dos lugares pelo capital e excluindo dos processos turísticos as camadas da população de menor poder aquisitivo<sup>72</sup>.

Nas últimas décadas podemos observar o desenvolvimento de teorias e trabalhos práticos. As discussões no campo teórico vêm sendo desenvolvidas durante as últimas décadas, sendo bem articuladas, conceituadas, propondo estratégias e soluções para a problemática do impacto negativo do rápido crescimento desordenado e não planejado da atividade turística. No campo de pesquisas experimentáveis, temos visto avanços significativos que nos apresentam um quadro preocupante em que vivem diversos destinos turísticos no mundo.

O conceito de turismo sustentável, muitas vezes pode ser visto como o de erradicação da pobreza, distribuição de renda, ou falta de alimentos, ou seja, preocupações reais, mas que no discurso acaba em retórica. É fenômenos sociais inseridos no processo de desenvolvimento capitalista, dependentes do mercado, seu principal motor de desenvolvimento. A atividade turística representa atualmente uma grande parte desse mercado mundial insustentável e interessado somente nos lucros imediatos.

## **Turismo urbano**

As cidades são provavelmente um dos “destinos turísticos” mais antigos da humanidade. Em tempos passados as cidades eram atrativas por serem lugares de feira, negócio, de mercado e de novas descobertas. Os viajantes dirigiam-se às cidades em busca de mercadorias, as feiras na idade média atraíam visitantes como, por exemplo, feira de *Champagne*, na França, *la feria* de Medina na Espanha.

As viagens por ócio, por puro prazer eram poucas e limitadas, e os motivos poderiam ser religioso ou esportivo, como as peregrinações religiosas na antiguidade e a participação dos Jogos Olímpicos, que começaram em 776 a.C.

No entanto, é somente a partir do século XVI, que as cidades começam a atrair os visitantes para conhecer sua cultura e seus atrativos com as viagens realizadas pelos cavaleiros universitários, estudantes ingleses que percorriam as capitais europeias para realizar a prática de conhecimentos adquiridos nas classes teóricas durante o ano.

O interesse do homem em conhecer o mundo em que vivia faz que comece a surgir os primeiros viajantes em descobrimento do mundo. Como vimos nas páginas anteriores é com o *Grand Tour*, com seu auge no século XVIII, que se iniciam as viagens turísticas.

As cidades, sempre se constituíram nos locais de maior acesso à diversidade de oportunidades e de compra de bens, serviços, informações e contatos pessoais. Por isso sua importância e potencial como atrativo ao turista, ao viajante. O espaço urbano é um *locus* de centralidade, dos

centros de produção industrial, centros de consumo, serviços financeiros e econômicos, grandes centros de comércio, áreas de entretenimento e parques temáticos. E naturalmente os espaços para as atividades de recreação, de lazer e de turismo.

Com as mudanças e inovações tecnológicas, a partir da evolução da tecnologia dos transportes surge uma peça fundamental para o desenvolvimento da atividade turística, a máquina a vapor revoluciona o início do século XVIII. Com surgimento do trem, século XIX, as viagens podem ser mais rápidas, seguras e agradáveis.

As cidades já eram centro de atenção dos primeiros turistas, os viajantes do século XVI e XIX quando era realizado o *Grand Tours*. O *Grand Tour* foi popularizado pelos viajantes ingleses, muitos jovens de família abastada recorriam a essas viagens para conhecer o mundo, e o destino eram as principais capitais da Europa. França e Itália os destinos mais buscados. Na Espanha as cidades eram visitadas resultando num enorme número de guias de viagens<sup>73</sup>.

No pós-guerra no século XX, intensificam os fluxos turísticos e ocorre a consolidação do turismo de massa, baseado principalmente no tipo de turismo de sol e praia. Dessa forma os principais fluxos turísticos são os novos centros turísticos do litoral, especialmente as regiões do mediterrâneo, na França, Espanha, Itália. A Grécia também é uma região que atrai muito o turista de sol e praia<sup>74</sup>.

As consequências econômicas, sociais, ambientais e territoriais das últimas quatro décadas do século XIX dessa afluência turística milionária acarretou

a diminuição do número de cidades históricas como destino turístico. Nesse período o fluxo turístico vai se dirigir às praias, em busca do turismo de sol e praias e não ao turismo urbano, as cidades históricas<sup>75</sup>. No entanto, os turistas continuam a visitar a cidade, mesmo com fluxos menores, pois os maiores fluxos são direcionados para o turismo de sol e praia que ganhava destaque nessa época. Atualmente, presenciamos o inverso, existe um grande fluxo turístico em direção as cidades e que resulta em uma importante contribuição a riqueza dessas em seu crescimento econômico. Nos últimos anos o turismo em muitas cidades tem significado uma oportunidade de renovar suas economias declinadas<sup>76</sup>.

Os estudos em turismo urbano têm aumentado nas últimas décadas, paralelamente aos estudos do turismo em geral que já abordamos, podemos observar através da literatura a expansão de artigos científicos discutindo o turismo urbano<sup>77</sup>. Até os anos 80 do século XX o turismo urbano não era reconhecido como um campo científico específico, especializado, e sim um tanto “...fragmentado como um campo distinto cientificamente<sup>78</sup>...”. Na década de 1970<sup>79</sup>, iniciaram os estudos na área de turismo urbano desenvolvendo suas ideias baseadas no conceito de imagem da cidade de Lynch<sup>80</sup>. No entanto somente na próxima década, 1980, é que a visão do turismo urbano como fenômeno e área distinta de pesquisa começa a aparecer na literatura. Muitos autores desenvolvem trabalhos identificando os tipos de turismo e outros afirmando que o turismo urbano é o mais incompreendido desconhecido e subestimado<sup>81</sup>. Outros autores apontaram a importância do potencial do turismo para contribuir com a regeneração dos centros urbanos de declínio industrial<sup>82</sup> e através dos trabalhos desenvolvidos<sup>83</sup> apontou uma série de discussões sobre o tema da pesquisa em turismo urbano<sup>84</sup>, mas certamente o trabalho desenvolvido por

Aschworth<sup>85</sup> surge para definir a importância da continuidade dos estudos nessa área.

O trabalho desenvolvido por Ashworths<sup>86</sup>, com o enfoque geográfico, é o mais consolidado e debatido. O autor apontou, em 1980, a falta de interesse dos pesquisadores na área do turismo que não tem direcionado suas preocupações na análise do tecido urbano da cidade e em contrapartida, os urbanistas não consideravam o fenômeno turístico no desenvolvimento das cidades, apesar do crescimento constante da atividade.

Ashworths identifica quatro variáveis importantes na análise do turismo urbano:

- 1- a facilidade: análise espacial de localização das atrações turísticas, facilidades, serviços, infraestrutura, transporte, zonas etc.
- 2- o enfoque ecológico: estudo da estrutura da morfologia de áreas urbanas, com função em ambos os meios, sistemático e orgânico e identificação das zonas ou distritos funcionais.
- 3- o uso: focado nas características, atividades, motivações, propostas e atitudes dos turistas, particularmente relacionados ao turismo de negócios.
- 4 – as políticas de turismo: promoção do turismo focando em variadas questões políticas, incluindo infraestrutura e destinação de marketing.

Desde esse período houve uma evolução no desenvolvimento das pesquisas na área, e na década de 1990 cresce o número de trabalhos na academia. Muitos pesquisadores se detiveram na questão do turismo urbano com grandes contribuições ao estudo<sup>87</sup> e a evolução do conhecimento sobre a

complexidade do fenômeno turísticos nas cidades, principalmente as cidades históricas.

O turismo urbano possui algumas vantagens que potencializa sua atratividade, é um turismo dinâmico e sensível às mudanças, é mais profissional talvez seja uma tendência no mundo globalizado: “O ambiente funcional e físico das cidades é caracterizado pela percepção de que a paisagem urbana é uma rede na qual muitos indivíduos e grupos tem uma relação social, cultural, política e econômica<sup>88</sup>”.

A partir de um enfoque sistêmico, diversos autores<sup>89</sup> identificam uma perspectiva de análise das relações entre turismo e as cidades históricas. Da complexidade da cidade como produto e destino, espaço turístico e a dinâmica inerente do fenômeno urbano.

Os investigadores do instituto *Euricor European Institute For Comparative Urban Research* utilizando referências<sup>90</sup>, identificam um sistema turístico composto por quatro elementos básicos:

1. Os turistas que decidem viajar motivados por diversos fatores, e de acordo com um de perfil sócio demográfico;
2. Os agentes públicos e privados envolvidos e que formatam, operam e oferecem os produtos turísticos;
3. O sistema de transporte e de mobilidade turística;
4. O destino turístico, com seus recursos, atrações e equipamentos de oferta de serviços etc.;

O estudo parte do pressuposto de Berg e seus colaboradores<sup>91</sup> que identificam o produto primário, ou seja, o principal atrativo turístico da cidade, que possui o potencial de atrair o maior fluxo turístico e o produto

complementário à atividade, os hotéis restaurantes, comércios e serviços turísticos.

Na análise do turismo urbano, duas variáveis são importantes: a atração e a identidade. A atração, o atrativo que a cidade oferece para encantar e trazer a estimular o turista – é a diferença que estimula a visitação. A identidade esta relacionada a memória, a soma das subjetividades que caracterizam o lugar. Esses espaços de memória urbana, do passado que viveu a cidade, que os moradores vivenciaram, deixando marcas urbanas, carimbando marcas urbanas no tecido da cidade. A identidade urbana está intrinsicamente relacionada à memória de um tempo que passou de marcas de identidade em relação ao território e que forma o patrimônio. A identidade: é a materialização, singularidade da cidade.

A identidade urbana é o núcleo do atrativo turístico e é resultado de sua trajetória histórica. As cidades possuem um tesouro materializado no patrimônio cultural e uma grande riqueza resultado da acumulação de vestígios de história urbana e que em alguns casos tem mais de 2000 anos de história.

As cidades são espaços de concentração de atrações, de serviços, de negócios, simbolismo e cultura. São atrativas através da oferta de eventos, feiras e encontros de negócios. As festas populares concentram a população e atraem visitantes em busca de cultura e experiência com novas culturas e diversão. Nas cidades históricas, o turismo consome espaços de núcleos históricos urbanos e culturais.



O turismo consome e transforma o espaço urbano, e dessa forma acaba adquirindo uma função urbana, que incide sobre a materialidade da cidade e do conjunto de funções pré-existente<sup>92</sup>, transformando a configuração espacial da cidade.

### *Turismo em cidades históricas*

As cidades históricas são atrativos especiais que possuem um forte poder de atração a partir de sua singularidade, história e morfologia. A característica básica da cidade que contribui no poder de atração urbana é a sua referência de centralidade. A forma urbana gera espaços que concentram muitas atrações num mesmo local, formando um núcleo de atratividade de fortes influências.

As cidades históricas constituem um tipo especial de aglomerações urbanas, como entidades aonde o patrimônio cultural constitui a principal referência da história da cidade, de sua identidade urbana. Atualmente as cidades podem ser consideradas uma mostra representativa de monumentos de patrimônio: “As cidades na lista de patrimônio mundial da UNESCO são autênticas joias urbanas que devemos conservar nas melhores condições para as próximas gerações”<sup>93</sup>

As cidades históricas são consideradas cidades que apresentam lugares de valores patrimoniais internacionais, declarada como bens de interesse cultural na categoria de conjuntos históricos e que possui muitos bens de importância patrimonial. Apresentam um grande potencial de atração e

singularidade, por ex, as cidades históricas europeias, com sua história e monumentalidade.

O conceito de “cidades históricas” é um artifício socialmente legitimado que esta relacionada com a versão de identidade local, e de forma paralela a “cidade histórica dos turistas” fazem referência a identidade turística, o produto turístico<sup>94</sup>.

“em princípio se pode supor que o êxito das cidades históricas como destino turístico se sustenta no turismo patrimônio – e especificamente nos deslocamento turísticos motivados pela concentração de patrimônio histórico-artístico nesse tipo de cidade. No geral essas cidades não possuem uma oferta de museus ou de eventos artísticos comparáveis com as grandes cidades culturais metrópoles europeias ou americanas, base do turismo de arte<sup>95</sup>”.

O turismo nas cidades históricas constitui uma forma específica do turismo cultural associado à concentração de referentes históricos nos cascos antigos das cidades históricas. Um turismo aonde existe um forte componente de aprendizado e busca de novas experiências de identidade<sup>96</sup>.

A estreita relação entre cidades históricas e turismo cultural deriva da concentração de recursos culturais nesse tipo de destino, ainda que o turismo cultural também compreenda práticas turísticas vinculadas as rotas temáticas, paragens históricas e grandes aglomerados metropolitanos.

Novamente podemos observar a dinâmica do grau de atratividade da cidade histórica. Até a consolidação do turismo de massa no pós-guerra mundial as cidades constituíam os espaços turísticos por excelência, as cidades eram fontes de cultura e Paris era uma cidade destino exemplo desse fato, os

viajantes viajavam a Cidade Luz em busca de conhecimento cultural, de novidades, de conceitos, da moda e da modernidade. Logo após, começa a desenvolver-se rapidamente o turismo de sol e praia. Nas últimas décadas ressurgiu o interesse do turista pelas cidades históricas. Atualmente a busca da cultura e ócio são os componentes básicos do turismo e caracteriza esse tipo de cidade.

Em uma análise sobre a cidade histórica como destino turístico, devemos considerar alguns fatores, tais como<sup>97</sup>:

- o patrimônio constitui o núcleo da identidade urbana das cidades históricas e de forma paralela a base de seu atrativo turístico.
- definir o turismo a partir da demanda (volume, motivações distribuição etc...)
- a seletividade e simplificação são os aspectos característicos do olhar turístico, o visitante busca uma experiência patrimonial.
- as atividades turísticas locais não se limitam a um só sector de atividades senão que pode abarcar um conjunto heterógeno de atividades total ou parcialmente destinadas ao consumo dos visitantes
- os efeitos do turismo se pode sentir em múltiplos âmbitos e em diferentes escalas ainda que sua incidência funcional tenha especial intensidade na cidade histórica turística

E de forma paralela, sua identidade, o sentido de lugar, suporta o do lugar específico de turismo, deriva em grande parte da presença de um ambiente histórico que resulta da acumulação e sobrevivi-o, dos vestígios materiais e imateriais da história de cada localidade:

A monumentalidade com magnificência e grandiosidade, favorece o uso turístico massivo dos referentes culturais locais. Os imóveis de grandes dimensões tendem a configurarem-se como marcas visuais urbanas. Pois geralmente o visitante não tem conhecimento detalhado da cidade que visita, dessa forma os grandes edifícios se configuram como os referentes de sua visita através da caminhada no centro histórico<sup>98</sup>.

A concentração espacial e a proximidade física favorecem e potencializam os referentes culturais como recursos turísticos. Existem poucos marcos isolados e descontextualizados com capacidade para atrair um número significativo de visitantes de fora da cidade e de outras regiões. No entanto, mesmo sendo poucos, seu uso turístico cresce de forma considerável e forma parte de um conjunto, um núcleo contribuindo para formar um ambiente histórico ou historicista. Autores que desenvolvem estudos na área do turismo histórico<sup>99</sup>, comentam a importância da concentração espacial dos recursos como aspecto que potencializa claramente o valor turístico de um recurso singular.

As áreas de concentração de referentes culturais, materiais e imateriais adquirem uma personalidade turístico-cultural fortemente marcada. E se reforça pela ocupação do espaço público por turistas e de locais comerciais orientados ao consumo turístico.

A aparente legibilidade do recurso cultural por parte do visitante ajuda o seu uso turístico. O referente cultural deve ser a encarnação do discurso inerente à identidade por ex, um teatro romano deve corresponder a imagem que a maioria dos visitantes possuem do que seria um teatro romano, incluindo ruínas do teatro, ou seja, como afirma Vaquero, seu estado em ruínas<sup>100</sup>.

Existem alguns fatores que favorecem a conservação dos recursos culturais em grandes centros turísticos urbano sendo o fator básico: a encarnação da identidade turística local e os fatores complementários, singularidade e exotismo; a monumentalidade e a grandiosidade; a adaptação para a visita pública; a legibilidade aparente e localização em áreas dominante paisagístico similar<sup>101</sup>.

Dessa forma, como identificou Vaquero, o tipo ideal, o tipo ótimo de um recurso turístico seria um referente cultural que tenha a aparência, layout, da identidade turística, possua grandes dimensões, se encontre localizado em um entorno de ambiente e contexto histórico similar, no presente grandes dificuldades para sua leitura por parte do visitante não tão informado, sem informação com pouca informação e que se encontre preparado infraestrutura para a visita, estruturado para a visita<sup>102</sup>.

Uma pesquisa realizada por Fortuna<sup>103</sup> em duas cidades patrimônio da humanidade, Coimbra e Évora em Portugal, demonstraram que os grandes monumentos históricos constituem o referente principal da visita e de que de forma secundária aparece o meio ambiente (atitudes dos residentes e animação nas ruas, atividade comercial etc...) o entorno.

A cena urbana, o espaço da rua e suas manifestações também se transformam em atrativo turístico englobando a visita a cidade, pode ser utilizado como recurso turístico, ou seja, um simples passeio pela cidade envolvida em um ambiente histórico, que apresenta um importante casco histórico turístico.

Ao analisar porque é que os turistas visitam as cidades Ashworth e Page<sup>104</sup> afirmam que as visitas estão relacionadas a algumas características das cidades, tais como:

1 - Cada ponto da cidade tem sempre um contexto diferente, o turista visita a cidade e começa a ser atraído por estas características urbanas.

2 - Cidades são caracterizadas por sua densidade e pela diversidade de suas funções, por suas facilidades, por seu ambiente construído, sua cultura e pelas pessoas que vivem a cidade e visitam a cidade.

3 - Cidades são acumulações e concentrações do poder econômico e político<sup>105</sup>, organizações e atividades, cultural, entretenimento, pessoas em busca de ócio.

Law<sup>106</sup> identificou um número de atributos chaves que as áreas urbanas possuem e que potencializa seu poder de atração, tais como: um grande número de habitantes, que atrai visitantes parentes e amigos, pessoas visitantes, porque as cidades oferecem muitas atrações, possuem uma concentração de atrações que se apresentam facilmente acessível com uma grande e importante infraestrutura de transporte. Possuem grandes redes de hotéis, oferecem muitas acomodações e oferecem toda uma rede de serviços e comodidades que o turista necessita.

A grande vantagem do turismo urbano é que seus atrativos, serviços e mercado se encontram concentrado, juntamente com pessoas, áreas de consumo e cultura, valor, expectativas e experiências e podendo oferecer uma excitante paisagem para o turista explorar.

O turismo mundial cresceu nos últimos 30 anos e o turismo urbano também evoluiu, por ter concentração de transporte, acomodação e outras

infraestruturas urbanas turísticas, e principalmente pelo aspecto cultural, a concentração de oferta cultural e ócio.

### *Atrativo turístico das cidades históricas*

Os atrativos são a motivação principal do deslocamento de pessoas, dos turistas, para conhecê-los realizam a viagem até um determinado destino. Um atrativo tem o poder de atrair maior ou menor número de turistas. A atração é um aspecto central, importante do turismo, do sistema turístico. A atração é a motivação para visitar uma destinação em particular ou uma cidade em particular.

Clare Gun<sup>107</sup> considera que a atração tem exercido um magnetismo muito forte sobre as pessoas desde muito tempo. Magnetismo ou não as grandes áreas urbanas ainda continuam atraindo visitantes por apresentar o núcleo, a concentração do sistema de transporte aéreo, doméstico e internacional como gateways como e estágio de uma multidestinação de viagem<sup>108</sup>.

A atração turística pode ser considerado um subsistema que engloba três elementos : o turista, o lugar e a informação sobre o lugar<sup>109</sup>. Torna-se existente a atração quando os três elementos estão conectados. Em busca de uma melhor compreensão do que seja uma atração turística, definindo seus componentes e sua dinâmica Leiper<sup>110</sup> reformulando o enfoque de MacCannell, desenvolve um modelo de atratividade denominando a noção de núcleo para o lugar.

Segundo o modelo de Leiper, a atração turística é um sistema de três elementos (turista, núcleo e a informação) que se relacionam. Uma pessoa com um comportamento turístico, um núcleo, formado por um ou mais

atrativo turístico e a informação sobre o núcleo, sobre o atrativo. Esse sistema seria a motivação para a visita. Ou seja, não seria um magnetismo como afirma Gun, mas sim uma motivação, a busca pela experiência, para passar pela experiência única no momento.

De forma complementar o atrativo turístico das identidades locais deriva da singularidade e exotismo que a cidade histórica pode apresentar. As cidades históricas são espaços urbanos de memória que muitos turistas visitam com o objetivo de entrar em contato com seu próprio passado, ou um passado familiar, ou o passado da própria humanidade<sup>111</sup>.

O patrimônio como recurso turístico pode se transformar em um produto turístico, e em regiões sem muitos recursos econômicos e ou que apresenta um retrocesso econômico, o patrimônio cultural surge como uma nova fonte de recursos econômicos e que poderia desenvolver a economia da cidade, da região. O patrimônio cultural juntamente com o turismo como uma fonte de recursos alternativa para a sociedade e como um incremento da renda dos habitantes em um determinado território<sup>112</sup>.

A concentração de patrimônio cultural constitui a característica definidora das cidades históricas e a base de seu atrativo como destino turístico. Turismo da memória e cidades da memória. A singularidade local materializada no patrimônio e na cidade, no recurso turístico.

Um dos grandes atrativos no turismo cultural das cidades é o cotidiano, é a vida cotidiana urbana, a característica singular da cidade, onde pode se encontrar a essência cultura das pessoas que vivem nesse ambiente, nessa cidade.



Turismo e patrimônio podem ter uma relação de conflitos. O patrimônio constitui uma representação simbólica da identidade de um determinado lugar, representa essa identidade, que se pode conectar, encontrar-se relacionado etc. O patrimônio de consumo turístico seria uma versão singularizada da identidade<sup>113</sup>.

Muitas vezes é difícil determinar que elementos do patrimônio cultural urbano constituem recursos turísticos, principalmente qual sua aportação a oferta turística local e a que obedece seu atrativo turístico<sup>114</sup>. Turismo e motivação cultural, o turismo cultural constitui uma manifestação do consumo cultural de massas característico das sociedades industriais avançadas.

### *O turista das cidades históricas*

O turista das cidades históricas está em busca de uma experiência cultural e patrimonial sendo atraído pelos atrativos que a cidade pode oferecer, através da vida cotidiana e a singularidade do destino, combinando história e cultura.

Bob Mc Kercher identificou a importância do motivo cultural no processo de decisão para visitar uma determinada destinação e da profundidade da experiência<sup>115</sup>. O autor realizou estudo identificando 3 tipos de turista do patrimônio: o forte, o moderado e o baixo, possuindo diferentes comportamentos e padrões. Um aspecto a ser observado é profundidade da experiência, um turista pode realizar a visita por 4 horas outro por 15 horas, dependendo do tipo e cultura do turista.

Quem são os turistas que visitam a cidade? Segundo Law<sup>116</sup> os turistas podem incluir uma população mais educada, na qual a atração é o patrimônio cultural das cidades, onde se pode apreender mais na caminhada e estão mais interessados em apreciar o patrimônio histórico e cultural da cidade; pessoas jovens, que são atraídas pelo ambiente, com entretenimento, a vida noturna, esporte, eventos de esporte, encontros e convenções e exibição de mercado. Outros autores consideram que os turistas visitam as destinações urbanas por motivos como: tempo livre, como, negócios, conferências, compras, visitar os amigos e parentes<sup>117</sup>.

A dinâmica de uso e o comportamento dos turistas das cidades históricas podem ser de difícil descrição. No turismo urbano, observamos uma dificuldade na definição, pois, ambos, turista e residente, usam as facilidades urbanas. O turismo urbano pode consistir em uma forma de turismo de massa nas cidades na qual o turista busca vivenciar a experiência da atmosfera e estilo de vida urbana e todos os outros aspectos que envolve a cultura, gastronomia, esporte, compras e negócios. Uma vantagem do turismo urbano é que pode produzir mais visitas repetidas do que em destinos com um tipo de turismo especializado<sup>118</sup>.

Um estudo<sup>119</sup> realizado na cidade de Girona, Espanha, sobre o comportamento dos visitantes, dos turistas em cidades históricas desenvolveu uma metodologia identificando 4 tipos de turista, Baseado em seus comportamentos: o turista sem cultura, o de ritual, o interessado e o erudito. A metodologia procurou analisar o comportamento do visitante enquanto realiza um tour, caminhando na cidade e consumindo o turismo. A análise foi realizada evidenciando algumas variáveis, tais como: tempo de estada, número de elementos que visitam o tempo que levam em cada visita, o tempo que levam caminhando pelo muro da cidade, uns dos

principais atrativos, e o total de distância percorrida. Propõe uma análise alternativa baseada na observação direta do comportamento dos visitantes no centro histórico utilizando dois eixos principais o ritual e experiência.

A pesquisa mostrou que o turista tipo erudito é o tipo menos comum, no entanto o que mais aproveita toda a visita, pois realiza uma visita completa, dedicando-se mais tempo na visita, sendo o que mais desfruta do produto turístico. O tipo erudito é o que mais tempo se dedica à visita, e o turista ritual é o mais importante do grupo, o mais próximo da média de turista e parece guiado pelo ritual coletivo mais do que pela experiência individual. O turista sem cultural apresenta uma relação superficial e pouco turística-cultural. E o turista interessado parece não estar guiado pelo consumismo e o marketing patrimonial e sim por uma experiência singular, uma experiência patrimonial real.

Capel afirma que nas últimas décadas os turistas mudaram de comportamento e motivações, evidenciando dessa forma, a importância do nível cultural e educativo dos turistas na experiência da visita turística:

“Nas últimas décadas com o aumento do nível de vida e do nível cultural e educativo os turistas tem gerado mudanças importantes em sua caracterização e comportamento dos mesmos, dessa forma aproveitando a viagem como um instrumento de formação e cultivo intelectual<sup>120</sup>”

Nos estudos sobre a fidelidade de turistas a destino históricos<sup>121</sup>, os autores contribuíram com análise da diferença existente baseado na nacionalidade de origem identificando valores de satisfação e antecedentes de fidelidade, a relação entre as variáveis. Identificaram três tipos correntes de turista do patrimônio: três tipos de turistas correntemente são os visitantes das

cidades históricas: 1- os visitantes que consideram o lugar de patrimônio e não estão conectados com seu próprio mundo; 2 - outros visitantes vem por ser parte de seu patrimônio, pois faz parte de suas história, e não por considerar um lugar de patrimônio mundial ou local e outros visitantes classificam o lugar especificando como um patrimônio, isso é o que atrai, o que motiva a visita, o turista busca esse produto, essa designação.

Nos estudos sobre o turismo em cidades históricas e de grandes recursos patrimoniais Van der Borg identifica que por exemplo que a cidade de Siena, considerada patrimônio da humanidade pela UNESCO, corresponde a uma imagem simplificada da cidade medieval. Encontra partida, cidades como Florência e Roma, se comparadas com Siena, são identificadas como diferentes características cuja variedade morfológica e funcional se traduz em uma confusão de época e estilos arquitetônicos<sup>122</sup>. Dessa forma as cidades podem atrair diferentes tipos de turistas, pois apresentam uma diversidade de atrativos.

Por exemplo, em Granada, na Espanha, o atrativo encontra-se relacionado sem dúvida a sua dimensão como elemento central da identidade cultural da cidade. Em associação a um esplêndido passado *nazarí* como capital do último reino islâmico da Europa Ocidental. Para o fenômeno turístico essa associação se manifesta em uma identificação total entre granada e a *Alhambra* conjunto monumental que tem um passado remoto singular no contexto cultural do ocidente cristão.

De modo que o atrativo da cidade histórica deriva da sua singularidade histórica e que representa uma identidade patrimonial.

### *Impactos do turismo em cidade históricas*

Com o crescimento do turismo nos anos 60 e 70 do século XX, as principais cidades da Europa ocidental tornaram-se destinos prioritários. Como não havia nessa época o planejamento do turismo, o papel do poder público e da gestão pública sob a atividade era quase nulo. O turismo ainda não fazia parte da agenda política dos governantes, muitos achavam que o turismo era competência exclusiva do poder privado. O turismo crescia e as cidades acomodavam a procura<sup>123</sup>. Com o processo de planejamento da década de 80, o turismo passa a desempenhar um papel relevante na regeneração dos centros históricos das cidades industriais europeias. O turismo consome espaços e pode transformar as cidades. A atividade turística pode acabar remodelando os espaços urbanos em cidades históricas.

Na análise da função turística nas cidades históricas e seus efeitos<sup>124</sup> a pressão turística, ou seja quantos turistas e o tamanho populacional da cidade, é uma importante variável para diagnóstico e gestão do turismo urbano. A dimensão econômica, os gastos turísticos dos visitantes, o impacto sócio cultural e o impacto num primeiro momento podem ser negativos. As limitações físicas morfológicas do meio ambiente urbano podem ser favoráveis a atividade, mas se faz necessário controlar e limitar o desenvolvimento da atividade turística tornando-a sustentável.

O número crescente de turistas e o aumento da demanda espacial para as atividades relacionadas ao turismo induziram os processos e a pressão de transformação espacial, Segundo Gregory Asworth e Adri Dietvorst<sup>125</sup>, o impacto das atividades turísticas no sistema urbano resulta em um fenômeno complexo, tornando-se necessário compreender a dinâmica desse

processo de transformação. Myriam Jansen-Verbeke<sup>126</sup> afirma que novas atividades são induzidas pelo desenvolvimento do turismo, interferindo no sistema urbano já existente, colocando em risco o equilíbrio do sistema.

Muitas vezes os turistas visitam somente o casco histórico, ou a área, o setor onde estão concentrados os atrativos históricos mais importantes, muitas vezes esses representa uma porção reduzida da cidade histórica, aquela que pode representar de forma mais espetacular a identidade local e contêm as manifestações mais grandiosas do seu patrimônio.

Gregory Asworth e John Tunbridge<sup>127</sup> denominam a este setor do espaço urbano, “a cidade histórica turística”, o âmbito funcional constitui a dimensão espacial resultante da interação entre três fatores: 1) a estratégia de localização do setor turístico; 2) o comportamento espacial dos visitantes e 3) as expectativas e mapas mentais que trazem turistas e excursionistas. Não está clara, a relação de força existente entre essas três variáveis dessa relação óbvia, natural. O visitante tende a concentrar sua atenção sobre aqueles elementos que formam parte de suas imagens mentais, e essa está baseada na própria materialidade urbana.

As lojas de lembranças se localizam espacialmente aonde se concentram os turistas, as melhores ofertas turísticas, os melhores atrativos turísticos, estão concentrados, devem de estar concentrado. E essa concentração reforça o atrativo turístico da zona e ajuda que seja reconhecido pelos turistas e excursionistas como um espaço turístico. Ou seja, forma o núcleo turístico de atração maior, com os atrativos e o comércio.

Esses três fatores encontram-se influenciados por fatores exógenos, por exemplo, o caso dos custos do uso do solo, que impõe fortes restrições a

localização de boa parte das atividades turísticas, em especial aquelas atividades que necessitam de grandes espaços.

Em relação aos fatores determinantes do turismo urbano, Manuel Vaquero<sup>128</sup> a partir de contribuições de outros autores<sup>129</sup>, realizou estudos analisando-os e identificando a disposição dos núcleos monumentais, o uso do espaço turístico e estratégia de localização das atividades turísticas. O autor elabora uma análise da conformação da cidade histórica turística a partir de três fatores que determinam a configuração da cidade histórica – turística, os resumimos a continuação.

1- A existência prévia de uma série de espaços de concentração monumental que reúnem as condições idôneas para converter-se em importante recurso de atração e uso turístico;

Os cascos antigos, os centros antigos se caracterizam pela concentração espacial do patrimônio histórico, espaços de referências culturais de identidade e de memória coletiva de cada comunidade local. Dentro dos cascos históricos a distribuição espacial do patrimônio, dos monumentos, jardins ou zonas arqueológicas pode se apresentar bastante irregular. No entanto se adota uma concepção mais restrita do patrimônio é possível identificar em cada cidade uma série de espaços com maiores ressonâncias culturais e artísticas. O patrimônio não se resume ao valor arquitetônico e esta associada à memória histórica do lugar e eventos festivos, ou seja, a memória construída durante os tempos.

Estes conjuntos correspondem em origem a grandes catedrais, fortaleza, palácios, mosteiros, hospitais e etc. Com o passar do tempo muitos desses conjuntos tem sido musealizado, virados museus e outros como a

catedral, o religioso, revistem uma função turístico cultural muito importante e com grande poder de atração.

Outros elementos podem estar espalhados pelo centro antigo, mesmo que alguns outros elementos se dividem pelo centro, uma parte destacada mais importante se localiza em áreas específicas da cidade antiga, em função de sua relação com o poder.

O turismo pode contribuir com a regeneração dos centros históricos bem como das áreas industriais abandonadas.

Antigamente, durante muito tempo a condição urbana vinha originava-se da condição religiosa, das questões religiosas, do poder religioso, episcopal da condição de sede da igreja do poder religioso. Os conjuntos catedráticos religiosos eram a melhor manifestação da posição crucial da igreja na sociedade local e em seu entorno surgiram as primeiras “áreas centrais” das cidades pré-industriais junto as catedrais se originaram palácios, colégios vinculados a igreja e mais tarde de forma progressiva aparecem instâncias do nível do governo do poder local.

Podemos afirmar que no geral estes espaços centrais dos cascos históricos concentram boa parte dos maiores símbolos arquitetônicos da cidade e constituem conjuntos monumentais em si mesmo, concentrando a atenção dos turistas e em todo momento registram uma presença significativa de turistas.

2 - O uso que realizam os visitantes da cidade a partir de seus interesses, expectativas informações anteriores, imagens e os mapas mentais dos turistas em relação a cidade.



O segundo fator que determina a configuração espacial da cidade histórico turística está relacionado aos visitantes, ao uso que estes fazem da cidade histórica deriva boa parte da própria configuração da cidade e é específico de cada lugar.

O turista pode ser considerado excursionista ou turista, excursionista de um dia. Os visitantes, os turistas é toda a pessoa que se desloca a um lugar distinto ao seu entorno habitual por um período de tempo inferior a 12 meses. Quando o turista, o visitante não pernoita ou permanecer um mínimo de 24 horas no lugar visitado é classificado como visitantes do dia ou excursionistas, turista que ficam mais tempo no lugar de atração no lugar turístico.

No entanto, turistas e excursionistas tendem a repetir pautas de comportamento em todos os lugares de visita de característica similar, (destino de sol e praias, cidades turísticas etc...) e seu uso das cidades históricas este bastante determinado antes de sua chegada e com a independência das características da cidade, um rol de visitantes com comportamento previsível.

Os turistas, os visitantes estão mais interessados em uma experiência de viagem satisfatória dentro de um contexto de ócio que em uma análise dos lugares que visitam, estão interessados em uma versão simplificada da identidade local e do patrimônio espetacular, de acordo com as expectativas, com as imagens previamente formadas, concentrando a visita nos lugares mais representativos, ou mais grandiosos.

Maria García Hernández<sup>130</sup> analisa essa tendência de concentração a partir dos processos de percepção do espaço turístico *in situ*. Desde o ponto de

vista da configuração do espaço turístico receptor podem caracterizar distintos pontos e elementos em função do papel que cumprem dentro do esquema de mobilidade dos visitantes.

Em estudos sobre a legibilidade da cidade desenvolvida por Lynch<sup>131</sup>, o autor afirma que podemos diferenciar elementos que funcionam como barreiras naturais ou edificadas, símbolos de referência da visita, pontos focais. Em geral os visitantes não memorizam a paisagem, mas se movem em busca dos cenários que correspondem com as imagens que produzem prazer visual. Pode-se afirmar que o comportamento espacial dos visitantes é mais espontâneo que dos residentes.

A forma como o visitante realiza sua visita espacialmente, ou seja, o comportamento espacial do visitante não deriva de algum conhecimento prévio do espaço como o residente (que possui um mapa mental) senão de intuições baseadas em três aspectos: O que busca (em parte os símbolos de referências da visita) (isso está relacionado as motivações da visita e a imagem e o conhecimento prévio que o turista, o viajante tem sobre o destino turístico; as pistas que lhe proporcionam a configuração física do próprio espaço e algo de lo que sugere a informação que recebe através das sinalização turísticas, das guias etc... (esses dependem basicamente da percepção in situ...em campo.....).

No contexto da visita turística, isso implica que os visitantes de um destino turístico, desconhecedores, sem conhecimento do espaço que estão prontos a mover-se caminhando, possam articular-se entender e a lógica da visita, primeiro desde a busca dos elementos que reconhecem que tem imagem (os símbolos de referência da visita) depois desde a busca da forma de movimentar-se de um elemento ao outro, os eixos de conexão e podem

inclusive que chegar a buscar a compreensão da lógica espacial e funcional que une os distintos elementos e por tanto a caracterização funcional dos espaços aonde se encontram os elementos e suas inter-relaciones.

Surtem assim categorias espaciais do tipo “o bairro judeu”, a zona da catedral etc. de certa forma, isso é resultado de um maior grau de apreensão e conhecimento espacial e que exige maiores níveis de abstração.

3 - As estratégias de localização dos principais setores da atividade turística, em especial as lojas de artesanatos e lembranças, restaurantes e hotéis: o espaço, um núcleo turístico onde podemos encontrar no entorno de alguns atrativos, o comércio e os serviços turísticos.

Na análise de como o turista usa a cidade, Ashwort e Page<sup>132</sup> apresentam uma discussão afirmando que o aspecto de seletividade, rapidez, repetição e detalhe são importantes variáveis para entendimento do comportamento dos turistas enquanto visitantes de uma determinada cidade. Na seletividade, o turista visita geralmente somente uma parte do todo que a cidade pode oferecer; na rapidez, o turista tem pouco tempo, somente visita o os atrativo principais; na repetição, o turista pode passar muitas vezes pelo mesmo atrativos ou lugar e no detalhista, o tour é realizado nos mínimos detalhe, o turista elabora o tour com cuidado nos mínimos detalhes.

As cidades históricas sem dúvida se constituem em valiosos acervos do patrimônio cultural e importantes recursos turísticos. Os estudos sobre o turismo nas cidades históricas demonstram que o interesse do turista pelos atrativos urbanos esta em crescimento.

Os principais impactos da atividade turística nas cidades históricas seriam os problemas de trânsito (tráfego e estacionamento) causado pelo grande número de visitantes, acarretando em aumento dos problemas cotidianos das cidades como a poluição, engarrafamentos, e principalmente a irritação da população local em relação ao uso intenso da cidade e do patrimônio<sup>133</sup>. O principal impacto observado pelos autores é o fato de que a atividade turística pode afetar a integralidade do patrimônio, o principal recurso, e a qualidade de vida dos residentes.

Quais os elementos do patrimônio, ou seja, da herança cultural, que podem criar ou regenerar valor de identidade do lugar, da comunidade? A Tese aborda precisamente essas questões que desenvolveremos nos capítulos seguintes:

## Notas

---

<sup>28</sup> WTO,1998

<sup>29</sup> UNWTO World Tourism Barometer 2012

<sup>30</sup> UNWTO World Tourism Barometer 2012

<sup>31</sup> WTO,2012

<sup>32</sup> UNWTO World Tourism Barometer 2012

<sup>33</sup> Usher e Edward, 1994

<sup>34</sup> Fayos;Solé,1997; Xavier, 2007

<sup>35</sup> Barreto, 1995,

<sup>36</sup> J.M. Miossec 1976, Richard Butler 1980,Jost Krippendorf 1982

<sup>37</sup> Hummel and van der Duim,2012

<sup>38</sup> Hummel and van der Duim,2012

<sup>39</sup> Fennel, 2002

<sup>40</sup> Gardener and Lewis, 1996

<sup>41</sup> Ruschman, 1990

<sup>42</sup> Fennel,1998

<sup>43</sup> Hetzer, 1970

<sup>44</sup> Ceballos-Lascuráin, 1988

<sup>45</sup> Laarmann e Durst, 1987; Laarmann e Durst, 1993

<sup>46</sup> Goodwin, 1995 e Wallace e Pierce, 1996

<sup>47</sup> Budowski,1976

<sup>48</sup> Krippendorf,1977

<sup>49</sup> Butler,1980

- 
- <sup>50</sup> Butler, 1980  
<sup>51</sup> Relatório Brundtland, 1987  
<sup>52</sup> Relatório Brundtland, 1987  
<sup>53</sup> Pearce, 1997  
<sup>54</sup> Shelby e Heberlein, 1986  
<sup>55</sup> Doxey, 1975  
<sup>56</sup> Britton, 1977; Hope, 1980; Methieson e Wall, 1982  
<sup>57</sup> Britton, 1977  
<sup>58</sup> Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente Para O Desenvolvimento CMMAD 1991  
<sup>59</sup> Globe'90 1990  
<sup>60</sup> Pearce, 1997  
<sup>61</sup> Barreto, 1995  
<sup>62</sup> Harrison, 2008  
<sup>63</sup> UNWTO 2002 a 2002b  
<sup>64</sup> Hummel and van der Duim, 2012  
<sup>65</sup> López e Arroyo, 2012  
<sup>66</sup> López e Arroyo, 2012  
<sup>67</sup> Harrison, 2008  
<sup>68</sup> Gunn, 1988  
<sup>69</sup> Buckley, 2012  
<sup>70</sup> McLennan, 2012  
<sup>71</sup> Moyle et al, 2010  
<sup>72</sup> Xavier, 2007  
<sup>73</sup> Serrano, 1993.  
<sup>74</sup> Vaquero, 2006  
<sup>75</sup> Vaquero, 2006  
<sup>76</sup> Law, 1996  
<sup>77</sup> Ahworth & Tunbridge, 1990; *Asworth 1992* Law, 1993; Page, 1995; van den Berg, van den Borg & van der Meer, 1995; Law 1996; *Pearce, 1995*; Judd & Fainstein, 1999; Ahworth & Tunbridge, 2000; *Pearce, 2001*; Law 2002; Page & Hall, 2003; Edwards et al 2008; 2010; Ahworth & Page 2011  
<sup>78</sup> Edwards et al 2008, pg 1034  
<sup>79</sup> Burgess 1975 e Pearce 1977  
<sup>80</sup> Burgess 1975 e Pearce 1977  
<sup>81</sup> Vandermeij, 1984  
<sup>82</sup> Hall, 1987  
<sup>83</sup> Pearce 1977  
<sup>84</sup> Pearce 1977  
<sup>85</sup> Ashworths, 1989  
<sup>86</sup> Ashworths 1989  
<sup>87</sup> Ashworth and Tunbridge 1990 2000 Law 1993 1996  
<sup>88</sup> Edwards et al 2008 pg 1036  
<sup>89</sup> Vera *et al.* 1997  
<sup>90</sup> Vera *et al.* 1997  
<sup>91</sup> Berg et al, 1995b  
<sup>92</sup> Vaquero, 2006 pg 9  
<sup>93</sup> Vaquero, 2006 pg 60, tradução da autora  
<sup>94</sup> Ashworths, 1990a  
<sup>95</sup> Vaquero, 2006, pg 90  
<sup>96</sup> Vaquero, 2006  
<sup>97</sup> Vaquero, 2006  
<sup>98</sup> Vaquero, 2006  
<sup>99</sup> Ashworths, 1990; Leno, 1993; Asworth e Dietvorst, 1995 e Jansen-Verbeke, 1997  
<sup>100</sup> Vaquero, 2006  
<sup>101</sup> Vaquero, 2006  
<sup>102</sup> Vaquero, 2006  
<sup>103</sup> Fortuna, 1997  
<sup>104</sup> Ashworth e Page, 2011  
<sup>105</sup> Church & Coles, 2006  
<sup>106</sup> Law, 1996

- 
- <sup>107</sup> Gun, 1988  
<sup>108</sup> Edwards et al 2008  
<sup>109</sup> MacCannell 1976  
<sup>110</sup> Leiper, 1990  
<sup>111</sup> Vaquero, 2006  
<sup>112</sup> Frigole, 2007  
<sup>113</sup> Vaquero, 2006  
<sup>114</sup> Vaquero, 2006  
<sup>115</sup> Bob Mc kercher, 2002  
<sup>116</sup> Law, 1996  
<sup>117</sup> Edwards, Griffin & Hayllar, 2008  
<sup>118</sup> Ashworth, 2003  
<sup>119</sup> Espelt 2005; Espelt & Benito, 2006  
<sup>120</sup> Capel, 2009  
<sup>121</sup> Forgas-Coll *et alli* 2012  
<sup>122</sup> Van der Borg, *et alli* 1996  
<sup>123</sup> Burtenshaw, D; Bateman, M e Ashworth, G.J. 1990  
<sup>124</sup> Vaquero, 2006  
<sup>125</sup> Asworth e Dietvorst, 1995  
<sup>126</sup> Jansen-Verbeke, 1997  
<sup>127</sup> Ashworth e Tunbridge, 1990  
<sup>128</sup> Vaquero, 2006  
<sup>129</sup> Ashworth e Tunbridge, 1990  
<sup>130</sup> Hernández, 2001  
<sup>131</sup> Lynch, 1960  
<sup>132</sup> Ashwort e Page 2011  
<sup>133</sup> Van der Borg, *et alli* 1996

## CAPÍTULO 3 UMA CIDADE COM UMA RICA HISTÓRIA

A cidade de Pelotas situa-se em uma região de planície costeira e de transição para a paisagem da Serra dos Tapes. Está localizada às margens do canal São Gonçalo, na região sul do estado do Rio Grande do Sul, próxima a fronteira com o Uruguai. Uma região de rica hidrografia, o canal São Gonçalo encontra-se conectado com a Lagoa dos Patos, maior lagoa costeira da América Latina, que desagua no Oceano Atlântico na cidade de Rio Grande.

Nesse capítulo procuramos apresentar a história da cidade, desde as primeiras ocupações no território, o nascimento da freguesia, até tornar-se a Princesa do Sul, uma cidade aristocrática e moderna no século XIX. A história da cidade está relacionada ao ciclo do charque no Brasil que inicia no final do século XVIII. A indústria saladeril escravista cresce rapidamente e Pelotas torna-se o primeiro polo industrial produtor e exportador de charque do país.

A acumulação da riqueza resultado do trabalho escravo influenciou fortemente o desenvolvimento da cidade, transformando Pelotas em uma das cidades pequenas mais modernas do país. Rapidamente a modernização do período industrial transforma a cidade influenciando o seu processo de urbanização e a vida social e política.

A cidade vivera seu apogeu de modernidade e riqueza a partir de meados do século XIX e início do século XX. Com o rápido e moderno processo de industrialização e urbanização a cidade vivenciava uma urbe moderna com o telégrafo, com abastecimento de água, a estação de trem, os bondes, o telefone e a eletricidade.

Essa época deixou uma herança do seu passado de transformações urbanas, sociais e políticas. Atualmente se apresenta com uma rica história formando um patrimônio cultural muito importante. Pelotas possui um dos mais ricos patrimônios arquitetônicos dos primeiros anos do século XIX do país, ainda conservados, resultado da acumulação da riqueza da indústria do charque.

### **O nascimento de Pelotas**

A área onde se localiza atualmente a cidade de Pelotas fazia parte de uma região de importância estratégica para a ocupação e consolidação da colônia de Portugal. O nascimento da cidade de Pelotas está relacionado ao domínio colonial na região platina durante o conflito entre Portugal e Espanha pelo território e com as doações das semarias na região. Estudos recentes da arqueologia sugerem que anteriormente índios Guarani e outras culturas indígenas povoaram a região.

#### *Domínio colonial na região platina*

No século XV inicia a disputa entre portugueses e espanhóis pelo domínio do território do rio da Prata, estuário formado pelos rios Paraná e Uruguai, na costa Atlântica da América do Sul. A região platina possuía uma localização estratégica, pois o rio da Prata era uma das únicas entradas fluviais ao continente sul americano, além do Rio Amazonas, e que dava acesso aos produtos das minas de prata andina originando o nome rio da Prata.



O tratado de Tordesilhas em 1494 definiu o território de ambas as nações, a partir da linha imaginária a 370 léguas das ilhas de Cabo Verde. As terras a oeste pertenciam à Espanha e as terras a leste, a Portugal. Porém não foi delimitada a área exata dos territórios. Para os espanhóis o meridiano atravessaria as atuais cidades de Belém, à margem direita da foz do rio Amazonas, no Pará, ao Norte e Laguna, em Santa Catarina ao sul do território. Por outro lado, a divisão recaía na outra margem do Amazonas e terminava na Patagônia. O controle do Atlântico Sul e o domínio dos litorais da África e da América pertenceriam à Portugal<sup>134</sup>. No entanto, em 1512 os cartógrafos portugueses já reconheciam e elaboravam mapas incluindo o rio da Prata dentro dos seus domínios coloniais. Em contrapartida, os espanhóis fundaram Buenos Aires em 1536, na margem direita da foz do rio da Prata. Em 1680 os portugueses fundaram a Colônia do Sacramento, à margem esquerda do Rio da Prata, em território espanhol. O mapa abaixo nos mostra a região com a localização do núcleo charqueador, das cidades de Rio Grande, Montevideo, Colônia de Sacramento e Buenos Aires (figura1).

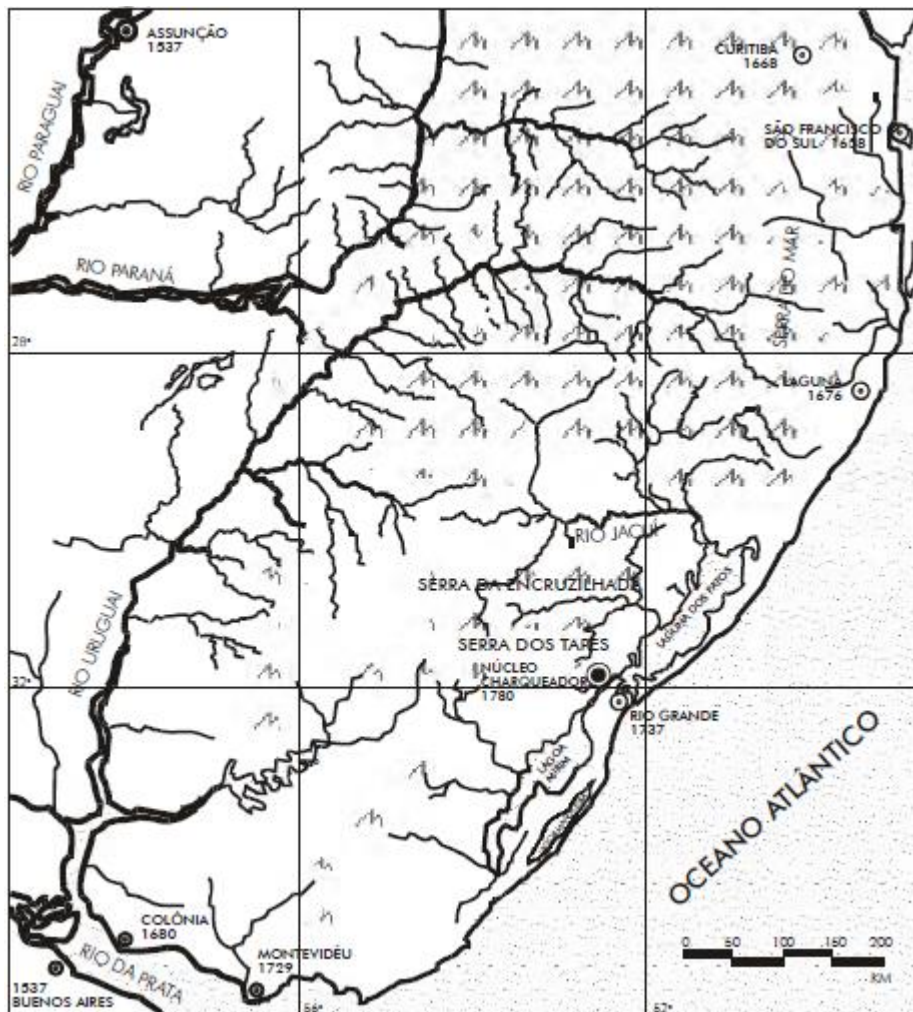


Figura 1: Mapa de localização regional: núcleo charqueador, Rio Grande, Montevidéu, Colônia de Sacramento e Buenos Aires

Antes da chegada dos colonizadores europeus ao território dos rios Paraguai, Paraná e Uruguai, a região era habitada pelos índios tupis-guaranis. No início do século XVII foram escravizados inicialmente pelos espanhóis e mais tarde também pelos bandeirantes paulistas que buscavam trabalhadores escravos. Em 1620 os espanhóis implantaram as missões jesuíticas próximas ao rio Uruguai com o objetivo de evangelizar os índios e consolidar o território. Nas missões os índios foram treinados para a atividade agropastoril, onde criaram grandes rebanhos de gado. Com as guerras e disputas nessa região entre espanhóis e portugueses, em 1680 o gado foi abandonado pelos jesuítas e guaranis, reproduzindo-se durante 50

anos e formando as vacarias, uma região de gado abundante. A grande quantidade de gado solto vai influenciar a vocação econômica da região<sup>135</sup>.

Com o fluxo dos paulistas para a região sul em busca de escravos, surge a cidade de Laguna em 1676, e é dessa povoação que no início do século XVIII, saíam os primeiros moradores dos campos de Viamão, segunda capital do estado do Rio Grande do Sul, e os criadores das estancias sulinas que vão ocupar Rio Grande de São Pedro.

Por volta de 1720 os açorianos, vindos de Laguna, chegaram a região de São José do Norte, planície costeira ao sul do Brasil, situada entre o oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos, com o objetivo de resgatar o gado abundante na região, oriundo das missões.

Em 1737 uma expedição militar portuguesa foi enviada a região do extremo sul do Brasil, atual cidade de Rio Grande, com o objetivo de ocupar e consolidar o território. Foi fundado o Forte Jesus, Maria, José, um presídio, uma colônia militar, a colônia do Rio Grande de São Pedro, foi fundada no mesmo ano, a mais antiga do Rio Grande de colonização portuguesa. De importância estratégica, o lugar onde situa-se Rio Grande, foi importante para apoiar a comunicação entre Laguna e a Colônia de Sacramento e para consolidar a ocupação da região sul.

Depois de longas disputas foi acordado no Tratado de Madrid de 1750 que Portugal cederia a Colônia de Sacramento e em troca ficaria com a região das missões.

A capitania do Rio Grande de São Pedro, foi criada em 1760, e a vila de Rio Grande tornou-se o primeiro centro do governo da região. Em 1763 os

espanhóis invadem e ocupam a vila até 1776, quando foram expulsos pelos portugueses. Durante a ocupação dos espanhóis na região a capital do governo foi transferida para a recém criada vila de Viamão.

Em 1777, o Tratado de Santo Ildefonso define que as terras da Capitania de São Pedro do Rio Grande Sul pertenceriam a Portugal, terminando a disputa de terras entre Portugal e Espanha na região.

A capitania do Rio Grande de São Pedro inicialmente estava subordinada à capitania do Rio de Janeiro e em 1807 foi elevada à Capitania Geral com o nome de Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, conquistando sua independência administrativa.

#### *Ocupação do território do município de Pelotas*

A cidade de Pelotas localiza-se às margens da Lagoa dos Patos, e próxima da cidade de Rio Grande, ao sul do estado do Rio Grande do Sul. Pelotas e Rio Grande conformam uma a região de fronteira com o Uruguai, uma localização estratégica para a colônia de Portugal.

Inicialmente a ocupação do território do município de Pelotas esta relacionada a sua localização estratégica militar frente aos citados conflitos entre portugueses e espanhóis ao sul do Brasil, atual fronteira com Uruguai, e as doações de terras sesmarias do império português.

Em 1758, o governador Gomes Freire de Andrade doou as terras do rincão de Pelotas ao tenente coronel Tomaz Luís Osório, possivelmente como agradecimento por sua participação nos conflitos de conquista e consolidação do território ao sul do Brasil. (figura 3).

O povoamento nessas terras inicia a partir de 1763 com os conflitos territoriais em Rio Grande, resultando na ocupação dos espanhóis até 1776. Alguns habitantes que viviam do agropastoril em Rio Grande se refugiaram em uma área próxima, no canal São Gonçalo, chamado de campos das Pelotas.

Na área do rincão de Pelotas seriam implantadas, por volta de 1780, as primeiras charqueadas, impulsionando o crescimento da ocupação que mais tarde se tornará parte da cidade de Pelotas.

A grande quantidade de gado, que foi abandonado pelos jesuítas, vai influenciar a atividade econômica da região dando origem a atividade saladeril escravista. Sua estratégica posição geográfica facilitou o escoamento da produção saladeril, através do Arroio Pelotas e do Canal São Gonçalo com acesso a Lagoa dos Patos, conectando-se com o oceano atlântico (figura 2).

Dentre os primeiros charqueadores José Pinto Martins é identificado como o pioneiro na produção do charque em Pelotas em 1779<sup>136</sup>. O charqueador era português, vivia e produzia carne de sol no Ceará, no Nordeste do Brasil, e tentou estabelecer a primeira charqueada industrial dentro dos limites da Vila do Rio Grande. Porém com os problemas com o clima, grande quantidade de vento que movimentava uma areia fina que colavam nas mantas de charque, resolve implantar sua primeira charqueada às margens do Arroio Pelotas em 1779. Entretanto nos últimos estudos realizados se encontra registro de que o pioneiro da indústria saladeiril foi o proprietário da sesmaria do Monte Bonito, capitão Inácio Antônio da Silveira Cazado que estabeleceu uma charqueada denominada de Charqueada da Santa Bárbara próximo a margem do arroio Santa Bárbara<sup>137</sup>.

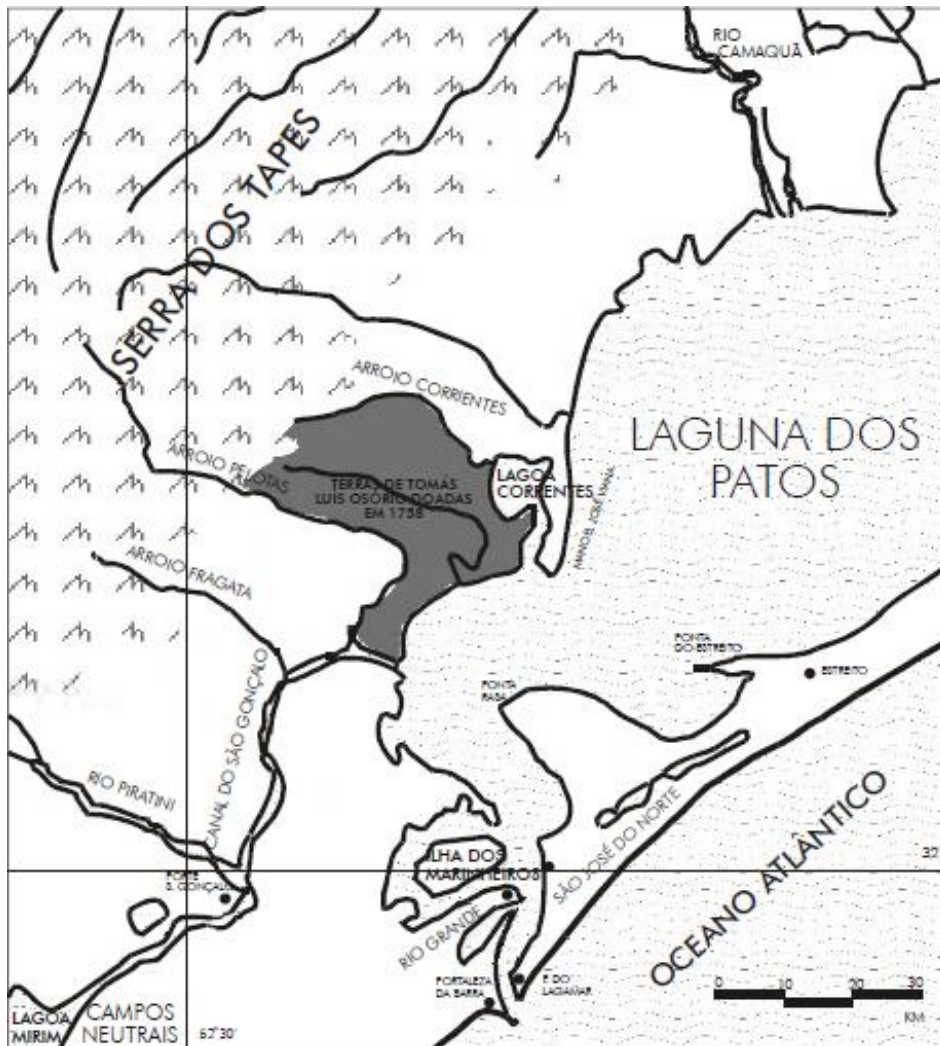


Figura 2: Primeira doação de terras (semarias) na área de Pelotas, Fonte: Elaborado por Gutierrez, 2001

Independente de quem foi o pioneiro na indústria do charque, se entende até então, que por volta de 1779 inicia-se na região uma importante atividade industrial, as charqueadas, que vai influenciar a ocupação e o desenvolvimento do território. A produção do charque vai impulsionar a fundação da cidade de Pelotas e influenciar o seu desenvolvimento econômico, político, social e cultural.

Em 1780 foram distribuídas novas parcelas de terras na região. Através das doações de sesmarias surgem as primeiras estancias: Pavão, Santana, São

Tome, Santa Bárbara, Monte Bonito, Pelotas e Feitoria que anos depois formaram o território do município de Pelotas.

Charqueadores e donatários de terras iniciam uma economia próspera com a indústria das charqueadas impulsionando a povoação que evolui rapidamente. As primeiras charqueadas se localizavam às margens do arroio Pelotas. Expandindo-se para terrenos situados entre o canal São Gonçalo e os arroios Pelotas e o Santa Bárbara formando o núcleo charqueador. A região, com sua riqueza hidrográfica, possuía as condições ideais para a implantação da indústria das charqueadas, com facilidade de escoamento da produção.

Em 1810 a população, que tinha que se dirigir a Rio Grande para participar das cerimônias religiosas, solicitou a construção de uma igreja no povoado. Com a construção de uma igreja o povoado poderia tornar-se freguesia. Somente após dois anos é que a população pelotense recebe a permissão para a construção de uma igreja (permissão dada através de uma Bula Papal).

### **A evolução de Pelotas**

O processo de evolução da ocupação encontra-se relacionado à necessidade da elite de expandir a indústria saladeril, desenvolvendo as condições propícias para a acumulação do capital. Após tornar-se freguesia surge o primeiro loteamento da ocupação e logo a expansão ao sul com a implantação do segundo loteamento, consolidando sua morfologia.

A expansão das charqueadas fez com que a cidade prosperasse rapidamente, transformando-se, já nas primeiras décadas do século XIX, de incipiente povoação que era ao final do século XVIII, em uma das mais ricas e adiantadas cidades da Província do Rio Grande.

### *Freguesia de São Francisco de Paula*

A freguesia que vai dar origem a cidade foi criada para atender à indústria saladeril, tornando-se um centro comercial e de serviços de apoio ao processo da produção do charque . Em 1812 com a permissão para a construção da igreja era necessário decidir onde seria a sua localização e a área e o delineamento do primeiro loteamento da cidade. Para o local de construção da igreja existiram três propostas, cada uma com seus interesses, motivados seja pela localização e proximidades com suas terras, bem como de locais menos alagados e possibilidade de implantação de um porto. Num primeiro momento se pensou construir a igreja na praia do Laranjal, região costeira, no balneário dos prazeres; outro possível lugar seria na rua Gonçalves Chaves entre as ruas Barão do Butuí e a Princesa Isabel, na área do segundo loteamento da cidade<sup>138</sup>.

A Freguesia de São Francisco de Paula foi criada através da Resolução de Consulta da Mesa de Consciência e Ordens, em janeiro de 1812 e o do alvará do príncipe regente Dom Joao em 7 de julho do mesmo ano. A Freguesia recebeu esse nome em homenagem ao santo do dia da expulsão dos espanhóis de Rio Grande em 2 de abril de 1776, o santo São Francisco de Paula.

Em 1806, vinte e cinco anos após a fundação da primeira charqueada, José Aguiar Peixoto e sua mulher, Ana Leocádia da Cunha, venderam um



terreno a Antônio Francisco dos Anjos. Em 1813 o capitão-mor Antônio dos Anjos e Padre Felício Pereira acordaram construir neste terreno a igreja e a morada do vigário, onde hoje é a catedral, com a condição que lhe fosse permitido lotear os terrenos em volta, nos quais começaria a crescer a nova freguesia. Em 1813 iniciou a construção da casa do vigário e da igreja. A inauguração da igreja no mesmo ano marca a povoação nesse local. Com a construção da igreja a área densifica-se, novas casas são construídas, formando os primeiros quarteirões, surge então o primeiro loteamento da cidade de Pelotas<sup>139</sup>. A figura 3 mostra o primeiro loteamento. Mais tarde ocorre a expansão da Freguesia para o sul nas terras de Mariana Eufrásia da Silveira.

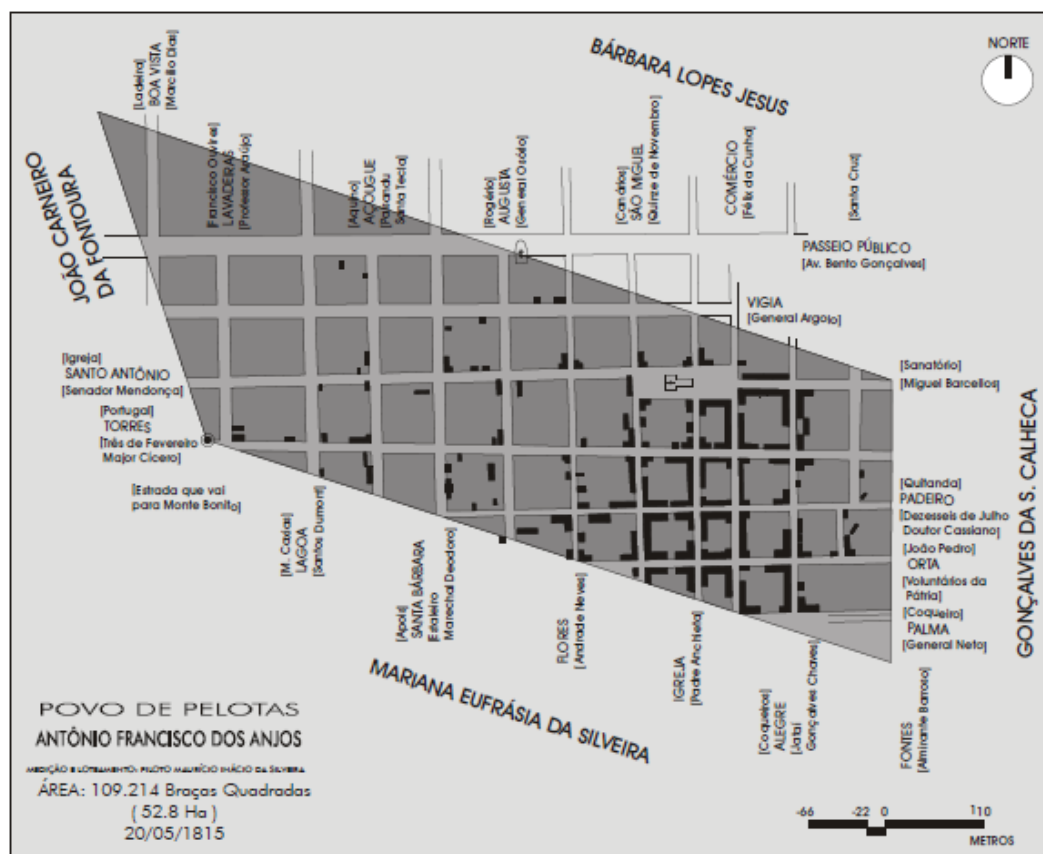


Figura 3: Primeiro loteamento de Pelotas, planta de 1815 . Acervo da Biblioteca Pública Pelotense, Museu, RPTMP, L.92, p.9. : Fonte: Gutierrez,2001

Dessa forma a morfologia urbana da cidade foi “delineada” em 1815, quando se deu a demarcação do terreno da capela e a divisão das terras para venda a particulares (figura 3). O traçado urbano pelotense foi concluído nesse mesmo ano, com a medição judicial das dezenove ruas do novo agrupamento urbano<sup>140</sup>”. Uma parte do território da sede atual do município de Pelotas resultou de uma fração de terras do Jose Gonçalves da Silveira Calheca<sup>141</sup>.

Com a evolução das charqueadas e o acúmulo de capital, os charqueadores constroem suas residências inicialmente em estilo colonial e mais tarde em estilo eclético. A formação da cidade de Pelotas inicia juntamente com indústria das charqueadas. E é com a produção de riquezas geradas pelo trabalho escravo nas charqueadas que a cidade prospera.

O Logradouro Público chamado de Tablada (figura 4) foi estabelecido em 1825, e sua medição realizada em 1851. Deveria limitar-se a leste da fazenda do Monte Bonito e os terrenos das charqueadas do São Gonçalo e arroio Pelotas. A Tablada era o espaço onde ficava o gado para ser comercializado aos charqueadores. Era o mercado do gado. Esse comércio na Tablada impulsionou o crescimento do núcleo urbano que estava em formação. Após realizarem suas compras e vendas, os fazendeiros, depois de realizarem suas vendas, peões, após receberem por seu trabalho, iam para a cidade<sup>142</sup>. A implantação do logradouro ajudou no desenvolvimento da cidade, com o crescimento das atividades comerciais e de serviços. A Tablada exerceria a função de atração do crescimento da cidade na direção norte, atuando simultaneamente como estruturante do espaço urbano, pois as estradas que ligavam a área ao núcleo central e às áreas produtoras de charque se transformaram em vias urbanas importantes. Os negócios efetuados na Tablada impulsionaram as atividades produtivas, tanto rurais, como urbanas<sup>143</sup>.

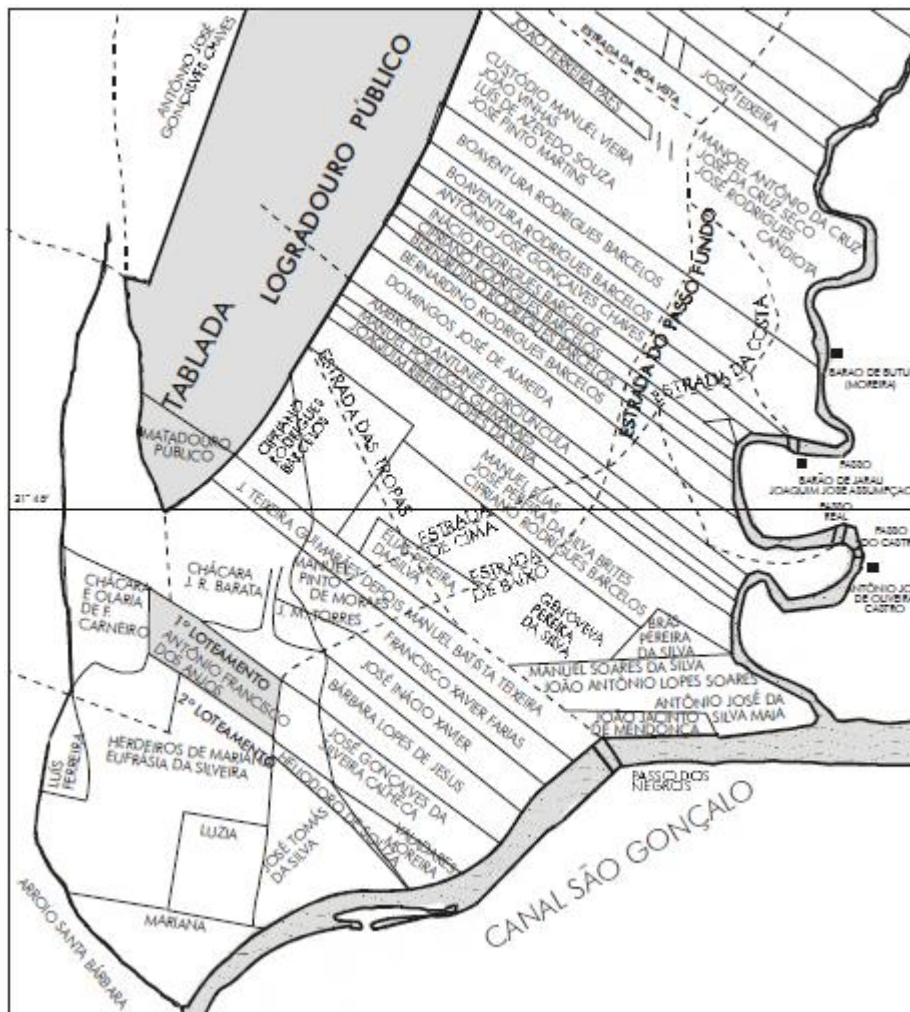


Figura 4: Localização das charqueadas, primeiro loteamento e Tablada.  
 Fonte: Elaborado por Gutierrez, 2001 utilizando a base principal do RPTMP, do museu da Biblioteca Pública Pelotense

Em 1828, Mariana Eufrasia da Silveira, grande proprietária de terra doou à cidade suas terras, localizadas entre o arroio Santa Bárbara e o canal São Gonçalo, para a ampliação da cidade até o canal de São Gonçalo em direção ao sul do núcleo principal da ocupação. Obteve suas terras pela consessão doadas pelo governador da província de São Pedro do Rio Grande do Sul em 1813. A doação de Mariana Eufrasia da Silveira foi a mais importante ação para o desenvolvimento da cidade, sendo que a cidade cresceu rapidamente, e foi determinante para a consolidação da morfologia da cidade<sup>144</sup>, figura 5.

A freguesia dependia administrativamente da cidade próxima, a cidade de Rio Grande, que se localizava estrategicamente próxima ao oceano atlântico, possuindo o porto mais importante da região sul do estado do Rio Grande do Sul em uma zona estratégica militarmente. Rio Grande era uma cidade importante economicamente pelo desenvolvimento da área portuária escoando toda a produção da região sul do estado.

Em 1830, foi assinado o decreto que elevava a antiga freguesia de São Francisco de Paula à condição de Vila, tornando-se autônoma da administração da cidade de Rio Grande:

Hei por bem sancionar e mandar que se execute o que resolveu a Assembléia Geral Legislativa sobre a resolução do Conselho Geral da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul. A Freguesia de São Francisco de Paula fica creada Villa com denominação de Villa São Francisco de Paula com Juiz Ordinário, dous Tabeliões Publico, Judicial e Notas, um Escrivão de Orphaõs e um Destribuidor que poderá tambem servir de inquiridor<sup>145</sup>.

No entanto, a Vila de São Francisco de Paula somente foi instalada oficialmente no dia 7 de abril de 1832, quando foi implantada a Câmara Municipal de Pelotas, a Escola Pública e o pelourinho, então Pelotas torna-se vila.

A freguesia que vai dar origem a cidade foi criada para atender à indústria saladeril, tornando-se um centro comercial e de serviços de apoio ao processo da produção do charque. Ao ser criada a Vila se inicia um período de grandes transformações urbanas com a construção de infraestrutura e o desenvolvimento da área portuária.

### *De vila à cidade de Pelotas*

A fundação da cidade de Pelotas foi resultado do crescimento econômico que gerava a atividade saladeril e a necessidade de independência administrativa. Além do aspecto econômico, a situação política e social colaborava para a fundação da cidade.

A ocupação urbana permaneceu como Freguesia até 1832, momento que foi elevada à condição de Vila. Em 3 de maio de 1832 a câmara administrativa da Vila de São Francisco de Paula, consagrou o desmembramento de Pelotas da cidade de Rio Grande. Três anos depois, dia 27 de junho de 1835, a Vila é elevada à condição de cidade, com o nome de Pelotas, através de decreto do presidente da província que concedia à Vila de São Francisco de Paula os foros de cidade (figura 5).

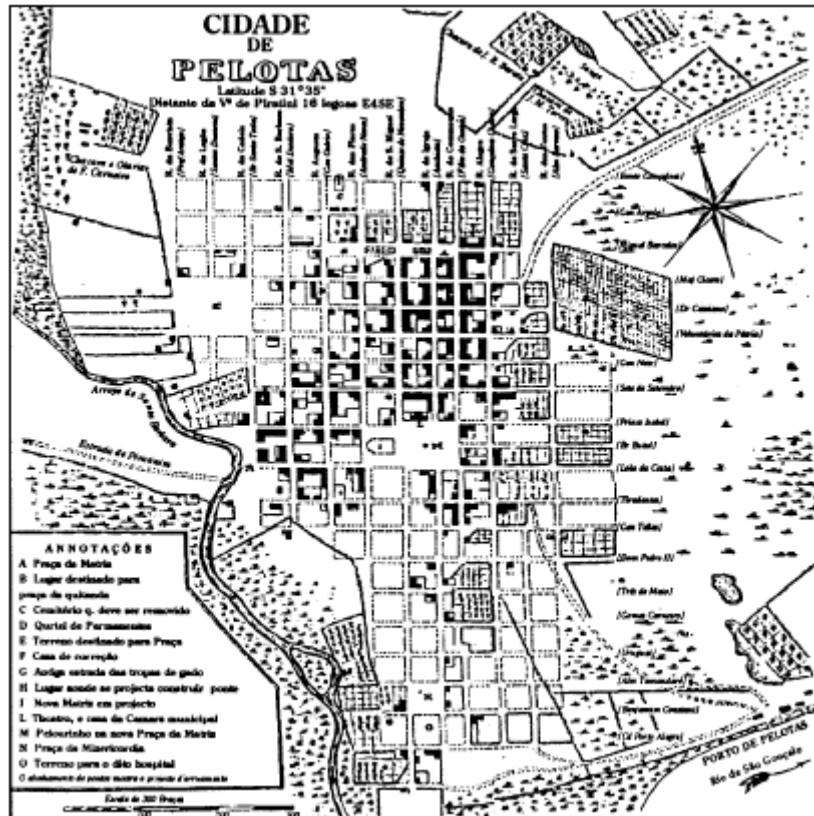


Figura 5: Planta da cidade em 1835, apresentando a expansão do segundo loteamento da cidade – Acervo da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano. Fonte: Soares, 2001.

Iniciou-se a discussão para a escolha do novo nome para a cidade. O nome de Pelotas, já vinha sendo usado desde 1750, quando mencionado no documento da primeira doação de sesmaria na região, o nome do “Rio Pelotas” como limite da propriedade no arroio onde foi implantada a primeira charqueada<sup>146</sup>. Dessa forma já existia popularmente um nome. E homenageando a riqueza do município decidiu-se pelo nome de Pelotas. O nome tem origem nas embarcações de couro inteiro de boi e cortiça que eram utilizadas pelos índios para fazer travessias no arroio. Uma pelota tinha a capacidade máxima de três pessoas, um índio segurava uma corda de couro com a boca e nadava puxando a embarcação (figura 6) .



Figura 6: Travessia de curso d'água em uma pelota, embarcação feita de couro : Fonte: Debret, 1835

A primeira metade da década de 30 do século XIX foi marcada por importantes eventos de afirmação política da emergente comunidade pelotense. No mesmo ano de elevação de Pelotas a categoria de cidade, no ano de 1835, eclodiu a chamada Revolução Farroupilha que durou até 1845, revolta dos estancieiros contra o governo imperial pelo preço do charque. A cidade de Pelotas foi palco da guerra dos farrapos de. Os grandes estancieiros e charqueadores foram os principais líderes da revolução.

Passado o período de 10 anos de guerra, a economia do charque crescia rapidamente. Foi a partir do acúmulo de riquezas gerado pela produção do charque que o núcleo urbano se desenvolveu. Os senhores proprietários das charqueadas viajavam para a Europa, principalmente Paris, e dessa forma transformaram o núcleo urbano em um povoado com forte influência da arquitetura parisiense, moldes do ecletismo europeu, construindo os casarões pelotenses<sup>147</sup>.

Na metade do século XIX, Pelotas encontrava-se entre as cidades gaúchas mais procuradas pelos imigrantes por ser um dos maiores núcleos urbanos de influência européia, principalmente francesa. Os imigrantes italianos, franceses, portugueses e alemães influenciaram fortemente o desenvolvimento e a modernização da cidade.

A indústria vai influenciar fortemente o processo de produção urbana e crescimento da cidade com a riqueza produzida do trabalho escravo. Com a acumulação de capital os charqueadores e estancieiros da região influenciam na construção e expansão da cidade, implantando uma infraestrutura moderna.

A produção e exportação de charque possibilitava a rápida acumulação de riqueza com a facilidade de escoamento da produção. O navio que transportava o charque retornava com mercadorias da Europa e Estados Unidos. Pelotas importava da Europa e EUA a matéria prima, a tecnologia, arte e arquitetura, também o conhecimento, através dos arquitetos e engenheiros que eram trazidos pela elite para implantar a modernidade transformando Pelotas em uma cidade moderna, aristocrática e monumental.

### *A Princesa do Sul*

A cidade vai transformando-se em uma urbe moderna e como tal necessita de ordenamento. O código de postura da nova cidade, elaborado pela câmara municipal publicou sua legislação, delimitando os limites urbanos, legislação sobre a limpeza, e forma das praças e normas para a construção de novas casas, que não poderiam ser precárias ou utilizar material de baixa qualidade<sup>148</sup>. Em 1833 já havia sido deliberado que com o objetivo de embelezar a vila, os edifícios deveriam de ser construídos alinhados.

Em 1830 a cidade se amplia iniciando a ocupação no segundo loteamento em direção ao sul, ao porto da cidade, aonde foi construída a nova praça da



Regeneração. Com o núcleo original do primeiro loteamento ocupado e já com a primeira ampliação urbana no segundo loteamento, na segunda metade do século XIX, formava-se a cidade. No entanto a elite buscava uma cidade aristocrática marcada pela singularidade artística:

“Não se trata somente de ampliar o tecido urbano, naquele momento com o núcleo urbano já fixado; se trata de dotar o mesmo de monumentalidade, ou seja, de prover a cidade daquilo que Henri Lefebvre considerava “o sentido de obra de arte”. “A cidade da elite aristocrática e suntuosa necessitava fazer-se singular e monumental<sup>149</sup>” .

Com a implantação da Praça da Regeneração, no segundo loteamento, em seu entorno surgem as novas construções, o teatro Sete de Abril foi construído em 1831, o casarão 2, a primeira residência de elite foi edificado em 1830.

Em 1846 foi aprovada a construção do mercado público, no entanto a Câmara municipal não possuía recursos para a construção do projeto de Roberto Offer, um ano depois em 1847 o arquiteto apresentou um novo projeto sendo iniciada as obras, com uma arquitetura de estilo neoclássico. No período de 1911 e 1914 o mercado sofreu uma reformulação, recebendo mudanças de acesso, torre do relógio e o farol de ferro, que foram importando de Hamburgo na Alemanha, e o desenho da torre é uma referência a torre Eiffel em Paris, do farol emerge uma luz vista de longe e que identificou a cidade por muitos anos sendo uma referência da cidade.

Nesse período Pelotas prospera, sua economia cresce devido a produção gerada pela atividade principal, o charque. Em 1860, época áurea das charqueadas, a cidade possuía 35 estabelecimentos e a partir dessa década inicia a diversificação industrial com o surgimento de novas indústrias, de sabão e vela, têxtil, chapéus, cervejarias, couros e outras. A segunda ampliação da cidade consolidou de forma definitiva o plano regular em

1870, com ocupação dos terrenos baixos da cidade e no porto. A nova expansão da cidade se produziu juntamente com as obras de abertura do canal São Gonçalo 1869-1875 obra importante que impulsionou a utilização do porto e aproximou a cidade ao canal ao porto, eliminando os vazios que havia antes<sup>150</sup>.

A partir da década de 70 do séc. XIX são edificados outros prédios importantes no segundo loteamento: a Biblioteca Pública em 1876, Prefeitura Municipal em 1879 e as edificações de propriedade da elite da cidade. Os charqueadores moravam na cidade de Rio Grande e sentiam a necessidade de estar mais perto de seus investimentos aos poucos foram construindo seus casarões no centro da cidade. Os casarões dos charqueadores e estancieiros tornam-se se marcos urbano<sup>151</sup>s, localizados em frente a nova praça principal no segundo loteamento da cidade ( figura 7), sendo identificada sua importância na produção do centro da cidade, como assinalou Paulo Soares,

“Estas construções converteram a praça em principal: função ampliada pela colocação das casas das famílias mais poderosas da cidade no seu entorno. Ou seja, na realidade este é o verdadeiro momento de produção do centro da cidade, no sentido de que a cidade foi dotada de um núcleo monumental, que além de edifícios e construções importantes possuía um significado simbólico para a população. Aqui se tratava de transmitir à paisagem urbana a ideia do poder político e econômico dos grupos dominantes da cidade, distantes do poder provincial, instalado em Porto Alegre<sup>152</sup>”. A figura 8 nos mostra uma vista aérea da Praça e os imponentes casarões em seu entorno:



Figura 7: Casarões construídos no início do século XIX, na praça central:  
Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal

Alguns charqueadores pelotense receberam o título de nobreza, os barões do charque: Barão de Jaguari, Visconde da Graça, Barão Butuí, Barão do Jarau, entre outros. O título significava ascensão nobre sendo outorgado para quem possuía grande fortuna acumulada e era o reconhecimento oficial da monarquia ao poder e prestígio de quem era agraciado



Figura 8: Vista da área entorno da Praça da Regeneração Fonte:  
[http://www.glendadimuro.com/site/pdf/dimuro-futuro\\_no\\_passado.pdf](http://www.glendadimuro.com/site/pdf/dimuro-futuro_no_passado.pdf)

As décadas finais do século XIX é a etapa que o Mário Magalhães<sup>153</sup> identifica “de opulência e apogeu material e cultural” da cidade, em função do crescimento da economia das charqueadas.

Em 1873, Pelotas era uma cidade de poucos habitantes, mas apresentava um desenvolvimento industrial importante para a economia da cidade e que refletia no processo urbano. Nesse ano começa a circular a primeira linha de bonde com tração animal. E 9 anos depois é inaugurada a Estação Ferroviária como um grande acontecimento na cidade. A linha ligava Pelotas a cidades de Rio Grande, Piratini, Bagé, Capão do Leão.

Com o rápido e moderno processo de industrialização e urbanização nas últimas décadas do séc. XIX e começo do XX, a cidade de Pelotas apresentou nesse período um estilo de vida moderno se destacando no Estado e no Brasil. Mesmo sendo uma cidade de porte médio, Pelotas oferecia uma infraestrutura muito moderna para a época e que acompanhava a evolução tecnológica das redes técnicas das principais capitais do país influenciadas pelo desenvolvimento moderno que ocorria na Europa.

A indústria manufatureira tinha importantes estabelecimentos, instalados em majestosos edifícios, com modernos equipamentos vindos da Europa e Estados Unidos. A elite industrial buscava o conhecimento técnico as ferramentas e maquinário mais moderno para a industrialização e implantação da infraestrutura na cidade.

A indústria de tecido ocupava posição de destaque, seguida pela de alimentos, predominando a industrial saladeril. As cervejarias ganhavam fama nacional e prêmios pela qualidade do produto. O couro, a madeira, a metalurgia, a cerâmica, e a química ocupavam posição de destaque no processo de industrialização.

Nos últimos anos do século XIX na cidade de Pelotas ocorreu um crescimento das atividades comerciais, onde podemos destacar que:

Os anos finais do século XIX perceberam um notável crescimento das atividades comerciais e o surgimento de casas importadoras das últimas novidades de consumo europeias, aproveitando-se da elevação do poder aquisitivo da elite e caracterizando a cidade como uma urbe de consumidores suntuosos que somada à movimentação artística e cultural acabaram por caracterizar a cultura urbana pelotense em todo o Rio Grande do Sul. É um período rico em mudanças sócio espaciais que coincide com o projeto modernizador e a “chegada da modernidade” à cidade de Pelotas<sup>154</sup>.

Nesse período, em 1888 foi implantada na cidade a mais recente modernidade no país, o telefone, tornando mais rápida a comunicação entre Pelotas e outras cidades. Pelotas foi umas das primeiras cidades pequenas a oferecer o serviço no país. A iluminação elétrica começa a funcionar em 1912 e em 1915 iniciava a circulação dos bondes elétricos alterando o ritmo da nova cidade.

Os charqueadores e pecuaristas da região gaúcha, principalmente os pelotenses, no início do século XX, necessitavam de uma instituição bancária para financiar suas atividades. Juntamente com comerciantes em 1906 fundaram o banco Pelotense. Foi fundado em reunião realizada na "Praça do Comércio", por convocação dos Incorporadores Dr. Joaquim Augusto Assumpção, Barão do Arroio Grande, Coronel Alberto Rosa, Plotino Amaro Duarte e Eduardo Siqueira. Em 1910, mudou-se para o pavimento térreo do Clube Comercial. Através dos arquitetos construtores Peres, Monteiro & Cia, o Banco Pelotense inaugurou sua sede própria em 1916. O projeto representava grandeza, solidez e riqueza da instituição banco. Construído formalmente de linhas ecléticas, a obra segue uma

composição bipartida: o subsolo e o andar térreo correspondem à base, revestida de ornamentos; o primeiro e segundo pavimentos correspondem ao corpo e são tratados como uma unidade, recuados em relação ao térreo e unidos através de colunas de ordem monumental, valorizando a grandiosidade do edifício. No coroamento, cobertura com mansarda. Ladeando a porta principal, duas cabeças de leão apoiam a sacada e protegem os medalhões com o nome do Banco (figura 9).

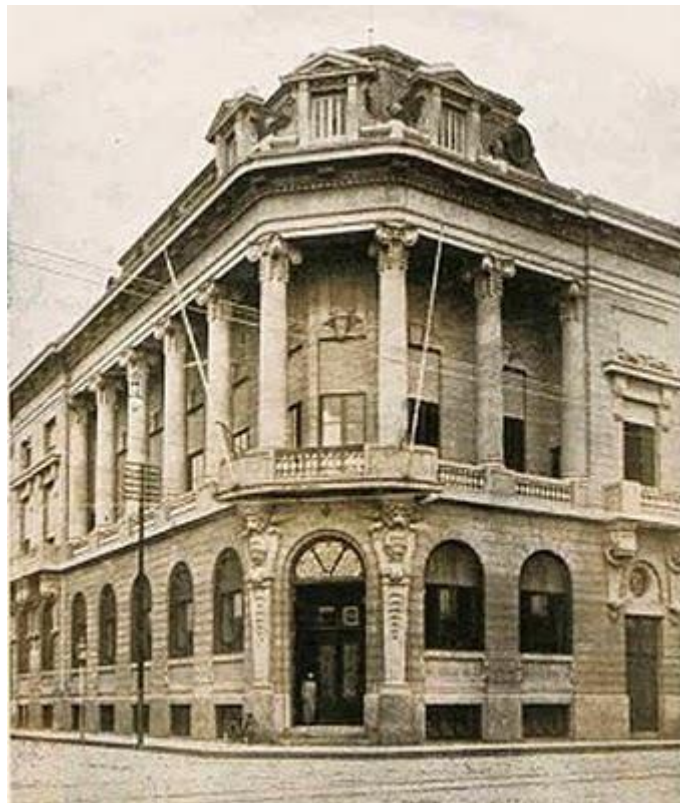


Figura 9: O Banco Pelotense. Fonte: Monte Domeq & Cia, 1916

O banco continuou expandindo-se até a década de 1920 com agências em muitas cidades do estado do Rio Grande do Sul e também em outros estados, chegando a ser o terceiro maior banco do país, com 69 agências espalhadas pelo Brasil, 24 destas no estado e as demais nos outros estados. O Banco Pelotense incorporou ainda dois outros bancos, um deles com

capitais franceses, durante algum tempo manteve um escritório em Paris. Anos depois começa a crise e em 1931 declara a falência. Um dos fortes motivos de falência do banco foi a decadência da indústria do charque. Foi incorporado ao banco do estado do Rio Grande do Sul, o Bannrisul.

Nos próximos capítulos discutiremos o desenvolvimento do turismo, o patrimônio cultural e industrial da cidade de Pelotas evidenciando sua rica história e seu importante patrimônio ainda conservado.

## Notas

- 
- <sup>134</sup> Gutierrez, 2001  
<sup>135</sup> Gutierrez, 2001  
<sup>136</sup> Gutierrez, 2001; Magalhães, 1993; Soares, 2002  
<sup>137</sup> Monquelat e Marcolla, 2012  
<sup>138</sup> Gutierrez, 2001  
<sup>139</sup> Gutierrez, 2001  
<sup>140</sup> Magalhães, 1993  
<sup>141</sup> Gutierrez, 2001  
<sup>142</sup> Gutierrez, 2001  
<sup>143</sup> Soares, 2002  
<sup>144</sup> Soares, 2002  
<sup>145</sup> Arriada, 1994  
<sup>146</sup> Magalhães, 1993  
<sup>147</sup> Magalhães, 1993 e Gutierrez, 2001  
<sup>148</sup> Soares, 2002  
<sup>149</sup> Soares, 2002  
<sup>150</sup> Soares, 2002  
<sup>151</sup> Soares, 2002  
<sup>152</sup> Soares, 2002  
<sup>153</sup> Magalhães, 1993  
<sup>154</sup> Ueda, 1999





## CAPÍTULO 4 TURISMO NO SÉC XIX e INÍCIO DO SÉC XX NO BRASIL E NA CIDADE DE PELOTAS

O início do turismo no Brasil foi influenciado pela chegada da coroa Portuguesa no séc XIX e suas formas de lazer que rapidamente foram introduzidas na cultura da elite colonial. A gênese e o desenvolvimento do turismo na cidade de Pelotas, desde o momento das primeiras viagens e dos primeiros turistas é o tema central desse capítulo. Num primeiro momento apresentamos a história do início do turismo no Brasil. Num segundo momento apresentamos uma discussão abordando a história dos primeiros visitantes ilustres e a hospitalidade como esses eram recebidos pela elite pelotense, bem como as primeiras excursões ou viagens de recreio realizadas pelos pelotenses e visitantes da região e o início da hospitalidade comercial.

### *Recreações, banhos de mar e hidrominerais*

O início do turismo no Brasil está relacionado à chegada da coroa portuguesa em 1808 e suas formas de lazer introduzidas na colônia após esse período. As formas de lazer da aristocracia são as atividades de recreações, os banhos de mar e de águas termais nas hidrominerais que iam sendo descoberta no país. e aos banhos de mar e aos banhos em águas termais as estancias hidrominerais que desfrutavam os membros da corte e seus pares.

A primeira fonte de águas termais descobertas no Brasil foi em 1813, na cidade de Santos Amaro da Imperatriz em Santa Catarina, no sul do Brasil. Em 1845 o imperador D. Pedro II e a Imperatriz D. Thereza Christina

hospedaram-se na localidade e deram uma contribuição para construir uma casa de hospedagem aos doentes que procurassem a localidade e que passou a ser chamada de caldas da imperatriz<sup>155</sup>.

No estado do Rio Grande do Sul o turismo inicia com as viagens e visitas aos balneários de águas termais. Em 1893, período da revolução federalista, os maragatos deixaram Cruz Alta e buscaram refúgio nas matas ao longo do rio Uruguai, descobrindo as águas termais da cidade de Iraí. Assim encontraram duas fontes, uma quente e outra fria. Em 1914 foi construído o primeiro balneário de águas termais no Rio Grande do Sul sem infraestrutura. Após a revolução o Governo do estado construiu um balneário provisório.

Outro aspecto importante para o desenvolvimento do turismo no Rio Grande do Sul, foi a criação da primeira agência no ramo de câmbio e passagens, a agência argentina Exprinter. Mas certamente o mais importante acontecimento no Rio Grande do Sul foi a fundação da Varig, Viação Aérea Riograndense, em 1927, primeira empresa de transporte aéreo nacional.

Outro momento importante foi a criação do Touring Club no Rio Grande do Sul. No ano de 1923 foi fundada no Brasil a Sociedade Brasileira de Turismo, localizada na então capital federal, Rio de Janeiro. E em 1926, a Sociedade Brasileira de Turismo se filiou ao setor nacional do Touring e aos organismos internacionais, transformando-se, assim, no Touring Club do Brasil. Os Tourings são clubes nacionais filiados à Alliance Internationale de Tourisme [AIT], com sede em Genebra, que possui bases em vários países da Europa e América.

Como sociedade civil de direito privado sem fins lucrativos, o *Touring Club* passou a agir junto aos meios oficiais e privados, na divulgação de atividades vinculadas ao turismo em geral. O *Touring* se tornou o único órgão de turismo no estado, sendo que o poder público ainda não oficializara o turismo como atividade governamental. Somente em 1950, foi oficializado o turismo no Rio Grande do Sul, criando o Conselho Estadual de Turismo (CET) e o Serviço Estadual de Turismo (SETUR).

A procura pela cura nos balneários e estâncias hidrominerais, no Brasil, teve seu período áureo do final do século XIX até metade do século XX. A busca pelos benefícios das águas medicinais aumentou quando se construiu em diversas cidades do país uma grande quantidade de hotéis, termas e fontes voltadas a receber o turista em busca dos benefícios das águas.

Durante o primeiro período do século XX o turismo no Brasil cresceu lentamente com pouca atuação do governo, com o crescimento do turismo inicia o processo de regulamentação do mercado da atividade turística, que vamos abordar no próximo capítulo.

### **Os primeiros viajantes e turistas em Pelotas**

A cidade de Pelotas era considerada um dos maiores núcleos urbanos e desenvolvidos no século XIX da província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Ao analisar esse período histórico o pesquisador Mário Osório Magalhães conclui: “durante os anos de 1851 e 1860 era uma das cidades pequenas mais próspera do Brasil”<sup>156</sup>. A cidade se destacava nacionalmente por sua economia, cultura e lazer. A elite pelotense com sua riqueza

transformava a cidade com a influência da cultura e arquitetura européia. A cultura européia, principalmente a francesa era marcante na arquitetura da cidade e no lazer da burguesia pelotense. No final do século XIX e começo do século XX a cidade oferecia uma infraestrutura com iluminação a gás, linhas de bonde, serviço de águas e esgotos, chafarizes franceses, calçamento das ruas centrais e a desobstrução do canal de São Gonçalo que permitia o ingresso de grandes navios no porto da cidade.

### **A hospitalidade em Pelotas**

O Brasil possui uma característica cultural muito importante para o desenvolvimento do Turismo, a hospitalidade. A hospitalidade brasileira sempre foi uma forma generosa de receber amigos e desconhecidos. Inicialmente os religiosos, principalmente os capuchinos, ofereciam pouso nas casas das ordens a religiosos e desconhecidos ilustres de outros países que chegavam ao Brasil. Nas casas dos bandeirantes do séc.XVII existia um quarto de hóspede para receber os visitantes. A elite brasileira recebia como convidados, personalidades ilustres vindas da Europa, o ato de receber representava prestígio social, e também uma forma de estarem atualizados com as novidades vindas da Europa.

Em relatos de viajantes no Brasil, encontramos descrições de suas viagens ao país identificando o valor da hospitalidade brasileira, um traço cultural típico brasileiro, conceito desenvolvido por Buarque de Holanda.

Conceitualmente a hospitalidade é o ato humano de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas que se encontram temporariamente deslocadas de seu hábitat. A hospitalidade familiar é um convite às pessoas que necessitam de abrigo, o bem receber, que apresentava muita “cordialidade” para receber personalidades importantes e aristocráticas. Com o tempo tornou-se um costume na cultura brasileira, o bem receber. Abordando o aspecto de sociabilidade, Isabel Baptista, afirma que a hospitalidade “é um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro<sup>157</sup>”.

A importância da hospitalidade na estrutura das relações humanas foi destacada por Tom Selwyn que afirma “Os atos relacionados com a hospitalidade, consolidam estruturas de relações ou as transformam, mediante um processo de troca de produtos e serviços, tanto materiais quanto simbólicos, entre aqueles que dão hospitalidade (os anfitriões) e aqueles que a recebem (os hóspedes)”<sup>158</sup>. Na análise de Selwyn a hospitalidade é uma relação especializada entre dois protagonistas, aquele que recebe e aquele que é recebido, podendo ser uma forma de criar ou consolidar relacionamento com estranhos.

Em Pelotas no início do século, alguns viajantes ilustres visitavam a cidade, se hospedando em casas particulares, os anfitriões, a elite pelotense, os acolhia com prazer, demonstrando um costume associado a uma virtude de bem receber, de hospitalidade, que representava prestígio em receber pessoas ilustres, geralmente europeus.

A hospitalidade familiar em Pelotas era realizada nas casas rurais, em charqueadas e estâncias e também nas residências urbanas<sup>159</sup>, como apresentamos a seguir. A hospitalidade comercial inicia-se em 1830, com a oferta das primeiras hospedarias e a partir de 1840 com os primeiros hotéis inaugurados na cidade, assunto, que vamos desenvolver no final do capítulo.

### **Os primeiros viajantes ilustre:**

*Auguste de Saint-Hilaire (1820), Jean Baptiste Debret (1825) Nicolau Dreys (1827), Arsène Isabelle (1834), e Conde d'Eu (1865)*

Desde o início do século XIX a cidade de Pelotas era atrativa para os visitantes, seja por sua localização geográfica, próxima a cidade de Rio Grande e da fronteira com Uruguai, seja por seu desenvolvimento econômico, social e cultural. Em 1820 a cidade recebeu a visita do botânico, naturalista e viajante frances, Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire, que viajava pelo Brasil e nesse período visitou a província. O ilustre visitante se hospedou na charqueada São João, a convite do proprietário Antônio José Gonçalves Chaves. A charqueada se localizava às margens do arroio Pelotas. Saint-Hilaire trazia uma carta de recomendação para o coletor geral dos dízimos da Paróquia São Francisco de Paula. A carta de recomendação era um instrumento utilizado e que auxiliava os viajantes a se hospedarem nas cidades. Algumas impressões registradas por Saint-Hilaire em sua chegada a cidade de Pelotas:

“Hospedaram-me em um quarto pouco iluminado, dando para uma sala de refeições, gênero de distribuição comum em todo o Brasil. “... A viagem de

hoje foi muito agradável. O Sr. Chaves é um homem culto, sabendo o latim, o francês, com leituras de história natural, conversando muito bem. Pertence à classe dos xarqueadores, ou fabricantes de carne seca. ... A mesa de meu hospedeiro é farta. É principalmente a carne de vaca que se apresenta em feitos variados; contudo temos pão e vinho às refeições”<sup>160</sup>.

Saint-Hilaire viajou pelo Brasil durante os anos de 1816 a 1822 e nessa oportunidade escreveu importantes livros sobre os costumes e as paisagens brasileiras do século XIX. O francês chegou no Brasil em 1816, acompanhando a missão extraordinária do duque de Luxemburgo, que tinha por objetivo resolver o conflito entre Portugal e França, quanto a posse da Guiana, atualmente Guiana Francesa. O naturalista também estava representando o Museo de História Natural de Paris, com o objetivo de contribuir com espécies raras e desconhecidas para o Museo e sua viagem estava financiada pelo Ministério do Interior da França. O quarto livro que escreveu dedicou a sua visita ao Rio grande do Sul: *Viagem ao Rio Grande do Sul* em 1835, publicado originalmente na França. Ao voltar para a França, Saint-Hilaire tinha reunido uma grande coleção de espécies de insetos, mamíferos, aves, peixes e amostras minerais do Brasil.

Nicolau Dreys era um militar, comerciante e viajante francês que visitou a província, no início do século XIX, e em 1827 visitou a cidade de Pelotas. Escreveu o livro *Noticia descritiva da provincia do Rio Grande de São Pedro do Sul*, onde deixou registrado o tratamento dos escravos nas charqueadas e a hospitalidade como foi recebido em Pelotas.

Em 1834 Arsène Isabelle visitou a cidade de Pelotas e escreveu o livro, *Viagem ao Rio Grande do Sul: 1833-1834*, contando sua experiência da viagem pelo estado e como foi bem recebido por um fazendeiro na cidade. Arsène Isabelle foi um comerciante, diplomata, jornalista e naturalista

francês que entre 1830 e 1835 viajou pelo Brasil, Argentina e Uruguay. Suas viagens tinham como objetivo contribuir para as ciências naturais e completar a obra de Saint-hilaire, não estava em viagem diplomática e não representava oficialmente a França.

Jean Baptiste Debret, francês, visitou o Brasil entre 1816 e 1831, foi um pintor convidado pela corte imperial no Brasil, a pintar retratos de membros da corte, quadros históricos, costumes e da vida no Brasil. Debret também foi desenhista, pintor cenográfico, decorador, professor de pintura e organizador da primeira exposição de arte no Brasil, em 1829. Dedicou-se a pintar os escravos negros, as festas e tradições populares. Em Pelotas pintou as charqueadas, os negros, o passo dos negros, o comércio pintou “pelota” embarcação que inspira o nome da cidade. Publicou na França em 1835, um livro sobre sua experiência que viveu no Brasil. *Viagem Pitoresca e História do Brasil* dois volumes. Em seu livro descreve com detalhes as características e uso da embarcação “pelota”, a vida nas charqueadas e dos senhores da propriedade, a dinâmica da produção nas charqueadas, o armazém de charque. Foi Debret que criou a bandeira brasileira da época do Império.

Luís Filipe Maria Fernando Gastão de Orléan, mais conhecido como o conde d’Eu, foi um nobre francês que tornou-se príncipe imperial do Brasil casando-se com a princesa D. Isabel Cristina Leopoldina de Bragança, filha de dom Pedro II. Visitou a região de Pelotas em 1865, ao retornar do cerco e tomada da cidade de Uruguaiana, juntamente com dom Pedro II, ficou encantado com a cidade e a marcante influência francesa presente na cultura pelotense, declarando-se cativado por ela. Seus comentários sobre a região foram importantes, pois foi a partir da visita de conde d’Eu que se



inicia a discussão de estabelecer na região de Pelotas uma colônia de franceses, o que irá ocorrer em 1880. Hospedou-se na casa do Sr. Ribas:

“ Fiquei nove dias em Pelotas a gozar da amável hospitalidade da família Ribas, ou antes, do barão de Piratinim, que a maior parte do tempo fazia as vezes de seu cunhado como dono da casa, e a dar com o barão passeios de convalescente através da risonha campina, que rodeia esta localidade privilegiada<sup>161</sup>.

A partir do exposto acima podemos observar que a cidade de Pelotas no seu período de opulência econômica recebeu viajantes ilustres e nessa oportunidade, a elite pelotense demonstrou sua hospitalidade, marcando o bem receber como característica gaúcha e brasileira. A análise sugere que esses viajantes possam ser os primeiros turistas a visitar a cidade de Pelotas.

### **Excursões ou viagens de recreio em Pelotas**

As excursões ou viagens de recreio em Pelotas eram viagens de curta distância, com o objetivo de descanso e divertimento, realizadas no final da década de 1870, através do canal São Gonzalo que se ligava a Lagoa dos Patos conectando a cidade de Rio Grande, era feitas a través dos barcos por vapor com um único destino, a cidade de Rio Grande. As viagens tinham como objetivo visitar a cidade vizinha ou participar de eventos em ambas a cidade<sup>162</sup>.

Com a construção da estrada de ferro em 1884, as viagens entre as cidades vizinhas se intensificam<sup>163</sup>. A estrada de ferro ligava as cidades de Pelotas, Rio Grande, Bagé, Piratini e Capão do Leão, possibilitando assim novos destinos para realizar as excursões ou viagens de recreio na região. Em 1888 foi inaugurado o balneário Villa Sequeira, atualmente a praia do Cassino, próxima a cidade de Rio Grande, e em 1890 a estrada de ferro foi ampliada, sendo construída a estação do balneário Villa Sequeira.

As excursões ou viagens de recreio tinham como destinos as cidades, o campo e o mar. Na cidade os excursionistas tinham como motivação participar de festas religiosas, cívicas, corridas do Prado, regatas, quermesses<sup>164</sup>. Na excursão com destino ao campo, os excursionistas tinham a motivação do prazer e contemplação das paisagens da natureza. Após 1890 os excursionistas dirigiam-se a cidade de Rio Grande para visitar o balneário Villa Sequeira.

Essas viagens eram previamente organizadas e gerenciadas, com roteiros, horários de ida e volta, com recepção aos visitantes: “para a recepção aos visitantes as bandas de músicas da cidade saudavam os mesmos, assim como uma multidão esperava para cumprimentá-los”<sup>165</sup>. Muitas vezes os visitantes pernoitavam na cidade dependendo de um local para dormir, seja em residências ou hotéis<sup>166</sup>.

Podemos identificar nessas excursões ou viagens de recreio as principais variáveis que constituem o sistema turístico: o visitante, a motivação, o atrativo (as festas religiosas, e eventos esportivos, passeio na natureza, a cavalo, caminhadas, banhos de rio, o banho de mar etc...), o deslocamento (o transporte: inicialmente o barco a vapor e mais tarde o trem), o entretenimento (recepção com música) e os serviços (hotéis e agenciadores de viagens).

O autor dessa classificação Dalila Muller, ao analisar as excursões e as viagens de recreio entre as cidades da região comenta que:

“Levando em conta o conceito de turismo apresentado anteriormente, é possível dizer que as “viagens de recreio” ou as “excursões” foram uma das primeiras manifestações do turismo em Pelotas e região, pois se caracterizaram pelo deslocamento voluntário e temporário dos moradores, basicamente por motivos de recreação, descanso e de contemplação da natureza “<sup>167</sup>.

A partir do que foi exposto e do estudo realizado por Müller<sup>168</sup>, se pode compreender que as excursões ou viagens de recreio são manifestações que representam o início do turismo na região, pois os destinos apresentavam atrativos motivando a população para deslocar-se por um determinado período a uma ou outra cidade da região, demonstrando a importância regional da cidade de Pelotas desde esse período, através de sua infraestrutura e modernidade. E a população de Pelotas nesse período começava a fazer turismo na região, assim iniciam-se as primeiras viagens turísticas dos pelotenses com destino às cidades próximas de Pelotas.

Por fim, a análise sugere que os viajantes, visitantes ilustres (desde 1820) foram os primeiros turistas a visitar a cidade. E os excursionistas moradores das cidades vizinhas que visitavam a cidade por motivação religiosa e festiva (desde 1870) seriam os primeiros turistas “agenciados” a visitar a cidade de Pelotas. Destaco o termo “agenciados” porque visitavam a cidade a partir de excursões organizadas, elaboradas por “agentes” que eram responsáveis em organizar esses passeios e que podem ser considerados os primeiros agentes de viagem da cidade de Pelotas e Rio Grande.

## **Hospitalidade Comercial**

Como abordamos no início desse capítulo a cidade de Pelotas na segunda metade do século XIX apresentava um grande desenvolvimento econômico, social e cultural e se destacava por sua modernidade dentre as cidades pequenas do Brasil. Também discutimos sobre as viagens e excursões de recreio que se iniciaram nesse período, o que sugere o início de um turismo não planejado. E abordamos também que a cidade desde o início do século XIX, recebia muitos visitantes ilustres, atraídos por sua importância regional e nacional e sua localização estratégica, próxima da fronteira com o Uruguai.

Impulsionada pelo desenvolvimento econômico da cidade e sua importância regional, naturalmente foi nesse período que surgiu a hospitalidade comercial, com a abertura de algumas hospedarias, pensões e hotéis na cidade. A hospitalidade comercial surge com o objetivo de atender a demanda crescente de um público composto por peões, estancieiro, tropeiros, representantes comerciais e pessoas a procura de emprego<sup>169</sup>. Em 1843 o Hotel D'Alliança foi o pioneiro na hospitalidade comercial, sempre preocupado em oferecer o melhor atendimento aos seus hóspedes. No final do século XIX e início do século XX foi um dos primeiros hotéis a instalar os serviços básicos como água encanada, esgoto, telefone e a eletricidade para melhor conforto de seus clientes.

Em seu estudo Müller<sup>170</sup> identificou que na década de 1850, surgiram outros três hotéis: Hotel Moreau, Hotel dos Emigrados e Hotel do Commercio, localizados nas ruas centrais da cidade. Segundo a autora, em

1861 o Hotel Garibaldi é inaugurado mas apresentava uma diferença, seu funcionamento era sazonal, funcionava durante a safra do charque, de novembro até maio. A partir de 1870 surgiram uma diversidade de hotéis, tais como: Hotel América, Hotel Boa Vista, Hotel Brazil, Hotel Club do Comercio, Hotel Club Pelotense, Hotel Colombo, Hotel da Esperança, Hotel Europa, Hotel da Glória, Hotel Lisboa, Hotel das Nações, Novo Hotel da Boa Fé, Hotel Particular, Hotel Perez, Hotel São Pedro, Hotel Universo e Hotel de Veneza. Nesse período os hotéis começam a se distribuir em outras áreas da cidade, como na área da estação férrea e no porto.

Na avaliação de Müller na década de 1880 muitos hotéis são inaugurados na cidade devido alguns fatores, tais como a infraestrutura portuária que possibilitou a exportação direta com EUA e Europa, a infraestrutura férrea regional, a abertura de novas indústrias, a abolição da escravatura e por fim a atividade charqueadora:

“..... na década de 1880 aparecem 46 novos hotéis. Pode-se supor que esse aumento se deva aos seguintes fatos: em 1875 o Canal São Gonçalo foi desobstruído, permitindo a exportação direta do charque pelo porto de Pelotas para os Estados Unidos e Europa e a importação de mantimentos, roupas, móveis, louças, modas, etc., desse modo intensificando o comércio e a movimentação no porto; aumento no número de indústrias; a construção da Estação Ferroviária de Pelotas e a estrada de ferro que ligava Rio Grande, Pelotas e Bagé, o que beneficiou o movimento nos hotéis, em função da facilidade de deslocamento entre as cidades; a chegada de imigrantes em função da abolição da escravatura, o que demandava hospedarias e hotéis para instalá-los; e, devido a atividade charqueadora

que contava com 34 charqueadas em funcionamento em 1878, que movimentava a cidade com estancieiros, peões e tropeiros”<sup>171</sup>.

Ao mesmo tempo, é a partir desse período até 1890 que se observa o início de um declínio do número de charqueadas, e conseqüentemente, um declínio na economia da cidade. Müller comenta que: ”Dos 46 hotéis identificados nessa década, 29 não aparecem mais nas décadas seguintes, desse modo, pode-se supor que muitos hotéis abriram e fecharam em poucos anos”<sup>172</sup>.

No entanto mesmo com uma tendência de declínio na economia, de acordo com Müller, dezoito hotéis surgiram na década de 1890: Hotel Amaral, Bragança (1890), Catharina, Federativo (1891), do Globo (1893), Grindler (1897), Lombardo, Lusitano-Brasileiro, Luzo-Brasileiro, dos Operários, Popular, Portuense, das Quatro Nações, Restaurant Familiar (1896), Riograndense, Universal (1897), dos Viajantes e Viamão (1896). Destes, os hotéis Bragança, Grindler, Luzo-Brasileiro e dos Viajantes permaneceram em funcionamento até o final da década de 1920.

E em 1900, surgem oito hotéis: Hotel Adelino, Hotel Carioca, Hotel Colonial, Hotel Internacional, Hotel Paris, Hotel Portugal, Hotel Quinze de Janeiro e Hotel Tiradentes.

Em 1928 foi inaugurado o Grande Hotel, esse período foi importante no ramo hoteleiro pelotense, como destaca Müller:

O Grande Hotel (...) representa a —maioridade da hotelaria pelotense, uma vez que possuía um prédio construído exclusivamente para o fim da hotelaria, possuía tamanho e arquitetura ousado para época e também por ter sido municipalizado em meio a uma

luta política entre republicanos e libertadores, representados pelo jornal Diário Popular e O Libertador, respectivamente<sup>173</sup>.

Müller em seu estudo afirma que no século XIX e até 1928 foram identificados, em torno de 125 hotéis em Pelotas. Nem todos ofereciam hospedagem, apesar do nome, alguns apenas designavam bilhares. O Hotel Moreau possuía bilhares, porém, não consta que hospedasse viajantes<sup>174</sup>. Na década de 30, a cidade estava em decadência econômica e restavam apenas 5 charqueadas em funcionamento. A crise econômica afeta os serviços de hotelaria e muitos hotéis são fechados nesse período.

Em 1945 é inaugurado o Hotel do Rex, localizado na Praça Cel. Pedro Osório, no centro da cidade e que se encontra em funcionamento até os dias de hoje.

Em 1965 o Hotel Curi foi inaugurado no centro de Pelotas. Em 1966 foi fundada a Rede de Hotéis Manta, com a inauguração do Hotel Estoril. A rede hoteleira pelotense ampliou seus negócios ao longo dos anos e, em 1972, foi inaugurado o Tourist Executive Hotel, localizado na entrada da cidade. O Hotel Manta, localizado no centro de Pelotas, último empreendimento hoteleiro da rede, foi inaugurado em 1973. Ainda em 1973 foi inaugurado o Curi Palace Hotel, dois anos depois, era inaugurado o Hotel Plaza Ipiranga em 1975. Entre 1975 e 1995 nenhum hotel foi inaugurado, no entanto em 1996 foi inaugurado o Hotel do Léo, no centro da cidade.

## Notas

---

- <sup>155</sup> Barreira e Silva, 1994
- <sup>156</sup> Magalhaes, 1993
- <sup>157</sup> Baptista, 2002
- <sup>158</sup> Selwyn, 2004
- <sup>159</sup> Müller & Hallal 2004
- <sup>160</sup> Saint-Hilaire, 1935, p. 84 e 93
- <sup>161</sup> D'Eu, 1935, p. 216
- <sup>162</sup> Müller & Hallal 2008
- <sup>163</sup> Müller & Hallal 2008
- <sup>164</sup> Müller & Hallal 2008
- <sup>165</sup> Müller, 2011, p7
- <sup>166</sup> Müller, 2011
- <sup>167</sup> Müller, 2011, p12
- <sup>168</sup> Müller, 2011
- <sup>169</sup> Müller, 2004
- <sup>170</sup> Müller, 2004
- <sup>171</sup> Müller, 2004, p. 91
- <sup>172</sup> Müller, 2004, p. 93
- <sup>173</sup> Müller, 2004, p. 100
- <sup>174</sup> Müller & Hallal 2004



## CAPÍTULO 5 PATRIMÔNIO CULTURAL INVENTARIADO

O presente capítulo aborda a cidade de Pelotas desde sua perspectiva cultural, mais precisamente do seu patrimônio cultural. Ao longo dos seus 200 anos a cidade de Pelotas construiu um grande patrimônio cultural. Desde as últimas décadas do século XVIII até o início do século XX, período que viveu seu apogeu urbano industrial, de uma urbe aristocrática e moderna, foi produzido um rico e variado patrimônio cultural.

Neste capítulo num primeiro momento apresentamos as primeiras ações para a preservação do patrimônio e as primeiras leis com o objetivo de salvaguardar os bens patrimoniais. Num segundo momento apresentamos o patrimônio cultural inventariado, com a identificação dos prédios de importância histórico, arquitetônico e cultural. Por fim tratamos de outros elementos do patrimônio cultural, o patrimônio artístico que se manifesta nas obras de arte, com suas diversas tipologias, o arqueológico, bem como o patrimônio cultural imaterial e suas manifestações, na literatura e gastronomia.

Para o desenvolvimento do turismo cultural a cidade possui um importante e diversificado patrimônio cultural material e imaterial. A cidade apresenta um importante patrimônio arquitetônico e artístico do século XIX e início do século XX ainda conservados, herança do período de opulência e grande desenvolvimento econômico, social e cultural que viveu a cidade. A arquitetura é rica em detalhes produzindo elementos de valor artístico, tais como os azulejos, vitrais, estuques ornamentais e outros. O patrimônio

cultural imaterial esta representado pela literatura e os doces finos de herança portuguesa .

## **Patrimônio Cultural Inventariado**

O processo de preservação dos bens materiais com características históricas e culturais da cidade de Pelotas iniciou em 1955 com o tombamento do monumento republicano Obelisco, no bairro Areal e por seguinte em 1972 com o tombamento do teatro Sete de Abril, localizado no centro da cidade, ambos pela legislação federal<sup>175</sup>.

Dentre os exemplares arquitetônicos remanescentes, temos diversos bens (prédios e monumento) que são inventariados e tombados como patrimônio histórico-cultural, conforme a orientação da legislação federal através do Decreto Nº 80.978, de 12 de dezembro de 1977 que Promulgou a Convenção Relativa à Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural:

### **ARTIGO 1**

Para fins da presente Convenção serão considerados como Patrimônio cultural:

- os monumentos: obras arquitetônicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos ou estruturas de natureza arqueológica, inscrições,

cavernas e grupos de elementos, que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

- os conjuntos: grupos de construções isoladas ou reunidas que, em virtude de sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem, tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

- os lugares notáveis: obras do homem ou obras conjugadas do homem e da natureza, bem como as zonas, inclusive lugares arqueológicos, que tenham valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

(...)

## ARTIGO 11

4. O Comitê organizará, manterá em dia e publicará, quando o exigirem as circunstâncias, sob o título, uma lista dos bens constantes da Lista do Patrimônio Mundial para cuja salvaguarda sejam necessários grandes trabalhos e para os quais haja sido pedida assistência, nos termos da presente Convenção. Nessa lista será indicado o custo aproximado das operações. Em tal lista somente poderão ser incluídos os bens do patrimônio cultural e natural que estejam ameaçados de perigos sérios e concretos, tais

como ameaça de desaparecimento devido a degradação acelerada, projetos de grandes obras públicas ou privadas, rápido desenvolvimento urbano e turístico, destruição devida a mudança de utilização ou de propriedade de terra, alterações profundas devidas a uma causa desconhecida, abandono por quaisquer razões, conflito armado que haja irrompido ou ameace irromper, catástrofes e cataclismas, grandes incêndios, terremotos, deslizamentos de terreno, erupções vulcânicas, alteração do nível das águas, inundações e maremotos. Em caso de urgência, poderá o Comitê, a qualquer tempo, incluir novos bens na Lista do Patrimônio Mundial e dar a tal inclusão uma difusão imediata.

Desta forma, o tombamento é um atributo legal destinado a bens culturais com o objetivo de garantir sua integridade e sua perpetuação da memória, impedindo que venham a ser destruídos, descaracterizados ou mutilados, sendo, para isto, necessária a aplicação de uma legislação específica, podendo estes bens ser de valor histórico, cultural, científico, artístico, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população. O tombamento também preserva a área circundante ao edifício.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1999 também se refere ao estatuto do tombamento da mesma forma, tratando-o como:

um ato administrativo realizado pelo poder público com o objetivo de preservar, através da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados.

Assim, o tombamento pode ser aplicado a bens móveis e imóveis de interesse cultural ou ambiental. Este pode ser efetuado pela União através do IPHAN, pelo Governo Estadual através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE), ou pelas administrações municipais, utilizando leis específicas.

Pelotas acompanhava as ideias e conceitos preservacionistas que começavam a serem discutidos no resto do país. Da mesma forma que ocorria em outras cidades históricas no país, as primeiras ações de preservação do patrimônio na cidade de Pelotas são as de tombamento reconhecendo o bem como patrimônio cultural por seu caráter de monumento arquitetônico.

## *A política municipal de Pelotas para a preservação do patrimônio*

O II Plano Diretor do município em 1980 iniciou uma tentativa de preservação apenas conceitual e as ações não se concretizam. No plano foi reconhecida a necessidade de algumas ações voltadas à preservação do patrimônio, tais como a criação das zonas de preservação, tombamento de alguns exemplares, elaboração do cadastro de prédios de interesse patrimonial e a preocupação com o entorno dos prédios históricos. Em 1982 foi elaborada a primeira legislação municipal de tombamento do patrimônio histórico-cultural da cidade de Pelotas, sob número de lei 2708/1982 dispendo sob a proteção do patrimônio histórico e cultural do município de Pelotas.

Em 1982, com base no decreto federal 25/37, foi instituído o tombamento em nível municipal com a aprovação da lei nº 2708/82, e criou o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural (COMPHIC). A lei institui a isenção do Imposto sobre a Propriedade Territorial Urbana (IPTU) aos prédios tombados e a possibilidade de transferência do direito de construir equivalente ao potencial construtivo da zona. O conselho municipal analisou 10.000 prédios, dos quais 1189 foram cadastrados no inventário e 236 tombados provisoriamente em 1987<sup>176</sup>.

Essas ações pareciam demonstrar um avanço em busca da preservação e preocupação com o bem a ser preservado. No entanto, em 1988, foi aprovada a lei nº 3128/88, alterando a anterior, provocando um retrocesso no processo de implantação de preservação. A lei altera a parte que diz respeito ao condicionamento do tombamento definitivo à apreciação da

câmara municipal, dependendo do poder legislativo. O decreto 25/37 determinava que o tombamento fosse um ato administrativo da competência do poder executivo. Resultando que dos 237 prédios com tombamento provisório, decretado em 1987, somente 16 foram protegidos, sendo que, destes, 4 são tombados em nível federal: casarões 02,06 e 08 e o teatro 7 de abril; e um em nível estadual, a casa da banha. A lei também estabelece a criação de um conselho revisor, para avaliar as decisões originárias do COMPHIC. O conselho estava constituído por representantes do mercado imobiliário. De forma que não se avançou na luta pela preservação patrimonial, significando um retrocesso.

Em 1996, é aprovada uma nova lei municipal nº 4096/96 que extingue alguns artigos das antigas legislações e cria um novo Conselho Municipal da Cultura, o CONCULT, substituindo o COMPHIC, favorecendo o grupo contrário a preservação, os não preservacionistas, em grande maioria representantes dos mercado imobiliário da cidade<sup>177</sup>.

Os preservacionistas, técnicos do poder público municipal e da Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, se mobilizam e elaboram um Sistema Municipal de Preservação Cultural SIMPAC, tratando de diversos aspectos da defesa do patrimônio cultural de Pelotas, tais como as formas de preservação, cadastro, e classificação dos bens imóveis de interesse cultural, incentivos, restrições e avaliação do entorno para novas inserções<sup>178</sup>. Depois de muitas discussões, com significativas restrições comparando à integridade do projeto original foi aprovada a lei nº 4568/2000 instituindo as Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural as ZPPCs.

## *Inventário do Patrimônio Cultural da cidade de Pelotas*

Como podemos observar, somente após vinte anos é que foram aprovadas leis de proteção, levantamento e regulamentação sobre o patrimônio: uma lei Estadual nº 11.499/2000 que declarou a cidade de Pelotas como patrimônio cultural do Rio Grande do Sul, e uma lei municipal sob número 4.568/2000 que estabelece áreas da cidade como Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPC) da cidade, figura 10, lista seus bens e dá outras providências. A partir desta legislação foram delimitadas as quatro zonas de preservação do patrimônio histórico-cultural, que limitam a área dos prédios inventariados, compreendidas pela 1ª Zona: 1º (primeiro) loteamento (núcleo inicial da cidade), 2ª Zona: 2º (segundo) loteamento (atual núcleo central da cidade), 3ª Zona: Sítio do Porto e 4ª Zona: Sítio da Caieira, figura 11. O inventário do patrimônio histórico e cultural da cidade de Pelotas identifica 2.200 edificações de importância histórico-cultural para a preservação do patrimônio.



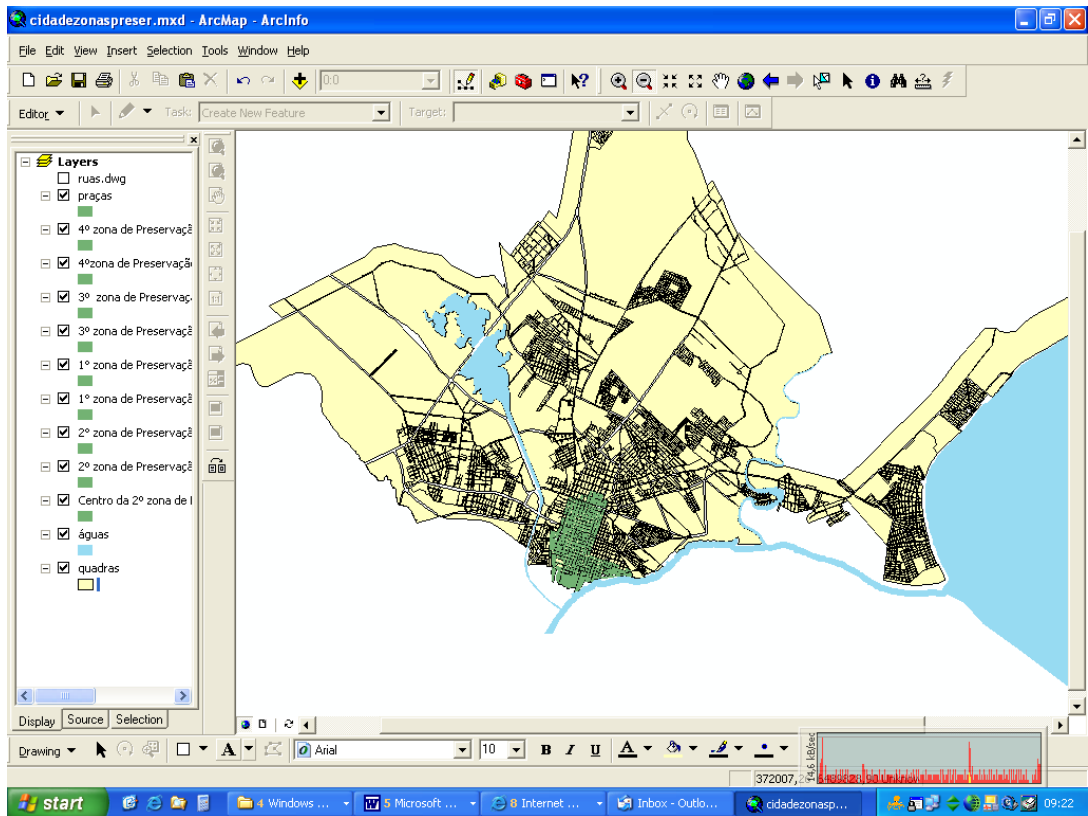


Figura 10: Mapa da cidade com identificação da área representando as quatro Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPC) em ambiente SIG

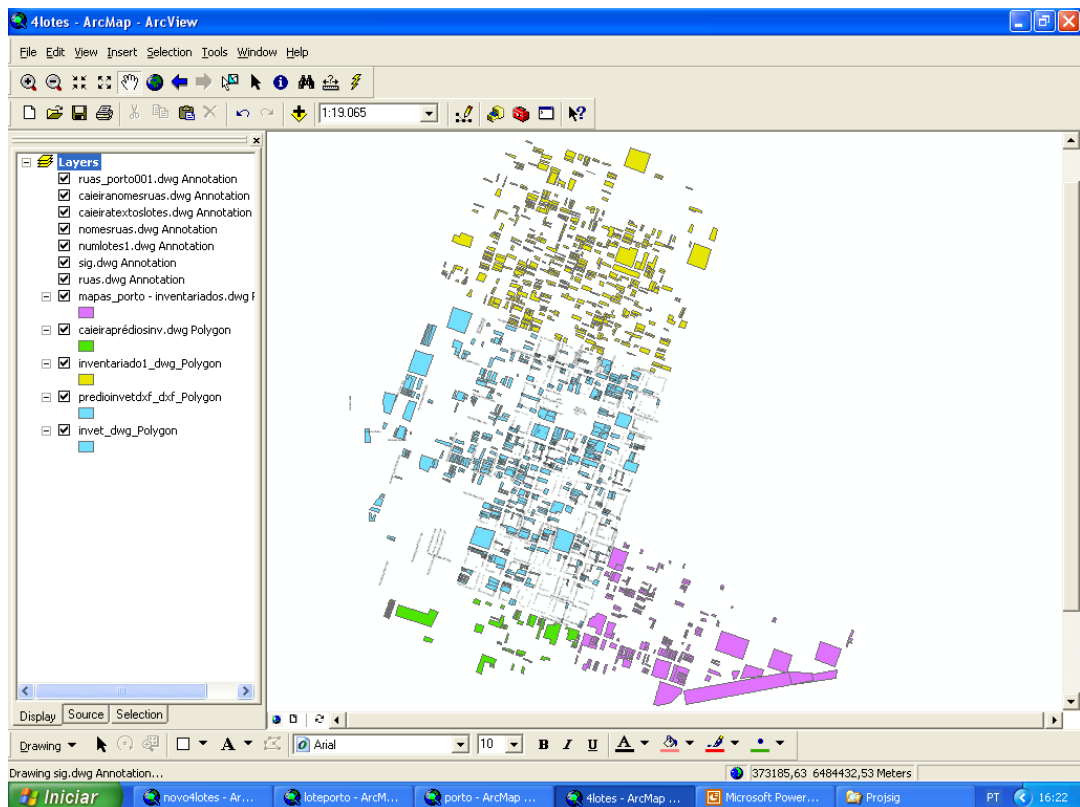


Figura 11: As quatro Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPC) em ambiente SIG

O reconhecimento de áreas urbanas como zonas de preservação e a proteção dos imóveis inventariado foi o primeiro passo para dar início ao processo de preservação patrimonial dos bens de importância histórico arquitetônico. A preservação de bens patrimoniais é de extrema importância e possibilita o reconhecimento e respeito da população pelos bens preservados na cidade.

## Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural - ZPPCs

Em 1990 realizou-se um trabalho de pesquisa junto ao arquivo de projetos arquitetônicos da Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente (SMUMA) de Pelotas. Essa pesquisa permitiu a elaboração de um quadro evolutivo de uma das características apresentadas por essas edificações, que é a estrutura arquitetônica, e posteriormente foi elaborada sua divisão didática em seis períodos de acordo com as construções dos mesmos<sup>179</sup>.

1º Período (1779-1850), Colonial.

2º Período (1850-1900), Primeiro período eclético.

3º Período (1900-1930), Segundo período eclético.

4º Período (1930-1950), Terceiro período eclético

5º Período (1950-1980), Período moderno.

6º Período (1980-1998), Período pós-moderno.

Os prédios foram inventariados a partir de sua importância cultural, histórica e arquitetônica. Dessa forma foram delimitadas as quatro zonas de preservação do patrimônio histórico-cultural, que limitam a área dos prédios inventariados, compreendidas pela 1ª Zona: 1º (primeiro) loteamento (núcleo inicial da cidade), 2ª Zona: 2º (segundo) loteamento (atual núcleo central da cidade), 3ª Zona: Sítio do Porto e 4ª Zona: Sítio da Caieira.

A seguir apresentamos os principais bens do patrimônio edificado inventariado nas zonas de preservação:

## Bens localizados na primeira Zona de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural de Pelotas:

Os principais bens localizados na primeira Zona são a Casa dos Torres, na rua Major Cícero, a casa mais antiga da cidade construída em 1812, ainda conservada; o Casarão do charqueador Antonio José Gonçalves Chaves, na rua Gonçalves Chaves e a catedral Metropolitana São Francisco de Paula.

### Catedral Metropolitana São Francisco de Paula:

Em 1813, um ano após o povoado passar a ser freguesia, iniciou a construção da capela, futura catedral, na área do primeiro assentamento da cidade, marco inicial do processo de ocupação e urbanização de Pelotas.

A Catedral abriga a imagem de São Francisco de Paula, de autor desconhecido, que foi trazida da Colônia do Sacramento, Uruguai. Em 1826 um raio quase destruiu totalmente a igreja. A reconstrução foi por etapas: inicialmente ocorreu a reconstrução da capela original em 1827, em 1828 a conclusão do corpo e do forro e por último a capela-mor em 1834. A construção do consistório, das torres e da tribuna foi concluída em 1852. o início do século XIX a Catedral já possuía a fachada atual, figura 12, porém ainda do tipo salão, e as fachadas laterais tinham características coloniais que as diferenciavam em estilo e proporções da fachada frontal. A catedral apresenta afrescos pintados pelo pintor italiano Aldo Locatelli, e vitrais que apresentaremos na segunda parte deste capítulo.



Figura 12: Catedral São Francisco de Paula fotografado por Nara Santos

Bens localizados na 2ª Zona de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural de Pelotas:

A segunda zona de preservação do patrimônio histórico-cultural possui o maior aglomerado de prédios de valor histórico, cultural e artístico da cidade, localizado na praça principal da cidade, a praça Coronel Pedro Osório.

A partir da década de 30 do século XIX os charqueadores começaram a construir os seus casarões no entorno da futura Praça Cel. Pedro Osório, figura 4, gerando um dos maiores conjuntos de arquitetura eclética do Brasil e que se encontra preservado e conservado.



Figura 13: Praça Coronel Pedro Osório, início do Século XX. :Fonte: Acervo do Museu da Baronesa

#### Casa 2— Casarão do Charqueador Vianna

O casarão 2 está localizado na praça Coronel Pedro Osório, de propriedade do charqueador José Vieira Viana, foi construído em 1830 inicialmente em estilo colonial, de telhado com beiral, figura 14. Em 1880 foi adquirido pelo também charqueador José Antônio Moreira (Barão de Butuí) que o presenteou a seu filho Ângelo Gonçalves Moreira. Nesse período sofreu

uma reforma com o objetivo de introduzir uma "aparência clássica" em sua arquitetura. Para essa reforma, foi contratado o arquiteto José Izella Merotte, que a identificou com as casas vizinhas, adotando uma "aparência clássica" construindo mais um pavimento e o coroando com uma platibanda vazada e frontões para marcar o acesso principal ou o centro do prédio. Além disto, houve a aplicação de pilastras sobre as paredes, e a adoção das diferentes ordens de origem greco-romana, e do enquadramento e emolduramento das aberturas. Restam do estilo colonial algumas características, como a ausência de recuos, a falta de porão e a simplicidade de algumas aberturas no térreo, apresentando uma riqueza arquitetônica. Esta edificação possui um elemento marcante, o mirante, que foi construído para o charqueador acompanhar o movimento na área portuária, no canal São Gonçalo.



Figura 14: Casarão 2 do Charqueador Vianna fotografado por Nara Santos

No final da década de 70 do século XX, houve o interesse pela empresa Aplub de comprar o imóvel pra construir um grande edifício residencial, era a uma área muito bem localizado. Com o conhecimento da população em relação a compra do imóvel, foi criado um movimento para lutar pela sua preservação, movimento liderado pelo professor Adail Bento Costas, conhecido colecionador da cidade. A câmara municipal procurou preservar o prédio e mais os outros dois vizinhos, mantendo o conjunto arquitetônico. Em 1977 o prédio foi tombado pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — SPHAN. No mesmo ano foi criada a Fundação Museu de Pelotas pela Lei Municipal 2365/77 com o objetivo de restaurar o prédio além de formar e preservar um acervo de bens de enorme valor cultural para exposição ao público.

Na década de 1987 foram realizadas obras de restauração das esquadrias e pisos do pavimento superior com verbas do SPHAN e coordenação da Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente — SMUMA. No ano de 2000 foram iniciadas as obras de restauração, com verbas do IPHAN — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, faltando a conclusão através da captação de recursos pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura. Atualmente é a sede da Secretaria de Cultura e Casa de Cultura Adail Bento Costa da Prefeitura Municipal de Pelotas.

Casarão 6 – residência dos Albuquerque de Barros

Situado ao lado do casarão 14, a residência foi construída em 1879 pelo engenheiro italiano José Izella Merotti, figura 6. O primeiro morador do



palacete foi o Barão de São Luís, Sr. Leopoldo Antunes Maciel, sendo mais tarde doado a uma de suas descendentes, D. Othília Maciel, casada com o Sr. José Júlio Albuquerque Barros, que foi prefeito de Pelotas. Uma grande parte do material usado na construção foi importado da França, por exemplo os azulejos da cozinha. O casarão possui porão alto, sacadas de púlpito e uma varanda formada por arcos e colunas cujo acesso é feito por uma escadaria dupla. O coroamento da edificação, em platibanda mista, toma-se diferenciado no torreão central onde este é feito com um frontão triangular, sendo que ambos sustentam belas estátuas. Em 1977 foi tombado pelo governo federal.



Figura 15: Casarão 6 - Casa do Conselheiro Francisco Antunes Maciel fotografada por Nara Santos

#### Casarão 8 – Família Antunes Maciel

O Casarão 8 encontra-se localizado ao lado do casarão 6 na praça Coronel Pedro Osório. A edificação foi construída pelo arquiteto José Izella Merotti

no ano de 1878 para servir de residência à família do Conselheiro Francisco Antunes Maciel que ocupou vários cargos políticos Ministro do Império, Deputado Federal em cinco legislaturas no Império e duas na República, Deputado Provincial e dono de Charqueadas. A construção é de esquina com recuos lateral e frontal formando acessos ajardinados, porão alto, sacadas de ferro e platibanda mista coroada por frontões curvos, vasos e estátuas, figura 16. Na arquitetura de interior apresenta forros riquíssimos com trabalhos em estuque e com relevos de gesso, além de pinturas em escaiola. A cozinha é toda revestida com azulejos franceses de cor azul. O prédio tem uma forte influência do estilo rococó. Em 1977 foi tombado pelo governo federal. O imóvel é patrimônio da Universidade Federal de Pelotas- UFPEL e está sendo restaurado através do Projeto Monumenta para sediar os Museus do Doce de Pelotas e o de Antropologia e Arqueologia, assim como uma sala de cinema.



Figura 16: Casarão 8, fotografado por Nara Santos

## Teatro Sete de Abril

Está localizado na praça coronel Pedro Osório, foi construído em 1834, estilo renascentista, obra do engenheiro alemão Eduardo Von Kretschmer, figura 17. Suas instalações são requintadas, com belos lustres, pisos de mármore, espelho e salões para ceias com dimensões inspiradas nos principais teatros construídos na Europa nos séculos XVIII e XIX. No século XIX abrigou inúmeras companhias de ópera líricas européias. É o teatro mais antigo que continua ainda em funcionamento. Em 1870 foram realizadas reformas, sendo acrescentadas grades e colunas de ferro para os camarotes, bancos para os camarotes e platéia além de pinturas gerais. Em 1972 foi tombado pelo governo federal. O prédio foi desapropriado pelo Poder Municipal e teve sua obra de restauração iniciada em março de 1979. O teatro sete de abril representa um patrimônio significativo de uma época de opulência da história da cidade, que resultou num grande desenvolvimento cultural de influência européia. Contava com 1200 espectadores, com requintes de conforto e é testemunho do poder econômico e da cultural da época. No século XIX o Teatro recebia muitas peças de fama mundial e companhias de ópera líricas européias, que eram vistos pela elite de Pelotas antes de Buenos Aires, pois o navio que levava os atores fazia uma parada no porto de Rio Grande e mais tarde no porto de Pelotas.



Figura 17: Teatro Sete de Abril, fotografado por Nara Santos

### Biblioteca Pública Pelotense

A Biblioteca Pública Pelotense foi fundada por Antonio Joaquim Dias e diversos membros da sociedade pelotense. O projeto do prédio foi de José Izella Merotti, a elite contribuía com doações de material de construção vindo da europa, a população em geral também cooperavam com madeiras, pregos, material de construção, cortinhas e através de quermesses e bazares se arrecadou o dinheiro para a construção. Em 1878 João Simões Lopes, o Visconde da Graça, inaugurou os alicerces do atual prédio da Biblioteca Pública Pelotense. A inauguração do prédio foi em 1888 e em 1913 foi acrescentado o segundo piso com projeto de Caetano Casaretto, figura 18.

A linguagem formal do edifício vem do ecletismo historicista composta por colunas e pilastras, com acesso central marcado por um frontão sustentado simetricamente por cariátides, além de balcões e sacadas de púlpito<sup>180</sup>. Em

1904 foi instalado na Biblioteca o Museu Histórico abrigando documentos ligados à história da cidade e do país e em 1946, a Biblioteca Infantil, uma das primeiras do Rio grande do Sul.



Figura 18: Biblioteca Pública : Fonte: Carmem Farina, 2012

#### Prefeitura Municipal de Pelotas

O prédio começou a ser construído em 1879 e foi inaugurado em 1881, para ser a sede da Câmara Municipal de Pelotas. Alguns historiadores afirmam que o projeto foi elaborado pelo engenheiro Romualdo de Abreu e Silva (e modificado por Lopo Netto), outros, que é de autoria do arquiteto italiano José Izella Merotti que era adepto do movimento neoclássico. É uma construção de sobrado de volume retangular, com porão seguindo as linhas estéticas do ecletismo histórico, enriquecido por elementos neoclássicos, figura 19. Acesso marcado por um pórtico que protege a pequena escada e sustenta a grande sacada.



Desde sua construção, o prédio presenciou vários acontecimentos. Em 1884, foi assinada a Declaração de Libertação Escrava em Pelotas, quando foram libertados cerca de três mil escravos.



Figura 19: Prefeitura Municipal de Pelotas fotografado por Nara Santos

## Grande Hotel

Localizado na praça Coronel Pedro Osório, é um construção de 1924, de grande importância arquitetônica, foi projetado pelo engenheiro Theóphilo Borges de Barros que considerava-se seguidor do movimento moderno porém com clara inspiração clássica. É um prédio imponente de quatro pavimentos e com uma cúpula e clarabóia, de bronze fundido, foram

importadas da França, figura 20.

O Grande Hotel desde o dia em foram abertas suas portas vivia em festas. Muitos hóspedes ilustres nele se hospedaram, entre eles Osvaldo Aranha, Flores da Cunha e Getúlio Vargas que, quando Presidente da República, nas suas vindas à Pelotas, nele se hospedava e falava ao povo da sacada de esquina do prédio.



Figura 20: Grande Hotel, fotografado por Nara Santos

## Mercado Público

O mercado se localiza na praça sete de julho no centro da cidade, ao lado da praça principal, a praça Coronel Pedro Osório. Sua construção iniciou em 1847, o projeto foi realizado em etapas. Construído entre 1847 e 1853 em estilo neoclássico, consistia num prédio quadrado, de pátio central, com acesso pelas esquinas. O centro à primitiva torre do relógio, de material, com abóbada e emirante. A torre do relógio foi substituída por uma de ferro importada da Alemanha, uma torre com alusão a torre Eiffel de Paris. Em 1911 e 1914 o prédio sofreu novas reformas. Em 1969 ocorreu um incêndio, e o prédio foi reconstruído com modificações. O prédio do mercado público foi tombado pelo município em 1979, figura 21.



Figura 21: - Mercado Público fotografado por Nara Santos



## Clube comercial

Localizado em uma das principais vias do centro da cidade, a Felix da Cunha, o palacete foi inaugurado em 1871. Uma edificação imponente, um palacete com acabamento e requinte, foi mandado construir pelo charqueador Felisberto Braga para ser a sua residência na cidade, e projetado por José Izella Merote. Com a morte do charqueador, a família vendeu o imóvel com a mobília, tapetes e cortinas ao clube comercial em 1888.

Em 1908 ocorreu um incêndio que destruiu parcialmente o palacete. Foi reconstruído e ampliado, com uma nova ala, com frente a rua feliz da cunha. Em 1920 sua fachada principal recebeu uma marquise de ferro e vidro. Em 1955 o prédio sofreu sua maior intervenção, sendo reformado pelo artista plástico e decorador Adail Bento Costa, aluno de Fernando Corona, figura 22.



Figura 22: Clube comercial, fotografado por Nara Santos

### Clube Caixeiral

As obras do prédio foram iniciadas em 1879, construído para ser a sede do clube dos caixeiros viajantes que conquistaram o direito a descansar aos domingos e feriados. O prédio foi projetado pelo arquiteto Caetano Casaretto e representa um marco da arquitetura eclética pelotense, figura 23. O edifício de três andares possui uma volumetria bastante recortada, formando terraços e pavilhões. Apresenta uma série de elementos decorativos externos, como pilastras, colunas, óculos, platibandas vazadas e cegas, frontões curvos, e figuras mitológicas gregas: uma musa porta um livro e outra uma lira, representando a literatura e a música, evidenciando as funções recreativas e culturais da edificação; outras esculturas representam deuses como Hermes (Comércio) e Hefesto (Indústria). A fachada principal é simétrica, e anteriormente possuía duas torres, infelizmente demolidas. A fachada lateral tem o acesso formado por átrio

com colunas duplas de capitéis jônicos, colocadas sobre pilastras, sustentando um terraço com balaustrada. Foi tombado pelo poder municipal em 1979.



Figura 23: Clube Caixeiral, fotografado por Nara Santos

## Teatro Guarany

O projeto do teatro foi realizado por Stanislau Szarfarki e a obra iniciou em 1920, sendo inaugurado em 1923, figura 24. Foi mandado construir pela firma Santos, Xavier & Cia. Francisco Santos, um dos sócios, era ator e, através da Guarany Films, foi pioneiro do cinema do Rio Grande do Sul.



Figura 24: Teatro Guarany, fotografado por Nara Santos

Construído a partir de três áreas funcionais: o foyer ( construção baixa, recortada com liras, máscaras e o índio “guarany”), a platéia ( construção simples de 4 pavimentos) e o palco cênico com vários pavimentos. Internamente, apresenta foyer e salão nobre, platéia e camarotes em ferradura, palco e camarotes em ferradura, palco e camarins, numa perfeita adequação ao programa. Com 36 camarotes de primeira, 40 camarotes de segunda, 316 poltronas, 186 cadeiras de primeira , 515 cadeiras de segunda, 222 lugares numerados no “paraíso” e 900 lugares na “geral”, constituindo, uma magnífica casa de espetáculos. O prédio foi reformado na década de 70, o forro da platéia foi rebaixado diminuindo o pé direito da sala, escondendo as pinturas do teto.

Na terceira e quarta zonas de preservação, a zona da caieria e a do porto, estão localizados diversos prédios de importâncias histórica e arquitetônica da era da indústria, do período industrial. No próximo capítulo, cap 9 trataremos do patrimônio industrial e citaremos alguns prédios localizados nessa área.

## Solar da Baronesa

O terreno para a construção da residência foi adquirido pelo Cel. Aníbal Antunes Maciel em 1863 para servir de presente ao seu filho, o futuro Barão dos Três Cerros, por ocasião de seu casamento com a Sinhá Amélia Hartley de Britto, a futura Baronesa de Três Cerros, que ocorreu no ano seguinte. Ela era filha de ingleses, sócios do Banco de Londres no Rio de Janeiro. O Barão era pecuarista e recebeu seu título do Imperador Dom Pedro II, por ter participado do ato que emancipou os escravos de Pelotas em 1884, quatro anos antes da abolição da escravatura. A incrível personalidade da Baronesa de Três Cerros tornou conhecida a chácara dos Barões como sendo o Solar da Baronesa.

A edificação está localizada na periferia e com o tempo foi ampliada e transformada numa construção de base quadrada, com pátio central, encimada por uma camarinha. Do lado esquerdo e interligada ao Solar, em uma varanda decorada com lambrequins, foi edificado o salão de festas (capela). Nos fundos, foi construída a magnífica torre de banhos, com azulejos europeus e banheira com fundo de mármore. O Solar é uma obra arquitetônica com os estilos Neoclássico e Colonial Brasileiro do século XIX cujo material de acabamento foi trazido da Europa.. O prédio foi tombado pelo patrimônio histórico do município em 1985 e atualmente abriga o Museu Municipal Parque da Baronesa, uma área construída de 820 m<sup>2</sup>, possui 22 peças e um pátio interno, figura 25.



Figura 25: Museu da Baronesa : Fonte: Acervo do Museu da Baronesa

O museu possui um acervo de mais de mil peças onde destacam-se uma coleção de móveis e acessórios pertencentes à família Antunes Maciel e uma coleção pertencente ao artista plástico Adail Bento Costa, de móveis, leques, porcelanas, pratarias, armários, paramentos, vestes, fardas militares e imagens de madeira.

Além da riqueza arquitetônica, no Solar da Baronesa hospedaram-se vultos ilustres de nossa história entre os quais o Marechal Deodoro da Fonseca, amigo pessoal do Barão dos Três Cerros que seguia para o Rio e Janeiro onde proclamaria a República.

Como já abordado no capítulo 4, a inclusão da cidade de Pelotas, em 2002, no Programa Monumenta, do governo federal impulsionou a preservação e foi fundamental na concretização de projetos de ações preservacionistas concretas. O Monumenta é um programa estratégico do Governo Federal, com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento e parceria técnica da Unesco. Tem como objetivo conjugar a recuperação e a preservação do patrimônio histórico com desenvolvimento econômico e social.

O Programa Monumenta iniciou suas ações em Pelotas em 2003, sua primeira reforma foi a requalificação da Praça principal da cidade e a limpeza e recuperação da Fonte das Nereidas. Logo em seguida, em 2004, iniciaram as reformas dos prédios localizados em seu entorno, como o Mercado Público, o Grande Hotel, Casarão 2 e 6, Teatro Sete de Abril, Prefeitura Municipal, o Paço Imperial e a Biblioteca. As ações de preservação ainda continuam com projetos do Programa Monumenta até 2012.

Os casarões 2, 6, e 8 localizados na Praça Coronel Pedro Osório formam um conjunto homogêneo representando uma riqueza na arquitetura urbana da cidade do século XIX e um dos mais importantes do Brasil, tornando-se relevante a sua preservação.

O Centro Histórico de Pelotas é caracterizado por edifícios construídos entre os séculos XIX e XX. O município dispõe de importante patrimônio histórico e cultural edificado em diferentes períodos e estilos arquitetônicos. Pelotas possui um grande número de prédios construídos utilizando os mais diferentes códigos estéticos e arquitetônicos, havendo predomínio do ecletismo. Esses prédios foram edificados ao longo dos

tempos e forneceram ao contexto urbano uma unidade e harmonia, gerada a partir do respeito entre as diversas arquiteturas do entorno<sup>181</sup>.

## Notas

---

<sup>175</sup> Moura e Shelee, 1998

<sup>176</sup> Almeida e Bastos 2006

<sup>177</sup> Almeida e Bastos 2006

<sup>178</sup> Almeida e Bastos 2006

<sup>179</sup> Moura e Shelee,1998

<sup>180</sup> Moura e Shelee,1998

<sup>181</sup> Moura e Shelee,1998



## CAPÍTULO 6 OUTROS ELEMENTOS DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Pelotas além de apresentar a riqueza de um patrimônio cultural materializado em sua arquitetura colonial e eclética também apresenta outros elementos de importância histórico, artístico e cultural material e imaterial. O patrimônio artístico é representado por elementos elaborados com uma riqueza de detalhes na arquitetura que se apresentam como forma de ostentação cultural e artística vivida pela sociedade da época, tais como os azulejos, os vitrais, metais nas fachadas das edificações, os afrescos, os estuques ornamentais, as esculturas, a arte cemiterial e as carruagens fúnebres e de passeio. Ainda representando o patrimônio cultural material identificamos o patrimônio arqueológico. O município também apresenta um rico patrimônio cultural imaterial representado pela literatura e gastronomia.

### *Patrimônio artístico:*

*azulejos, vitrais, metais nas fachadas das edificações, afrescos, estuques ornamentais, e esculturas, arte cemiterial e as carruagens fúnebre e de passeio*

### *Azulejos*

No final do século XIX começa a serem utilizados azulejos para impermeabilização e requinte na edificação eclética e neocolonial. O uso do azulejo representava um status. Os azulejos resistem ao tempo e estão presentes nas edificações. Na região sul podemos encontrar nas cidades de Rio Grande, Jaguarão e Pelotas uma coleção de exemplares de azulejaria portuguesa. Em Rio Grande encontramos o sobrado dos azulejos o mais

antigo exemplar de azulejaria da cidade e do estado, e em Jaguarão a riqueza do edifício Tiarajú.

Pelotas é a cidade que mais contém exemplares de azulejos portugueses, sejam eles dos mais variados padrões ou ainda do tipo Registo. Se verificou a presença de quatro tipos de padrões de azulejos: o de Relevo, Motivo Único, Tulipa e Friso Geométrico<sup>182</sup>, figura 26.

O padrão de um azulejo é o desenho que o compõe. Esse desenho, na maioria das vezes, não era exclusividade de uma única fábrica ou de um único país. Assim sendo, padrões ou desenhos projetados pelas fábricas portuguesas poderiam ser facilmente criados e “copiados” por fábricas inglesas, francesas, holandesas<sup>183</sup>.



Figura 26: Exemplos de padrões mais encontrados na cidade de Pelotas :  
Fonte: Curval, 2008

a) padrão relevo

b) motivo único

c) friso Geométrico

Nas antigas charqueadas também encontramos alguns exemplares de azulejos portugueses. Abaixo temos o exemplo de azulejo com

eflorescências encontrado na antiga charqueada Bernardes Barcelos, atual colônia Mazza, figura 27.



Figura 27: Exemplo de azulejo com eflorescências existente na Colônia Mazza, Fonte: Curval, 2008

O museu da Baronesa abriga alguns dos mais belos azulejos da cidade, importados da França, figura 28. O solar possui uma Sala de Banho, situada na parte externa da residência, e que apresenta azulejos europeus e banheira com fundo de mármore



Figura 28: Azulejos do Museu da baronesa

### *Vitrais*

O vitral é utilizado nas edificações como um elemento da arquitetura com a função de vedar, dividir ou decorar espaços construtivos.

Na cidade de Pelotas foram encontrados 13 edificações com importantes vitrais em sua arquitetura<sup>184</sup>: Antiga escola de Belas Artes, figura 29; Casarão Santa Eulália; Capela da Universidade Católica de Pelotas - Campos II ; Catedral Anglicana do Redentor ; Catedral São Francisco de Paula, figura 30 ; CLINRAD - Clinica de Radiologia; Colégio Estadual Felix da Cunha; Escola de Ensino Fundamental Castro Alves; Escola de Idiomas Yazigi ; Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas; Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas; Igreja do Sagrado Coração de Jesus e Universidade Católica de Pelotas – Campus I

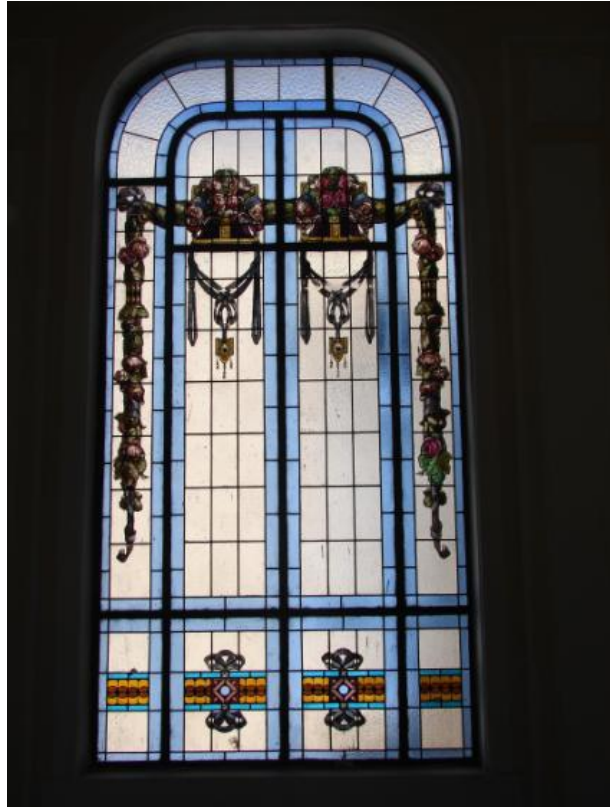


Figura 29: Vitral existente na Antiga escola de Belas Artes, Fonte:  
Wertheimer, 2011



Figura 30: Vitral na Catedral São Francisco de Paula representando a imagem de Nossa Senhora das Graças, Fonte: Wertheimer, 2011

*Os metais nas fachadas dos prédios:*

Os metais, no caso o ferro, utilizados na composição arquitetônica do final do século XIX e início do XX tinham o papel de modernizar, de eletizar, simbolizavam o status do proprietário da edificação, ou de poder político estatal, além de funcionalidade e segurança ou beleza.

Com o processo industrial ficou mais fácil produzir os produtos e artefatos metálicos na arquitetura e espaço urbano. Na cidade de Pelotas foi muito usado e representava o grau de riqueza e modernidade da elite pelotense: “No patrimônio arquitetônico urbano de Pelotas, os metais deixaram “marcas” da prosperidade exuberante, verificada entre os anos de 1870 e 1931”<sup>185</sup>.

Nas construções realizadas nesse período podemos observar o uso dos metais nas fachadas dos prédios particulares e públicos na área central de Pelotas:

“Monumentais ou singelos, únicos ou seriados, os componentes arquiteturais metálicos são, em maioria, frutos de uma produção em massa, que se avolumou em função de um gosto e de um “saber fazer” importado do Velho Mundo e adaptado à realidade local. Podem ser considerados elementos que emitem um sentido de modernidade, promovendo individualidade e caráter à arquitetura que os comporta. Os componentes metálicos usados na arquitetura de Pelotas manifestam-se com elementos compositivos da arquitetura eclética, caracterizando a paisagem da área central da cidade<sup>186</sup>”.

Podemos indentificar 16 tipologias nas edificações da área central da cidade, tais como bandeira (figura 31), balcão (figura 32), grade em janela de porão (figura 33), grade em porta de madeira (figura 34), luminária janela e portão (figura 35), grades em janela (figura 36), gradil e porta, montante, guardacorpo, marquise, grade em bandeira, grade em platibanda e, por último, peitoril<sup>187</sup>.

A tipologia bandeira ou caixilho é a estrutura que se localiza na parte superior das portas ou janelas, com a finalidade de favorecer a iluminação aos ambientes e, quando móveis, ventilação, muita utilizada nas edificações do século XIX com estruturas em barras metálicas e desenhos diversificados e vitros coloridos, figura 31.



Figura 31: Bandeira em arco abatido do primeiro período eclético, Fonte: Dametto, 2009

A tipologia balcão, também chamada de sacada. Os tipos encontrados, por ordem de maior frequência, foram: retos; corridos retos; mistos retos e curvos, figura 32. Pouco mais da metade dos balcões foi adotada em edificações do século XIX. Existem alguns tipos exclusivos desse período, como: chanfrado, corrido reto e curvo e corrido de canto. Do início do século XX, apenas um, caracterizado como misto curvo.





Figura 32: Exemplos de Tipologia Balcão, Fonte: Dametto,2009



Figura 33: Tipologia grade em janela de porão. , Fonte: Dametto, 2009

Das tipologias mais empregada no final do século XIX destacam-se as bandeiras e em segundo os balcões. As grades em janela de porão, Figura 33 e as grades em porta de madeira, figura 34 em terceiro e quarto lugares, encontradas em imóveis de construção do início do sec.XX<sup>188</sup>.



Figura 34: Grade em porta de madeira, Fonte: Dametto, 2009



Figura 35:Luminárias em metal fundido, Fonte: Dametto, 2009



Figura 36: Grade em janela e faixa metálica sobre alvenaria. Sede do antigo Banco da Província. Fonte: Dametto, 2009

O material para a confecção dos artefatos geralmente eram importados dos Estados Unidos e Europa, mas também podemos encontrar material proveniente do Rio de Janeiro. Os artefatos das últimas décadas do século XIX apresentam desenhos com influência do Neoclassicismo. Apresentam linhas sinuosas, referenciando o Barroco e formando desenhos mais orgânicos e rigidamente simétricos. Os artefatos do início do séc. XX, apresentam influências do período anterior, e traços do *Art Nouveau* com linhas onduladas e assimétricas e citam o Neogótico pela adoção de determinados elementos compositivos ornamentais, como os florões, pináculos, folhas montantes e estilizadas. Os componentes do final do segundo período mostram-se mais geometrizados e simplificados demonstrando uma nítida influência do Art Déco<sup>189</sup>.

## *Afrescos*

Os afrescos, palavra originária do idioma itálico “buona fresco” boa nova, é uma técnica de pintura mural, são obras de pintura da arte realizadas na parede, com base de gesso ou argamassa, geralmente com temas religiosos e pintados nas igrejas. Na cidade de Pelotas, a obra de arte realizada em afresco mais famosa é a da Catedral de São Francisco, afrescos pintados pelo pintor italiano Aldo Locatelli, figuras 37, 38 e 39. O pintor foi convidado por Dom Antonio Záttera, bispo de Pelotas para pintar os afrescos da catedral em 1948, logo trouxe sua família para viver no Brasil. Realizou o afresco “A primeira missa” mais tarde sendo convidado para realizar outras pinturas no Estado e no Brasil. Foi professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Instituto de Artes, na capital do estado e influenciou vários pintores gaúchos.



Figura 37: Afrescos de Aldo Locatelli na Catedral São Francisco de Paula



Figura 38: Afrescos da Catedral São Francisco de Paula de Aldo Locatelli,  
Fonte: Raul Lisboa, 2008



Figura 39: Apoteose de São Francisco de Paula, na Catedral

O pintor Aldo Locatelli (1915-1962) nasceu em Bérghamo e realizou diversos trabalhos no Brasil, juntamente com a via-sacra da igreja de São Pelegrino em Caxias do Sul, os trabalhos realizados na catedral de Pelotas, são considerados os mais importantes realizados durante sua estada no país. Locatelli viveu 14 anos no Brasil, pintou diversos afrescos com motivos

religiosos e do povo gaúcho. Sua última obra foi o quadro sagrado coração de Jesus ficando inacabada, pois faleceu em 1962 aos 47 anos.

### *Estuques ornamentais*

O estuque é uma técnica construtiva empregada para a edificação de muros, tetos e paredes internas e externas da edificação. É material de argamassa de revestimento que resiste ao tempo, servindo de vedação para paredes e tetos, preenchendo interfício de armação.

Em Pelotas grande parte das decorações de estuque era importada da Europa, outros ornamentos eram copiados ou criados e multiplicado em atelieres que se estabeleceram na cidade e a atividade foi influenciando o mercado.

De 1870 a 1931 se utiliza figuras inspirada em lugares ou períodos significativos da historia da arquitetura, utilizam figuras geométricas, símbolos diversos, associados a função original da edificação ou dos ambientes interiores. Em Pelotas, o método para a estucagem dos forros seguia regras semelhantes às usadas na arquitetura romana<sup>190</sup>.

Os estuques ornamentais foram empregados nas paredes exteriores e interiores e nos forros de alguns prédios construídos na cidade no século XIX até começo ou primeiras décadas do século XX.

Os arranjos ornamentais de estuque embelezam a edificação com seus detalhes de confeccionados com arte. E muitas vezes podem revelar o prestígio das diferentes casas comerciais, prédios administrativos e residenciais, contribuindo para mostrar o poder econômico da elite

pelotense<sup>191</sup>. Pelotas possui um acervo variado de composições da estucaria, segue abaixo alguns exemplos, figuras 40,41,42,43 e 44:



Figura 40: Brasão com a cabeça estilizada de um leão no frontão do prédio do Banco Nacional do Comércio. , Fonte: Winter e dos Santos, 2011



Figura 41: As representações de Febo ou Apolo nos capitéis do prédio do Banco Nacional do Comércio, Fonte: Winter e dos Santos, 2011





Figura 42: Detalhe da figura do marinheiro do frontão da fachada do palacete de Adriano Rocha Fonte: Noble et alii, 2012



Figura 43: A imagem da esquerda nos mostra os relevos em estuque da residência do Barão de Butuí; na imagem à direita Capitel estucado com acantos e volutas da residência do Barão de São Luis, Fonte: Noble et alii, 2012





Figura 44: Mascarão e instrumentos musicais da fachada do Teatro 7 de Abril Fonte: Noble et alii, 2012

### *Esculturas públicas*

As obras de esculturas mais importantes encontradas na cidade de Pelotas foram realizadas pelo escultor Antônio Caringi. O escultor, filho de imigrantes italianos, nasceu na cidade de Pelotas em 1905 e é considerado o maior escultor gaúcho. Em 1928 foi estudar na Academia de Belas Artes de Munique na Alemanha. Na Europa exerceu cargo diplomático na Itália, Dinamarca, Suécia, França, Turquia e Grécia. Retornou ao Brasil, em 1940 e radicou-se em Pelotas, onde criou o curso de escultura na Escola de Belas Artes, em 1942. Faleceu em Pelotas em 1981. No acervo do museu de arte Leopoldo Gotuzzo, podemos encontrar vários dos seus moldes em gesso e pequenas peças, como estátuas em bronze, muitas das peças fazem parte de

estudos feitos pelo artista e que serviram como modelo para a execução de grandes estátuas.

Suas obras encontram-se espalhadas pela cidade de Pelotas, em praças e logradouros públicos, identificamos 10 esculturas: *Oferenda* de 1942, em bronze, localizado no Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula; *Monumento ao Colono* de 1958, em bronze e granito, na Praça 1º de Maio; *Monumento ao Bispo Dom Joaquim Ferreira de Mello* de 1942, em bronze e granito, na Av. Dom Joaquim; *Sentinela Farroupilha* de 1935, em bronze, Praça 20 de Setembro; *As Três Idades do Trabalho*, em granito, Praça Coronel Pedro Osório; *Dr. Luiz Pereira Lima* de 1958, em bronze, Praça Piratinino de Almeida; *Monumento ao Coronel Pedro Osório* de 1954, em bronze e granito, Praça Coronel Pedro Osório; *Monumento à Mãe* de 1968, em bronze e granito, Praça Coronel Pedro Osório, figura 45; *Monumento ao Dr. José Brusque* de 1968, em bronze e granito, Praça Coronel Pedro Osório.



Figura 45: Monumento à Mãe de 1968, em bronze e granito, Praça Coronel Pedro Osório, Fonte: Waldo Gouveia, 2011

### *Arte cemiterial*

A arte cemiterial é um tipo de arte que geralmente cai no esquecimento coletivo e ao mesmo tempo existe para representar a memória. A arte cemiterial pode apresentar grandes obras, muitas vezes de artistas consagrados nacionalmente e internacionalmente, e que são pouco observadas e valorizadas.

Os mais antigos cemitérios de Pelotas são o Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula construído em 1855 e o Cemitério São Lucas, de 1856. O Campo Santo da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas pertence a um conjunto do Cemitério São Francisco de Paula, é o mais expressivo artisticamente, com um importante significado e história para a cidade. Nessa área se encontra a Capela do Nosso Senhor do Bomfim, construída em 1880 é também conhecida como “o cemitério dos Ricos” onde se encontram os túmulos de importantes personagens históricos da cidade, viscondes, barões, condes e a elite intelectual da cidade falecidos entre os séculos XIX e XX. Também se encontram os túmulos de personalidades importantes de Pelotas tais como o escritor João Simões Lopes Neto, o poeta Lobo da Costa. O cemitério possui um grande número de monumentos e de obras de arte com um valor patrimonial cultural, artístico e histórico, demonstrando a importância desse acervo de arte funerária.

A importância e suntuosidade dos rituais fúnebres da elite pelotense da época que acompanhava a moda européia resultou na produção de belas obras de arte, por exemplo a escultura de Antonio Carringi, figura 46. A sociedade pelotense tinha recursos para aplicar no embelezamento da necrópole, surgindo assim um mercado de marmorarias na cidade. As oficinas mais importantes que funcionavam na cidade era a representação

da oficina de mármore Giusti, a marmoraria e ateliê de escultura Barsanti e a oficina de mármore de José dos Santos Sobrinho<sup>192</sup>. Ao final do século XIX e o início do século XX se produziu ornamentos para os túmulos que podiam ser originais ou réplicas, importavam material da Europa.

A sociedade pelotense procurou distinguir seus mortos mais ilustres, “enaltecendo a importância destes na cidade para a posteridade, mandando construir túmulos monumentais com refinamento. No cemitério de Pelotas nele jaz, “não somente os restos mortais de pessoas, mas a documentação de estilos compositivos e ornamentais das épocas passadas<sup>193</sup>”. O conjunto funerário do cemitério da Santa Casa documenta uma sociedade, caracterizando e contextualizando-a .



Figura 46: Oferenda de 1942 de Antonio Carangi, Fonte: Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho, 2005

A importância da arte cimiterial não é apenas a estética, a arte, mas os aspectos históricos e contextualização de uma época de aristocracia e opulência, do século XIX e início do século XX. Com a ideia de perpetuar seus mortos de maneira sintuosa, utilizavam com frequência o mármore

representando o poder econômico e o apogeu cultural da cidade, figura 47. Muitas das esculturas eram também importadas<sup>194</sup>.



Figura 47: Jazigo da família de Joaquim Kramer- Anjo, Menino e Orantes, Fonte: Carvalho; de castro; Montelli; Lemos e Michelin, 2004

No Cemitério, podemos encontrar alguns bustos de importantes figuras da sociedade pelotense da época. A figura 48 nos mostra o busto do Barão de Butuí, colocado no topo de seu túmulo monumental, um dos mais altos do cemitério.



Figura 48: busto do Barão de Butuí, Fonte: Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho,2005

Muitos pelotenses ilustres gostavam de mandar construir grandes túmulos para toda a família, figura 49.



Figura 49: Túmulo do coronel Aníbal Antunes Maciel e família, Fonte: Bruno Farias

O campo santo no cemitério São Francisco de Paula, área onde esta enterrada a elite pelotense, possui um acervo funerário que constitui um registro dos costumes da sociedade do final do século XIX e primeira metade do século XX. Um verdadeiro memorial, que exalta os valores de personalidades e famílias de destaque na história da cidade de Pelotas.

### *Carruagens de passeios e fúnebres:*

A arte funerária da cidade de Pelotas está representada não somente pelo acervo artístico do cemitério, mas também pelo uso das carruagens ou antigos carros fúnebres que as famílias aristocráticas utilizavam para o cortejo até o cemitério São Francisco de Paula para o sepultamento dos seus mortos.

As carruagens fúnebres começam a ser usadas em Pelotas no ano de 1854 e até a década de 70, do século 20, estes carros, ricos em adornos, ainda faziam o cortejo dos mortos até o campo santo no cemitério São Francisco de Paula. Ampulhetas, foices, coroas de louros adornam duas carruagens ainda conservadas. As carruagens paradas há mais de 40 anos fizeram parte dos áureos tempos da cidade de Pelotas, transportando os mortos abastados, os mais pobres eram conduzidos em carroças, apelidadas de bate-bate. Nos cortejos fúnebres, os cocheiros trajavam uniformes elegantes na mesma cor das carruagens. Os cavalos usavam capa e penacho de plumas. O cortejo era administrado pela Santa Casa de Misericórdia, responsável pelo cemitério<sup>195</sup>.





Figura 50: Carruagem fúnebra pertenciam a antiga empresa Costantino Ribeiro. Fonte: <http://www.funerariacasalima.com.br/historia.php>

Atualmente encontram-se duas carruagens sob responsabilidade da Prefeitura Municipal de Pelotas, estão aguardando financiamento para a sua restauração. Uma carruagem preta, de 1857 que carregava os mortos de famílias ricas. E outra branca de 1864, que transportava corpos de mulheres e crianças. Os dois veículos funerários são ricamente adornados com esculturas e talhas em alto-relevo que representam símbolos escatológicos com temática cristã. Suas cores têm, também, um valor simbólico: o branco é símbolo de fé, de pureza, de virgindade e de inocência; o preto é a cor do Príncipe das Trevas, da negação e da morte, e o dourado é o sol, a bondade divina e a fé<sup>196</sup>.

A Carruagem Nobre, a Preta é a maior e mais imponente das duas carruagens. É toda preta com detalhes dourados, entalhes e símbolos iconográficos e escatológicos (da morte) figura 50 e 51. Construída no Rio de Janeiro no ano de 1853 e em 1854 já circulava pelas ruas de Pelotas. As duas carruagens foram encomendadas pela Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. As carruagens mesclam elementos do Barroco Europeu e do Rococó, além de também possuírem características do estilo Neoclássico e



do Romantismo. Era utilizada para transportar os restos mortais de homens e mulheres membros da elite pelotense<sup>197</sup>.



Figura 51: Carruagem Fúnebre Preta, Fonte: Diário Popular de 16-08-2011

A carruagem branca foi encomendada em 1861 pela firma Custódio Ribeiro, da cidade de Rio Grande. A Carruagem branca, “para anjinhos”, destinava-se ao cortejo de crianças, moças virgens, e de rapazes até 18 anos, membros de famílias abastadas da cidade. A carruagem também possui detalhes dourados e entalhes iconográficos, foi construída no Rio de Janeiro em 1861, figura 52.



Figura 52: Carruagens Fúnebres: a Branca e a Preta, Fonte: Diário Popular de 16-08-2011

No cortejo as carruagens eram puxadas por uma ou mais parselhas de cavalos, dependendo da fortuna do morto, e eram conduzidas por um cocheiro elegantemente trajado com as cores da respectiva carruagem, os cavalos também possuíam uma indumentária elegante, Figura 53.



Figura 53: Carruagens Fúnebres utilizadas nos cortejos.  
<http://www.funerariacasalima.com.br/historia.php>

A empresa de Pompas Fúnebres Moreira Lopes foi fundada em 1882, estando localizada na praça central da cidade. O prédio foi construído no

mesmo ano, figura 54. Em 1922, a fachada foi reformada com ornamentos Art Nouveau. Permanece o uso original até os dias de hoje. A edificação esta inventariada como Patrimônio Histórico e Cultural da cidade.



Figura 54: Pompas Fúnebres fotografado por Nara Santos

As carruagens nesse período representavam um dos símbolos visíveis da classe social, um status. A elite pelotense também utilizava a carruagem para o seu transporte e o de pessoas ilustres que visitavam a cidade. Duas fábricas de carros (carruagens simples com cobertura de couro) importantes foram implantadas em Pelotas, a de Carros e Garage Etchegaray e a de Carros Schröder. A fábrica de Carros, primeira fábrica, foi fundada em 1845 pelo francês Carlos Rüelle.

### *Patrimônio arqueológico*

O laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas –Leparq- UFPEL, desde 2001 desenvolve

projetos na área de preservação do patrimônio cultural material e imaterial da região. A partir das escavações realizadas constituiu um valioso acervo arqueológico ao longo dos últimos anos. Os trabalhos mais avançados estão sendo desenvolvidos na área central da cidade.

área central, os casarões e a praça:

O Leparq desenvolve dois projetos na área central entorno da praça coronel Pedro Osório, nos casarões e na praça, um denominado mapeamento arqueológico de Pelotas e região e o outro salvamento arqueológico da área urbana de Pelotas.

O material encontrado revelou importantes vestígios sobre a vida diária dos habitantes do núcleo urbano de Pelotas do séc. XIX e início do XX. O grande volume de louça fina exumada, figura, nas escavações da casa de 8 permitirá a visualização, concreta, de vários aspectos da vida cotidiana, incluindo, por exemplo, hábitos alimentares e higiênicos, bem como cuidados com a saúde e com a toalete, figura 55 e 56.

Os registros materiais são de extrema importância no processo de identidade cultural, podendo o material ter um grande valor para a pesquisa histórica. Possuindo significativo potencial museológico e ser utilizado ao uso da história para programas de educação patrimonial e para o desenvolvimento do turismo cultural<sup>198</sup>.



Figura 55: Urinol com decoração à mão livre com motivo floral, Fonte: Cerqueira e Peixoto, 2006



Figura 56: Bule com decoração transfer printing, Fonte: Cerqueira e Peixoto, 2006

Com os trabalhos desenvolvidos pelo Leparq, se pode conhecer um pouco mais de uma parte importante da história de Pelotas:

“ Iluminando aspectos estudados ainda de maneira insuficiente pela historiografia baseada nos registros textuais: a higienização, hábitos de consumo e padrões econômicos, sistema urbano de tratamento de lixo, urbanização das áreas centrais e instalação de infra-estrutura, desenvolvimento de atividades econômicas específicas, como a indústria farmacêutica<sup>199</sup>” .

Os dados arqueológicos têm fornecido novos referenciais para se pensar a cultura e sociedade pelotense do século XIX. No centro histórico de pelotas foram realizadas intervenções arqueológicas nos pátios, porões e fundações de prédios remanescentes do século XIX. Os resultados das últimas pesquisas “implica num novo olhar sobre esta paisagem, recriando, na memória coletiva, este espaço de interpretação da paisagem urbana”<sup>200</sup>.

Os resultado das escavações na praça Coronel Pedro Osório confirmam a hipótese da existência de uma lixeira coletiva na praça. O período de formação deste depósito ocorreu entre as décadas de 1820 (ou um pouco antes) e 1880, período em que se deu a efetiva ocupação da área do entorno da Praça.

A análise da louça encontradas em residências no centro da cidade identificou a participação de outros grupos além do charqueador/estancieiro e escravos presentes na formação e desenvolvimento da cidade, grupos representados por comerciantes, funcionários do governo, profissionais liberais e outros.

Forma encontradas muitas louças com decoração faixas e frisos apesar de serem relacionadas a um mesmo padrão, têm períodos de produção distintos conforme características específicas, como largura das faixas, cor, estilo dos frisos, etc. De um modo geral, o período de produção dessas louças vai de 1790 ao início do século XX. Em algumas podemos encontrar o estilo friso dourado em peças brancas com brasões ou monogramas, feitas sob encomenda para famílias abastadas. A figura 1 nos mostra um exemplo

de louça decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão faixas e friso, no estilo friso dourado, produzida a partir de 1860, figura 57.



Figura 57: Louça – prato raso, Fonte: Cerqueira e Peixoto, 2006

#### Casa 2 – Residência Barão de Butuí

Na casa 2 de propriedade de um dos charqueadores mais ricos da cidade, o Jose Vieira Viana, o Barão de Butuí, foi encontrado material nas escavações composto de fragmentos de cerâmica vidrada de origem européia, por fragmentos de cerâmica, telhas, tijolos etc. , figura 58.





Figura 58: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – transfer printing –, com tema cena chinesa no estilo chinoiserie, padrão willow, na cor azul, produzida a partir de 1780. Fonte: Peixoto, 2003.

Foram encontrados vestígios de uma cultura material que demonstra a reduzida inserção da cidade, até os anos 1830, no mercado de escala internacional, protagonizado pela Inglaterra e seguido por França e Holanda. Nesta fase, predominavam utensílios oriundos da península ibérica (cerâmica vidrada) e produzidos localmente (cerâmica neo-brasileira).

A análise do modo de vida identificou mudanças no comportamento e estilo de vida da população. No século XIX a cidade de Pelotas passou por um processo rápido de urbanização ...”Um estilo de vida comportamento de consumo voltado a um sentido de modernidade, marcado por uma abertura



a novos costumes, com um ritmo acelerado de substituição de produtos a partir do terceiro quartel do século dezanove XIX”<sup>201</sup>.

### *Casa 8 – Residência Conselheiro Antunes Maciel*

O material encontrado na Casa 8 é diversificado, com diversos materiais de louças inglesas e portuguesas, azulejos franceses, tijolos e telhas produzidos pelos escravos, garrafas de vidro de diferentes tipos de bebidas, grande quantidade e variedade e ossos de várias espécies animais<sup>202</sup>.... Do material do sítio *Casa 8* foram elaborados, até o momento, três catálogos: *Catálogo de Material Arqueofaunístico*, *Catálogo de Faiança Fina* e *Catálogo de Grés*.

O material que forma o Catálogo de Grés (arenito) nos mostra a diversidade de hábitos alimentares e de consumo da população pelotense e a influência européia, principalmente na segunda metade do século XIX. O catálogo é formado por uma diversidade de utensílios de grés importados de países como Holanda, Alemanha e Inglaterra<sup>203</sup>. Pode se identificar que no período de 1860 a 1890, houve um grande consumo de louças, figura 58.



Figura 59: Louça encontrada no casarão - Louça decorada pela técnica de pintura mecânica, transfer printing, produzida a partir de 1780. ,Fonte: Peixoto, 2003

A análise do material sugere que durante quase todo o século XIX diversos produtos, de vários países, envasados em garrafas de grés, entraram no mercado brasileiro. Entre as bebidas, um dos produtos mais consumido foi a genebra seguido pelas cervejas. Demonstrando o forte relacionamento comercial do Brasil com vários países da Europa, como Holanda, Alemanha e Inglaterra. O grés foi também encontrado na forma de manilhas e tubulações, e em tinteiros. Encontraram-se ainda recipientes em grés para produtos cosméticos usados para fixar e modular o penteado dos cabelos<sup>204</sup>.

Com o resultado das escavações na praça Cel. Pedro Osorio podemos afirmar que se trata de um importante sítio histórico do Rio Grande do Sul, que gerou um volume de material dos mais ricos, em termos de volume, diversidade, atratividade museológica e representatividade para os estudos científicos. Vestígios estes que também podem ser elencados como um fator surpreendente pela sua diversidade tipológica<sup>205</sup>.

## *Patrimônio cultural imaterial – patrimonio etnográfico*

Literatura: o escritor pelotense João Simoes Lopes Neto e o poeta Lobo da Costa

A maior expressão literária da cidade de Pelotas é João Simoes Lopes Neto, nasceu em em 1865, na estância da Graça, de propriedade de seu avô João Simoes Lopes Filho, o Visconde da Graça que chegou a ter uma orquestra particular formada por escravos em sua fazenda. Foi jornalista, teatrólogo, folclorista e empresário. João Simões Lopes Neto. depois de décadas de sua morte, ocorrida em 1916, tornou-se o maior escritor regionalista do rio Grande do Sul. Morreu aos 51 anos na pobreza.

Estudou no Rio de Janeiro e retornando ao sul para sul cidade natal criou sob o sistema de cotas uma fábrica de vidros, cujos operários eram todos franceses e os aprendizes meninos pobres da região. No final do século XIX fundou diversas indústrias e empresas: destilaria, fábrica de cigarros, firma de moer e torrar café, mineração etc.... Durante esse período também foi jornalista.

Escreveu diversas peças de teatro. Publicou três livros em vida, todos lançados em Pelotas, *Cancioneiro guasca* 1910, *Contos gauchesco*, 1912 e *Lendas do sul* em 1913. Suas obras foram importantes contribuições ao regionalismo sul riograndense. Procurava valorizar a história gaúcha, apresentando fielmente os costumes e a linguagem do povo gaúcho. Suas obras foram traduzidas para o italiano, espanhol, inglês e até japonês. Simões Lopes Neto só alcançou a glória literária postumamente, em especial após o lançamento da edição crítica de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, em 1949. O livro *Lendas do Sul* foi a primeira obra literária no idioma português a ser publicada na rede mundial de computadores pelo

aclamado Projeto Gutenberg, um empreendimento sem fins lucrativos empenhado em disseminar grandes clássicos da literatura.

A casa onde o escritor viveu entre os anos de 1897 a 1907 foi declarada patrimônio cultural do estado e foi instalado o Instituto João Simões Lopes Neto, na rua Dom Pedro II, figura 60. No período em que viveu na casa, o escritor escreveu duas obras literárias: *A cidade de Pelotas* e *Negrinho do pastoreio*, além de sete peças teatrais, a maioria comédias. *O palhaço* (1900) era o único drama. As demais foram *Fifina* (1900), *Jojo e Jajá e não Ioiô e Iaiá* (1901), *Querubim trovão* (1901), *Amores e facadas* (1901), *O maior credor* (1901) e *Por causa das bichas* (1903).



Figura 60: Instituto João Simões Lopes fotografado por Nara Santos

Francisco Lobo da Costa.

Lobo da Costa nasceu em 1853. Aos doze anos publica um poema que celebra a retomada uruguaiana pelas tropas brasileiras, durante a guerra do Paraguai. Lia e recitava Castro Alves, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo. Inspira-se em Gonçalves Dias para criar uma poesia de temática indianista. Aos dezesseis anos, começa a publicar com frequência seus poemas em jornais. Criou, em 1869, um semanário literário, A Castália, que circulou até o ano seguinte. Em suas poesias tinham o tema das desigualdades sociais presente

O poeta mais popular da cidade morreu jovem, com 35 anos, vítima do alcoolismo e também sofria de tuberculose. Foi encontrado morto na rua em 1885, depois de fugir do hospital.

A obra poética de Lobo da Costa foi publicada em jornais, em especial Eco do Sul, Diário de Pelotas e Progresso Literário. Alguns de seus poemas mais conhecidos são: Isabel, Fragmento, Sombras e Sonhos, Amor, Melodias, Aquele Ranchinho, Os Romeiros da Morte e Adeus. Em 1985, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) publicou em livro seu poema épico, Epopéia Farroupilha.

## Patrimônio gastronômico: doces portugueses

A cidade de Pelotas vai sofrer uma forte influência da cultura portuguesa, os primeiros a ocupar e consolidar o território. Essa influência vai se manifestar fortemente na gastronomia. Os doces foram introduzidos na cultura pelotense em 1860 pelos portugueses.

Devido à facilidade de importar o açúcar do nordeste em troca do charque<sup>206</sup>. Durante esse século os doces tornaram-se um hábito local, em todas as festas estavam presentes. O açúcar era considerado um artigo de luxo na época, por isso tão valorizado pelas famílias mais abastadas. Os doces finos eram oferecidos nas festas, saraus, baile nas casas das famílias mais tradicionais de Pelotas.

Os doces finos estavam associados à cultura da elite local pelotense de fins do século XIX e começo do século XX<sup>207</sup>. Doces finos: o camafeu, o bem casado, a fatia de Braga, o ninho, o papo de anjo e os pastéis de Santa Clara. Em 2003 os doces tradicionais pelotense foram declarado patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul, através da lei estadual nº 11.919 de 6 de junho de 2003.

Doces finos de origem portuguesa:

A gastronomia de Pelotas tem seus pratos típicos a base de carne bovina e ovina como o churrasco, uma tradição gaúcha, e também uma forte influência portuguesa principalmente nos doces, na doçarias. Os doces a base de ovos mole, como os conhecidos pasteis portugueses de Santa Clara e fios de ovos, região de Aveiro em Portugal. Também se herdou dos portugueses o uso de especiarias na elaboração de doces e calda a base de frutas, como o cravo, a canela e a nozoscada<sup>208</sup>.

A cultura doceira de Pelotas com o tempo ficou conhecida internacionalmente e se materializou na Fenadoce, a Festa do doce de Pelotas, que ocorre todos os anos desde 1986, atualmente é o maior evento da região sul do Rio Grande do Sul e possui caráter internacional. Tem como principal objetivo promover a cultura doceira da cidade de Pelotas. Pelotas atualmente é conhecida como a Capital Nacional do Doce,

“Aqui (em Pelotas) vivia uma civilização do sal, mas que buscava de todas as maneiras adoçar a imagem refletida no espelho. Assim, “europeizar-se” era uma solução. A elite emergente buscava adoçar a mente e o espírito, além do adoçar realmente o paladar, dando origem a principal característica da cidade, que a faz ser reconhecida por todo o país. A imagem criada pela aristocracia permanece até hoje. Não é a toa que Pelotas é conhecida como a Capital Nacional do Doce”<sup>209</sup>.

A Fenadoce recebe mais de 300 mil visitantes anualmente, a festa tem a duração de 19 dias, inicialmente foi desenvolvida pelo poder público e desde 1995 é de responsabilidade da Câmara de Dirigentes Lojistas de Pelotas a CDL, juntamente com a Associação das Doceiras de Pelotas e outras entidades.

Em 2005 foi aprovado projeto do Inventário Nacional de Referências Culturais com o objetivo de elaborar um dossiê sobre o doce tradicional pelotense, financiado pela Unesco e pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, através do projeto Monumenra. O projeto teve como objetivo final realizar um estudo com argumentos para inscreverlo no Inventário Nacional de Referências Culturais, do IPHAN para incluir o doce pelotense como patrimônio imaterial, tradição doceira da região. O

inventário foi realizado através da metodologia de registro etnográfico, que contemplou três etapas: inicialmente a delimitação dos bens a serem inventariados, com base em pesquisas históricas como *doces de Pelotas*, e identificação dos entrevistados, e análise da documentação. Com o estudo foi possível entender as reais implicações da fabricação dos doces tradicionais pelotenses<sup>210</sup>. Em 2009 foi entregue ao IPHAN para análise.

Em 2011 o município de Pelotas recebeu a indicação geográfica dos doces de Pelotas, realizada pelo Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (INPI). Resultado do trabalho de diversas instituições coordenado pelo Sebrae Nacional, RS, Embrapa, Prefeitura Municipal de Pelotas, Câmara dos Dirigentes Logistas (CDL) e a Associação dos Produtores de Doces de Pelotas

Os doces foram certificados pelo INPI e classificados em 19 tipologias, entre doces de frutas e finos, as quais estão: olho de sogra, panelinha de coco, papo de anjo, bem-casado, camafeu de nozes, pastel de Santa Clara, fatia de Braga, amanteigado, quindim, ninho, queijadinha, trouxinha de amêndoas, beijinho de coco, broinha de coco, doces cristalizados, pessegadas, marmeladas, figadas e compotas. A lista dos doces certificados evidencia a variedade de doces com que se mantém a tradição doceira de Pelotas, na figura 61 alguns exemplos:





Figura 61: Doces Pelotenses, Fonte: Acervo Fenadoce,2012

## Notas

---

- <sup>182</sup> Curval, 2008  
<sup>183</sup> Curval,2008  
<sup>184</sup> Wertheimer,2011  
<sup>185</sup> Dametto,2009  
<sup>186</sup> Dametto, 2009  
<sup>187</sup> Dametto, 2009  
<sup>188</sup> Dametto, 2009  
<sup>189</sup> Dametto, 2009  
<sup>190</sup> *Noble et alii*, 2012  
<sup>191</sup> *Noble et alii*, 2012  
<sup>192</sup> Carvalho, 2010  
<sup>193</sup> Carvalho, 2005  
<sup>194</sup> Carvalho; De castro; Montelli; Lemos e Michelin, 2004  
<sup>195</sup> Machado, 2011  
<sup>196</sup> Machado, 2011  
<sup>197</sup> Machado, 2011  
<sup>198</sup> Cerqueira; Peixoto e Viana,2004  
<sup>199</sup> Cerqueira e Peixoto, 2006  
<sup>200</sup> Cerqueira e Peixoto, 2006  
<sup>201</sup> Peixoto, 2009, Pg 159 e 160  
<sup>202</sup> Simões e Cerqueira, 2011  
<sup>203</sup> Simões e Cerqueira, 2011  
<sup>204</sup> Simões e Cerqueira, 2011  
<sup>205</sup> Simões e Cerqueira, 2011  
<sup>206</sup> Magalhaes, 2004  
<sup>207</sup> Ferreira, Cerqueira e Rieth, 2008  
<sup>208</sup> Heres, 2011.  
<sup>209</sup> Peter, 2011  
<sup>210</sup> Ferreira, Cerqueira e Rieth, 2008

## CAPÍTULO 7 O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO NA CIDADE DE PELOTAS

O processo industrial na cidade de Pelotas inicia com a indústria saladeril escravista que possibilitou um grande acúmulo de capital. Dessa forma Pelotas, mesmo sendo uma cidade de porte médio, apresentava desde o século XIX, um processo de industrialização com técnicas e conhecimento importados da Europa. Esse acúmulo de capital advindo do trabalho escravo da indústria saladeril possibilitou um rápido crescimento e desenvolvimento industrial-urbano, transformando a cidade de Pelotas num pólo regional moderno e de referência econômica, cultural e social no país. Neste capítulo procuramos descrever o processo de industrialização, desde a implantação das primeiras charqueadas até a diversificação industrial.

As charqueadas iniciam sua produção no final do século XVIII. Durante o século XIX se desenvolveram importantes fábricas na cidade e a partir das primeiras décadas do século XX, com o declínio da atividade saladeril, ocorre uma maior diversificação da atividade industrial. O rápido e opulente processo de industrialização da cidade durante o final do século XIX e primeiras décadas do século XX constituiu-se em uma herança que configura atualmente um rico patrimônio industrial. A cidade apresenta uma importante história industrial-urbana formando um patrimônio de grande importância para a preservação e memória.

## **O processo de industrialização da cidade de Pelotas**

Como abordamos no capítulo III, que discorreu sobre a história de Pelotas, a cidade, nas primeiras décadas do século XX, vivenciou um rápido processo de urbanização e industrialização. A produção industrial apresentou um pioneirismo no país, pois Pelotas era uma cidade de porte médio, no entanto vivia um desenvolvimento moderno, como as grandes capitais do país e voltada às transformações industriais vividas nas cidades européias, principalmente na França. Como afirma Soares<sup>211</sup>, o desenvolvimento econômico da cidade foi devido a processo intenso e rápido de industrialização.

A indústria do charque, saladeril escravista, iniciada desde o final do século XVIII, obteve um rápido crescimento com um grande acúmulo de capital advindo do trabalho escravo, de modo que essa indústria influenciou fortemente o processo de produção urbana e crescimento da cidade.

Assim a cidade de Pelotas, torna-se o primeiro pólo industrial produtor de charque, e por consequência a cidade do Rio Grande, através de seu porto, torna-se o principal porto exportador desse produto para o Brasil. O produto era utilizado na alimentação dos escravos e era vendido para diversas regiões do país. Na década de 30 do século XIX a cidade de Pelotas vivencia o auge do primeiro ciclo das charqueadas. A grande expansão desta fez com que Pelotas fosse considerada a verdadeira capital econômica da província do Estado.

A localização estratégica da cidade às margens do canal São Gonçalo que tem ligação direta com a Lagoa dos Patos, maior lagoa da América do Sul, e sua rica hidrologia com arroios e lagoas, favoreceu a produção industrial

saladeril que se localizava as margens do arroio Pelotas. Desde a facilidade para a produção do charque, no que diz respeito a limpeza da área de produção e descarte de dejetos, até o escoamento de sua produção.

A navegação fluvial inicia com a necessidade de escoamento da produção de charque para o porto de Rio Grande. Com a desobstrução do canal São Gonçalo em 1875, no próximo ano foi possível sair o primeiro navio direto aos Estados Unidos e mais tarde para a Europa levando o charque produzido na cidade e importando mercadorias do centro americano ou europeu. O porto torna-se a principal porta de entrada e de saída da cidade, servindo para a importação das matérias-primas e escoamento da produção industrial para os mercados consumidores do centro do país e para o exterior<sup>212</sup>.

A partir de 1860 conjuntamente com a indústria do charque, surgem outras indústrias, ligadas diretamente com o charque e também ocorre uma diversificação industrial, com indústrias de fabricação de sabão e velas, têxtil, chapéus, cervejarias, couro, olarias, conservas cortumes.

A riqueza gerada pelo trabalho escravo na produção do charque, resultando em um grande acúmulo de capital, proporcionou aos estancieiros um estilo de vida de opulência e com tempo livre se dedicavam ao lazer e a cultura, dessa forma a cidade de Pelotas foi “convertendo em um centro intelectual do Rio Grande do Sul e como tal se tornasse a pioneira em empreendimentos culturais e científicos”<sup>213</sup>.

No início do século XX começa o declínio da atividade charqueadora. No decorrer desse século a cidade de Pelotas passa pela diversificação das atividades industriais, principalmente ligadas à agroindústria, mas com

todo o tipo de indústria: instalação de moinho, curtume, cevejaria, fábrica de vidro, máquina de escrever, móveis, sabão, velas etc... chapéus<sup>214</sup>.

Com o crescimento da indústria local, a cidade de Pelotas permaneceu como líder da produção industrial e principal escoadora da produção gaúcha, constituindo-se a principal área industrial do sul do Estado junto com a cidade de Rio Grande<sup>215</sup>:

“As duas cidades formavam um centro regional de produção e as indústrias que nelas se estabeleceram não visavam apenas ao mercado regional, mas, sobretudo ao mercado nacional”<sup>216</sup>.

Com a instabilidade e estagnação da indústria brasileira a partir da década de 80, a competição com os produtos importados, a ausência de inovações tecnológicas e de investimentos no setor, muitas indústrias são fechadas na cidade e na zona rural, iniciando uma fase de declínio da atividade industrial, apresentando os primeiros sinais de desindustrialização na cidade de Pelotas.

### **A indústria do charque: a construção da riqueza através da acumulação escravista**

#### *Ciclo do Charque no Brasil e no Rio Grande do Sul*

O ciclo do Charque no Brasil inicia-se na região do Nordeste no século XVII. No entanto, em 1777 iniciou uma seca, que se prolongou durante 3 anos, chamada seca dos três sete, provocando uma crise econômica e social. Nesse período ocorre o declínio do ciclo na região e alguns dos charqueadores decidem continuar com a indústria saladeril em outras

regiões do país. É o caso do José Pinto Martins que inicia as charqueadas no sul do país.

A ocupação e consolidação do território ao sul do Brasil foram disputadas por espanhóis e portugueses durante um longo período. Desde o século XV ocorre a disputa do território do rio da Prata. Com o tratado de Tordesilhas em 1494, ficou acordado o território de ambas as nações. Foi traçada uma linha imaginária a 370 léguas das ilhas de Cabo Verde. As terras a oeste pertenciam à Espanha e as terras a leste, a Portugal. Ocupariam e defenderiam o território.

Para a colonizar o território os espanhóis enviaram os padres jesuítas, criando as missões com o objetivo de evangelizar os índios. Os jesuítas introduziram a criação de gado no Rio Grande do Sul. Após o desmembramento das missões jesuíticas, no século XVII, o gado criado pelos jesuítas e pelos índios, foi abandonado nas margens esquerdas do rio Uruguai reproduzindo-se e formando grandes rebanhos. O gado ficou livre no território por 50 anos:

“O gado definiu a vocação econômica da região platina.... iniciando com um novo tipo de atividade, a preia do gado bravo e com um novo tipo de trabalhador: sem terra, sem nação, misto de guerreiro, mercenário e contrabandista: o gaúcho”<sup>217</sup>.

A exploração econômica inicia com o aproveitamento desses rebanhos soltos no campo do sul do estado. São instaladas as primeiras estâncias na região, a partir de doações de terras, as sesmarias, concedidas pela coroa portuguesa, inicialmente para militares que defenderam o território na região.

### *Charqueadas de Pelotas*

Nas últimas décadas do século XVIII começa a ser implantado um núcleo de charqueadas na região sul do estado, próximo a cidade da Província de Rio Grande, local que se tornaria mais tarde a cidade de Pelotas. A região das charqueadas pelotense se localiza às margens do canal São Gonçalo e do arroio Pelotas.

A implantação de um pólo charqueador nessa região tem uma vinculação com o processo de disputa do território da bacia do rio da Prata e da Colônia de Sacramento. O período de permanência dos espanhóis em Rio Grande, durante os anos de 1763 a 1776, e o tratado de Santo Idelfonso, assinado em 1777, que encerra a disputa entre Portugal e Espanha pelo território da colônia do Sacramento, antecederam a instalação do pólo charqueador pelotense<sup>218</sup>.

O início da ocupação da área que futuramente seria a cidade de Pelotas, ocorre em 1758 quando foi doado o rincão de Pelotas a Tomas Lusi Osório, por seu mérito militar em manter a consolidação do território no sul do Brasil. Nessa área seriam implantadas sete charqueadas.

O núcleo saladeiril na região de Pelotas foi implantado a partir de 1779/80, quando José Pinto Martins, de Aracati, cidade do Ceará, região do nordeste do Brasil instalou a primeira charqueada às margens do arroio Pelotas, mais precisamente, na margem esquerda. Como anteriormente citado, foi devido às secas de 1777 a 1779 no Nordeste do país, que José Pinto Martins resolveu instalar a primeira charqueada na região de Pelotas.



A partir de então diversos estancieros instalaram suas charqueadas na região. Em 1820 o viajante Auguste Saint-Hilaire, que visitou a cidade como descrevemos no capítulo IV, identificou 18 charqueadas. Em 1822 havia em funcionamento 22 charqueadas<sup>219</sup>, em 1911, 31 charqueadas<sup>220</sup>.

As charqueadas produziam o charque a partir da carne de gado e aproveitavam todas as partes do animal para a comercialização. O charque era utilizado para alimento dos escravos e era vendido para o centro e nordeste do Brasil e para diversas áreas do Caribe, principalmente para Cuba. Produziam também o couro, o pó obtido dos ossos para fertilizante, gelatina de sangue, a língua defumada, os chifres para várias utilidades que eram exportados para toda a Europa e os Estados Unidos.

Os mesmos navios que exportavam o charque importavam os livros, revistas, artes, tecnologias e informações da Europa. Também chegavam migrantes europeus, engenheiros, arquitetos, padres, professores, músicos, técnicos e artistas. A vida cultural dos aristocratas pelotenses era intensa, com sofisticado padrão artístico cultural europeu. Enquanto que os escravos tinham sua vida de suor e sangue ou como apontou Gutierrez<sup>221</sup> barro e sangue, pois produziam tijolos e carne.

A safra do charque durava o período de novembro a abril. As charqueadas tinham em média 54 escravos<sup>222</sup> cada uma, e no período que não estavam produzindo o charque, os escravos trabalhavam na olaria, nas plantações e nas construções dos casarões dos charqueadores na cidade. Todo o trabalho que envolvia a produção, comercialização e exportação do produto das charqueadas era realizado pelo trabalho escravo: "o gado ia desde a sua comercialização, na Tablada, até a exportação do produto, no porto de Rio Grande, nas mãos dos cativos."<sup>223</sup> Os escravos eram submetidos a um

trabalho exaustivo e brutal com um violento controle sobre eles, e como formavam uma enorme população, os brancos tinham medo das rebeliões, que ocorriam com frequência. Em 1930, a população negra superava a população branca na cidade.

O espaço de produção da charqueadas pelotense foi um importante núcleo do sistema escravista do estado. Os charqueadores mantinham o sistema sob uma violenta exploração do trabalho escravo. As charqueadas utilizavam a tecnologia das caldeiras a vapor, desde 1850. A área de produção do charque eram ambientes sujos, mal cheirosos, insalubres. O espaço fabril foi descrito como um ambiente:

“... mórbido, insalubre, que chegava a alcançar o macabro. Os vapores emanados das águas e detritos parados, dissipavam pelos ares os cheiros nauseabundos dos sangues putrefatos, dos excrementos apodrecidos, das vísceras decompostas pelo forte calor do sol, nos dias de safra. E as nuvens de fumaças, que saíam das fornalhas, exalavam o cheiro das gorduras fervidas e dos ossos carbonizados. Os urros dos animais abatidos e esfolados vivos e o som do ritmo do trabalho imposto pelos feitores nos escravos terminavam por compor o tétrico meio ambiente da produção charqueadora pelotense.”<sup>224</sup>

Gutierrez descreve em sua dissertação de mestrado a dinâmica de produção nas charqueadas:

“A matéria-prima, o gado, ia do Logradouro Público ao curso d’água. Depois de comercializados, os animais seguiam para o potreiro de fora, dali para o potreiro do meio. Nesses locais, os rebanhos aguardavam o abate. No último terreno, às margens de um curso de água, as reses eram transformadas em carne salgada e em seus subprodutos”<sup>225</sup>. (figura 62)



Figura 62: Engenho de Carne seca no Sul do Brasil, onde podemos observar o amplo espaço onde a carne secava. ,Fonte: Gravura de Jean Baptiste Debret - 1829

Em 1830, charqueadores e estancieiros estavam preocupados com a concorrência dos países vizinhos (Argentina e Uruguai) e queriam a redução do imposto sobre o charque exportado, de forma que pressionavam o governo imperial. O governo não atendeu aos apelos dos pecuaristas alegando que os preços do charque e do couro produzido no sul do Brasil eram abusivos. As elites pecuaristas organizaram-se e rebelaram-se contra o governo, eclodindo a chamada Revolução Farroupilha em 1835 e proclamando a independência do Rio Grande do Sul, a República Riograndense. Os escravos negros participaram como soldados na revolução com a promessa de que com a vitória seriam libertados. A revolução durou 10 anos, terminando em 1845 com a assinatura do Tratado de Ponche Verde, com o governo ganhando, os estancieiros perdendo e a maioria dos negros mortos (durante a guerra e na traição da Batalla dos Porongos), e os que sobreviveram, continuaram como escravos, sendo levados para o Rio de Janeiro.

Pelotas foi uma cidade importante no período da Revolução Farroupilha. Muitos dos líderes da rebelião, e que a financiavam, eram de Pelotas, como Domingos José de Almeida e José Gonçalves Chaves, considerados os pensadores e líderes. E foi quartel-general das tropas imperiais durante a Guerra dos Farrapos em 1836. Em 1838 a tropa Farroupilha atacou os Imperiais no canal São Gonçalo, na tentativa de tomar a região de

Pelotas e Rio Grande. Os farroupilhas recuaram, não conseguindo avançar. A cidade permaneceu fiel ao Império, embora tenha sido invadida pelos farroupilhas duas vezes.

A rebelião não acabou com a riqueza do Rio Grande do Sul. As charqueadas viveram seu apogeu na década de 1830 até 1890. No próximo século, em 1930 termina o ciclo econômico do charque, durando mais de 100 anos. Alguns fatores contribuíram para o declínio da indústria saladerial: a abolição da escravatura, em 1888, a ausência de compradores, e o surgimento do frigorífico em 1910. Em 1918 restavam apenas 5 charqueadas em Pelotas, frente a 31 sete antes antes.

Algumas charqueadas que ainda resistem ao tempo, atualmente são atrativos turísticos, hotéis e pousadas: a Charqueada São João, construída em 1810, pelo português Antônio Gonçalves Chaves, um dos maiores charqueadores da região, na figura 62 podemos observar as instalações para secar a carne. A figura 63 nos mostra uma foto atual da Charqueada São João.



Figura 63: Antiga Charqueada São João ,Fonte:Programa de Pesquisas Interdisciplinares da Região Platina Oriental – Proprata



Figura 64: Charqueada São João, Fonte:  
<http://www.charqueadaboavista.com.br/texto/menu--historia--rota-das-charqueadas>

A Charqueada Boa Vista foi construída em 1811, de propriedade do Barão do Arroio Grande (figura 64). A fachada da casa permanece a mesma desde sua fundação, sendo possível ver, em dois medalhões, a data da construção.



Figura 65: Charqueada Boa Vista

Fonte: <http://www.charqueadaboavista.com.br/texto/menu--historia--rota-das-charqueadas>

E a Charqueada Santa Rita, antiga Charqueada de Inácio Rodrigues Barcellos, construída em 1826 em estilo colonial (figura 66). A família Rodrigues Barcellos era proprietária de mais de uma charqueada. Foi na Charqueada Santa Rita que se instalou a primeira fábrica de enlatados de carne da cidade de Pelotas, denominada popularmente como Fábrica de Línguas.



Figura 66: Charqueada Santa Rita

## **Indústria fabril: a diversificação industrial**

A partir de do século XIX, conjuntamente com a indústria do charque, surgem outras indústrias, ligadas diretamente com o charque e também ocorre uma diversificação industrial, com indústrias de fabricação de sabão e velas, têxtil, chapéus, cervejarias, couro, olarias, conservas cortumes.

### *Fábricas de sabão e velas*

A primeira fábrica que encontramos registros é a fábrica de velas, sabão e cola do imigrante alemão Luiz Eggers, que começa a funcionar em 1841. Em 1864 a fábrica é vendida para o funcionário Frederico Carlos Lang, que funda a empresa. A F.C. Lang S.A. Frederico Carlos Lang é um imigrante alemão nascido em Berschweller que chegou à cidade por volta de 1861. A fábrica localizava-se na rua Gonçalves Chaves no centro da cidade, numero 1158, perto da bento.

A indústria Lang especializou-se na produção de velas e sabão, utilizando o sebo de origem animal, introduzindo uma moderna tecnologia fabril na cidade:

“ Dicha industria representó un avance técnico, tecnológico y social, pues además de ser la primera en añadir valor a los residuos de la actividad de las charqueadas, con la producción de jabones, velas y ceras en general, también introdujo la moderna maquinaria en la ciudad”<sup>226</sup>.

No decorrer das primeiras décadas do século XX, a empresa cresceu e expandiu seu mercado e conquistou vários prêmios em exposições internacionais por seus produtos. Soares afirma que na cronologia da

moderna industrialização pelotense o marco inicial foi a implantação da indústria de sabão e velas, a Fábrica F.C. Lang, em 1864<sup>227</sup> (figura 67)



Figura 67: Ilustração da Fábrica F. C. Lang representando as etapas do empreendimento fabril, Fonte: Monte Domecq R. (Editor), 1916

### *Curtumes*

Uma forma de aproveitamento dos resíduos das charqueadas e ganaderias era a produção realizada nos curtumes. Os principais curtumes foram a Companhia Pelotense de Curtume de João de Souza Magalhães fundado em 1863, o Cortume Gomes Silva & Cia, de 1869, de propriedade do português Antonio Luis Gomes e o curtume de Julio Hadler 1895, imigrante alemão.

### *Cervejarias*

Outro segmento industrial importante foi a fabricação de cerveja. As Cervejarias implantadas na cidade produziam uma grande quantidade de cerveja e tinham fama nacional e recebiam prêmios internacionais. Em 1870 foi fundada a cervejaria Ritter de propriedade de Carlos Ritter, filho de imigrantes alemães, começaram com uma pequena fábrica localizada na Rua Tiradentes, à margem esquerda do arroio Santa Bárbara, especializada



na produção de cervejas, gasosas, água mineral, espumatina, siphon e refrescos. Utilizavam máquinas que foram importadas da Alemanha e Suíça, e entre seus empregados tinham técnicos alemães.

Em poucos anos a empresa cresceu ampliando sua capacidade produtiva, transferindo suas instalações para a Praça Floriano Peixoto (atual Praça Cipriano Barcelos) numa área de 3.054 metros quadrados, distribuindo seus produtos por todo o estado do Rio Grande do Sul, assim como em todos os outros estados da República, ver figura 7. Contava com cerca de 80 operários, três maquinistas e três foguistas, além de outros pequenos cargos, com uma produção de 4. 500, 000 garrafas de cerveja por ano. Suas principais marcas de cerveja eram a Pelotense, Pilsen, Ritter, Brau Preta, Marzen Bier e Americana. A fundação desta empresa e seu desenvolvimento marcaram a industrialização de Pelotas, tanto pela dimensão e importância deste estabelecimento, como por iniciar um importante segmento da indústria local<sup>228</sup>. A cervejaria fundiu-se, em 1889, com a Cervejaria Sul-Riograndense, fundada pelo imigrante alemão Leopoldo Haertel.

A fábrica possuía porões no subsolo de suas instalações e eram usados para estoque e fermentação da cerveja produzida.



Figura 68: Cervejaria Ritter- data , Fonte: Acervo Bruno Martins Farias

Em 1889, é inaugurada outra cervejaria, a Cervejaria Sul Rio-Grandense, de Leopoldo Haertel, imigrante alemão da região de São Leopoldo, Vale dos Sinos, na região metropolitana de Porto Alegre. A cervejaria se localizava na Rua Benjamin Constant nº 51, próxima ao porto da cidade. Suas primeiras instalações foram na Rua Conde de Porto Alegre, aos fundos do sobrado, num pequeno galpão alugado.

A empresa obteve grande reconhecimento abrangendo importante parcela do mercado consumidor do estado e de outras regiões do país, ampliando a importância da indústria de bebidas da região de Pelotas no mercado nacional<sup>229</sup>.

Em 1922 a cervejaria tem seu apogeu de desenvolvimento, suas principais marcas: Peru, Moreninha, São Luís, Preta e Commercial tipo Dortmunder. Fabricando 16 mil garrafas diárias. A produção era transportada através do bonde, o principal meio de transporte que ligava o centro à área portuária, e era transportada também para outros estabelecimentos da cidade.

Em 1931 a fábrica é reformada, utilizando a técnica de arquitetura “colagem” termo técnico empregado na arquitetura resulta que representa a criação de um conjunto arquitetônico com volumetria bastante diversificada e agradável, marcado por estilos heterogêneos (figura 68). Nos fins dessa década, a cevejaria é fechada, e o local passa a ser depósito de arroz, em 1944 o prédio é vendido à companhia cervejaria Brahma, que mantém até 1998 uma filial e distribuidora no local, no entanto em 1999 fecha suas operações na cidade. Em 2010 o prédio da antiga fábrica foi comprado pela Universidade Federal de Pelotas-UFPel, atualmente se encontra em reformas.



Figura 69: Cervejaria Sul Rio-Grandense, Fonte: CARRICONDE, Clodomiro. Álbum de Pelotas. Centenário da Independência do Brasil. Pelotas: s. ed., 1922.

### *Têxtil*

No ramo das indústrias têxtil, podemos citar a Fábrica de Chapéus Pelotense e a Companhia Fiação e Tecidos Pelotense. A indústria têxtil de pelotas inicia com a produção de chapéus, quando foi fundada a Fábrica de Chapéus Pelotense, em 31 de agosto de 1881, pela empresa Cordeiro & Wiener, e foi uma das mais importantes fábricas de chapéus do Brasil, ver figura 9. Era especializada na produção de chapéus de diferentes qualidades

de pelo. Seus produtos eram vendidos para importantes casas de varejo nas cidades de outros estados como do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina e diversas cidades do estado do Rio Grande do Sul, e também exportava seus produtos para o estrangeiro. Em 1891, a empresa foi comprada por Carlos Guilherme Rheigantz pertencendo a esta família até 1932 quando a empresa foi comprada pela Companhia União Fabril, localizada na cidade do Rio Grande. A Companhia Rheigantz foi uma importante fábrica da cidade de Rio Grande.

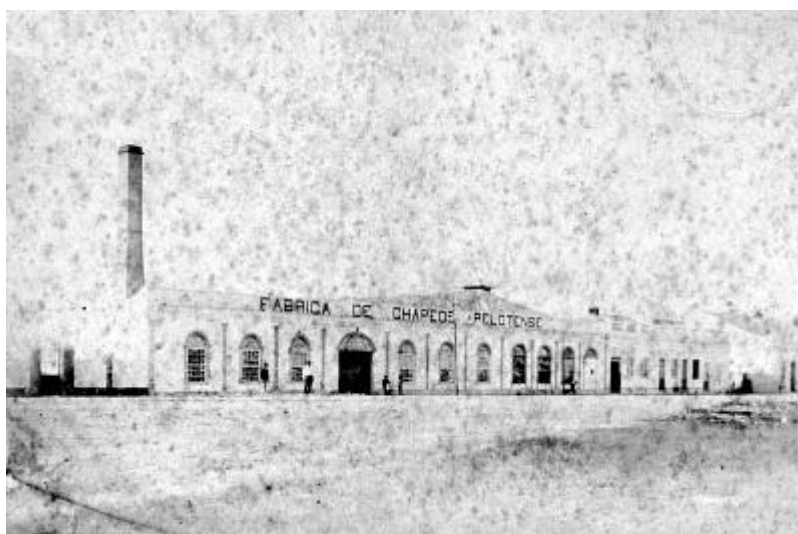


Figura 70: Fábrica de Chapéus Pelotense em 1900, Fonte: Acervo Bruno Martins Farias

Em 1908 foi fundada a companhia Fiação e Tecidos Pelotense, por Alberto Roberto Rosa, importante empresário local. A fábrica se localizava na rua Moreira Cesar nº 12, próxima ao cais do porto e ocupava um quarteirão inteiro. Seu maquinário foi importado da Inglaterra. Fabricavam Morin, tecidos de algodões, brins, riscado, lenços, guardanapos, pelúcias, panos de mesa. Vendiam seus produtos para o estado e para todo o país, e também para o exterior. Na segunda metade do século XX, empregava cerca de 500 operários, sendo que apenas 200 eram homens, enquanto o restante era

composto por mulheres e crianças. Em 1974, a companhia Fiação e Tecidos Pelotense entrou em falência.

### *Produção de Arroz*

A firma Pedro Osório & Cia, (dos sócios Pedro Luiz da Rocha Osório e Alberto R. Rosa) era proprietária de duas importantes charqueadas: a primeira em Pelotas e a segunda em Tupanciretã (município de Júlio de Castilhos) e de uma fábrica de sabão. O Coronel Pedro Osório era um grande produtor de arroz da região, conhecido no país e no exterior como o rei do arroz, transformando se em um industrial que encerra o ciclo do charque e começa o ciclo do arroz. Em 1909 instalou um complexo e moderno engenho de arroz, o maior engenho da América do Sul, o Engenho Coronel Pedro Osório (figura 71).



Figura 71: Engenho Coronel Pedro Osório, Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas

### *Antigo frigorífico*

Com investimento de pelotenses (União dos Criadores do Rio Grande do Sul, a Associação Comercial de Pelotas e, seu maior acionista, o Banco

Pelotense) foi inaugurada em 1919, a Companhia Frigorífico Rio Grande, ver figura 72. Produziam carnes e miúdos, conservas de carnes e linguas, graxas e óleos e fertilizantes, ao mercado regional nacional e estrangeiro, exportando seus produtos pelo porto de Rio Grande para a Inglaterra. O frigorífico se localiza as margens do canal São Gonçalo, nas proximidades do porto.

O Frigorífico foi vendido ao capital inglês, representado pela Companhia *Lancashire General Investment Trust Limited*, de propriedade do Grupo *Vestey Brothers* em 1921. Essa companhia formou, no Rio Grande do Sul, a sociedade anônima *The Rio Grande Meat Company*, com sede em Pelotas. O grupo inglês Vestey Brothers de Liverpool comprou o frigorífico em 1921, porém pouco utilizou a área, e a partir de 1924 ficou conhecido como Anglo SA. Fechando suas portas em 1926, mas mantendo suas instalações. Anos depois, começaram a construir um grande complexo industrial, com modernas instalações, que foi inaugurado em 1943 como um acontecimento muito importante para a cidade, marcando a época. “Essa implantação contribuiu para a elevação econômica, social e cultural da cidade de Pelotas no estado e no País”. O Frigorífico Anglo reinaugurou modernas instalações em Pelotas, em dezembro de 1943<sup>230</sup>. Continuou funcionando até 1991, quando foi vendendo ao grupo Casarin, grupo local, para pagamento de dívidas com os bancos. Em 2005 o prédio foi comprado pelo Governo Federal para servir as instalações do complexo da Universidade Federal de Pelotas UFPel, onde atualmente funciona a reitoria, biblioteca e unidades de ensino, em uma área de 40 mil metros quadrados.



Figura 72: Instalações do Frigorífico Anglo ,Fonte : Marcelo Ribeiro

### *Outras fábricas e laboratórios*

A Fábrica de sabonete Voight foi inaugurada em 1876. Em 1885 a fábrica de bebidas a Cristiá & Cia, que produzia vinhos, licores, gasosa e gelo iniciou sua produção, de propriedade de imigrantes catalões de Girona. A produção era para o mercado local, mas também exportavam para Catalunia. Em 1874 foi fundado o laboratório Hoemopático Souza Soares, pioneiro na produção de fármacos. Em 1926 foi inaugurado o laboratório Pasteur de Pelotas, de João Rouget Péres, que ao retornar da França, onde estudou farmácia, implementou o laboratório, produzindo vacinas para o gado para todo o estado<sup>231</sup>.

No começo do século XX surgem novas fábricas. É fundada a fabrica Aliança que começa a funcionar em 1906, propriedade da empresa Leite, Nunes & Irmão que fabricavam conservas de vegetais e se localizava as margens do arroio Santa Bárbara. Durante a primeira guerra mundial a indústria produziu muito para exportação em grandes quantidades de conservas para a Inglaterra, Itália e França<sup>232</sup>. A fábrica Moinho Pelotense começou a funcionar em 1925 e foi estabelecida na zona do porto, era de

propriedade do imigrante português Albino Cunha. Foi construída como uma obra importante de engenharia industrial no estilo inglês, era um imponente prédio. Produzia farinha, importando o trigo desde o porto da cidade. Outra fábrica importante na área alimentícia foi a fábrica Cotada, de massas e biscoitos, inaugurada em 1949, localizada na praça do Porto de Pelotas.

Após a segunda metade do século XX surgem indústrias de conservas na cidade localizadas no bairro Fragata e no bairro Três Vendas, de fácil acesso à zona rural. Algumas dessas fábricas estavam relacionadas com a produção de conservas e compotas de pêssego na zona da colônia do município de Pelotas.

Em 1954 a cidade tinha 572 estabelecimentos industriais, sendo a maioria na área de alimentação<sup>233</sup>. A partir das próximas décadas, principalmente na década de 80, ocorre o processo de desindustrialização de Pelotas, com muitas fábricas sendo fechadas.

### **Antigas fábricas de conserva de fruta na zona rural do município: pionerismo no país**

A zona rural de Pelotas foi colonizada por alemães, italianos, franceses, portugueses e espanhóis. Desde a década de 70 do século XIX começaram a chegar os imigrantes na região. Com condições de clima, relevo e solos, apropriado ao desenvolvimento de fruticultura de clima temperado, o pêssego já era plantado na região. Com a chegada dos colonizadores foi desenvolvida a cultura do cultivo do pêssego e a zona rural de Pelotas torna-se uma região de grande produção do pêssego em conserva que



exportava sua produção para o mercado nacional, principalmente para o Rio de Janeiro.

A Colônia Santo Antônio, atualmente pertencente ao distrito Quilombo, no meio rural do município de Pelotas, havia alcançado no século XIX um forte desenvolvimento que a situava entre as mais prósperas economias camponesas da Região Sul, maior região brasileira produtora de pêssegos e também conhecida como colônia francesa. Os franceses chegaram na década de 1870 e implantaram o único núcleo agrícola de origem francesa no Sul do Brasil.

A primeira fabricação artesanal de compotas de pêssego no Brasil foi produzida na região rural de Pelotas, no distrito de Monte Bonito, próximo a Colônia Santo Antonio, em 1878 pelo francês Amadeo Gustavo Gastal.

Amadeo Gustavo Gastal, radicado no Brasil desde 1850, foi um precursor do cultivo sistemático do pêssego e sua industrialização. Na década de 70 do século XIX, retornou a França em busca de conhecimentos acerca de fruticultura e sua industrialização. E em 1874 iniciou um projeto adquirindo terras na zona rural de Pelotas importando da França equipamentos e técnicas fabricando as primeiras compotas artesanais de pêssego em calda, além de vinhos e aguardentes de uvas finas<sup>234</sup>.

O primeiro estabelecimento industrial a produzir compotas de pêssego na Colônia Santo Antônio, na zona rural de Pelotas, foi a fábrica de Quinta Pastorello, de propriedade do francês Domingos Pastorello<sup>235</sup>, em 1900 (figura 73). Em 1880 Domingos Pastorello comprou lotes de terra na Colônia Santo Antônio e começou produzindo vinho e mais tarde, em 1900, passou a produzir compotas de pêssego na propriedade.

“As primeiras indústrias que surgiram na colônia no início do século passado eram bastante artesanais. Como não havia eletrificação na zona rural, muitas fábricas buscavam sua localização próxima a arroios, o que facilitava seu abastecimento de água e propiciava a utilização da força hidráulica para mover uma roda d’água ou girar uma turbina, fornecendo a energia necessária à realização das atividades.”<sup>236</sup>



Figura 73: Antiga fábrica Quinta Pastorello ,Fonte: Bach, 2009

No entanto é somente na década de 50 que começa um desenvolvimento industrial na região, com a implantação de inúmeras fábricas de conserva de frutas e legumes, principalmente a compota de pêssego em calda.

O geógrafo Alcir Bach<sup>237</sup> desenvolveu um estudo sob o tema do patrimônio industrial da zona rural de Pelotas, identificando e descrevendo a história das fábricas de pêssegos de 1959 a 1970. Descreveu o crescimento, o apogeu e o declínio das fábricas de campotas de pêssegos da região. Identificou um total de 57 fábricas que estavam funcionando na década de 70. A seguir apresentamos algumas fábricas:

A fábrica de conservas Saalfeld era de propriedade de um alemão, Emílio Saalfeld foi fundada em 1952 e estava localizada na Colônia Joaquim

Leite, no Distrito da Cascata, (figura 74). O mercado consumidor de seus produtos era a capital, Porto Alegre. Somente usavam pêssego de seus pomares que possuía cerca de seis mil pés de pessegueiro. Tinham cerca de 300 funcionários. Usaram máquina de descascar por cerca de três ou quatro anos, depois passaram para o descasque químico.



Figura 74: Conservas Saalfeld, Fonte: Bach, 2009

A Indústrias Reunidas de Crochemore (figura 75) sociedade entre Nelson Crochemores, seu irmão Nilo, de origem francesa e o riograndino Fuad Abdala Nader começaram em 1952, constituindo-se a primeira fábrica a usar motor a vapor. A primeira fábrica na colônia a “pelar” os pêssegos com soda cáustica. O processo de produção era realizado manualmente, a recravadeira era tocada a mão. Enlatavam, rotulavam e encaixotavam. As vendas eram realizada na cidade de Rio Grande e as vezes descarregavam até dentro de navio. Após a safra de 1953, falidos, desfizeram a sociedade. Nilo ficou com o prédio e Nelson, foi trabalhar sozinho “por comissão”, produzindo para a fábrica Red Indian. Em 1968, começou novamente a enlatar, trabalhando com Lino Bauer, Ernesto Ney e Paulo Mülling. Parou a produção em 1971.



Figura 75– Indústrias Reunidas Crochemore

Fonte: Bach, 2009

Uma fábrica muito conhecida nacionalmente, a Fábrica de Compostas Giesel, começou sua produção em 1954, era de propriedade de Alberto Giesel, de origem alemã, estava localizada na colônia Estrada do Imbu, Distrito da Cascata (figura 76). Na fábrica enlatavam pêssego, figo, milho e pepino. Também produziam a pessegada em caixas de madeira. Produziram até 2004. No estado, vendiam para as cidades de Porto Alegre e Caxias. Para o mercado nacional, vendiam para São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Brasília e chegaram a exportar para o país vizinho, o Uruguai.



Figura 76: Compostas Giesel, Fonte: Bach, 2009

A Indústria Red Indian instalou-se na colônia, no distrito da Cascata, em 1956, quando firmou uma sociedade com Antonio Ernani Pinto da Silva, Albino Saalfeld, Breno Costa Ferreira e Antonio Barbeitos da Silva. Instalou-se num prédio construído por Albino Saalfeld, incorporado ao

patrimônio da sociedade (figura 77). Permaneceu na colônia até 2004, quando encerrou suas atividades em Pelotas.



Figura 77– Indústrias Red Indian

Fonte: Bach, 2009

A fábrica de conservas Sama, de propriedade de Leopoldo Westendorff, de origem alemã, começou sua produção em 1957 na colônia Santo Antônio, figura 78. Leopoldo Westendorff era dentista e foi subprefeito da localidade. Em 1967 fez unma sociedade com os genros. Processavam pêssego, ervilha, morango, pera, pepino e figo. Encerraram sua produção em 1972.



Figura 758: Conservas Sama, Fonte: Bach, 2009

O italiano Geraldo Grupelli já era produtor de pêssego quando construiu a fábrica Prinsul de compotas em 1958, no 7º distrito (figura 79). Em 1966 foi criada uma sociedade em nome de Geraldo Grupelli, Adolfo Kickhöefel, Sérgio Sachs e Ayrton Collares, os quais registraram a marca

GASA (representava a letra inicial do nome de cada sócio). Começaram enlatando para as empresas Ballester – Pelotas e Rio Grande, Schramm – Pelotas. Após a sociedade, adquiriram as latas da metalúrgica Matarazzo, que produzia latas de 1 kg e ½ kg. Em 1975, a indústria Leal Santos da cidade de Rio Grande, com filial na zona urbana de Pelotas, adquiriu as cotas dos sócios Ayrton Collares e Adolfo Kickhöefel, ficando com 50% da Prinsul. Posteriormente, Sérgio Sachs vende também sua cota para a Leal Santos. Em 1981, a fábrica encerrou as atividades, sendo adquirida pelo grupo de importância nacional Cica, de São Paulo.



Figura 79– Fábrica Prinsul

Fonte: Bach, 2009

A fábrica Vega de São Paulo de propriedade de João Alves Veríssimo de origem portuguesa, era uma grande atacadista. Em 1965 instalou-se em Pelotas no Distrito da Cascata, e começou a produzir as primeiras compotas Vega. Inicialmente instalaram-se

na fábrica de Saalfeld, sob contrato realizando algumas melhorias na fábrica. Nos próximos anos a empresa alugou outras fábricas para sua produção. E em 1973 construíram sua fábrica própria no Distrito Industrial de Pelotas (figura 80). Produziam compotas de pêssago, de figo, goiaba, morango, pêra, abacaxi e geléias. A produção era transportada para São

Paulo e comercializada para as redes de supermercados que pertenciam a empresa. Fecharam a fábrica em 2005.



Figura 80: Fábrica Vega, Fonte: Bach, 2009

Esses pequenos empreendimentos artesanais atraíram o investimento de grandes grupos do centro do país que vieram a se instalar em Pelotas, tais como a indústria Vega e a Cica, dois grupos de São Paulo. Esses grandes grupos tornaram a cidade a maior produtora de compota de pêsego em calda para o mercado nacional. Na década de 50, do século XX na zona rural, funcionavam 30 fábricas, na década seguinte funcionavam 57 indústrias de pêsego e em 1970 somente 29. Nesse período começa a crise da indústria rural na região. Bach em seu estudo aponta os principais motivos da crise, a instalação de grandes indústrias do centro no país, que disputavam com as pequenas indústrias; a concorrência externa, da Argentina, Chile e Uruguai que começaram a exportar seus produtos para o mercado brasileiro; e a crise econômica foram os principais motivos para o encerramento das atividades da indústria de compostas de doce<sup>238</sup>.

A pesquisa de Bach identifica que hoje ainda existem oito fábricas em funcionamento na região, distribuídas entre as cidades de Pelotas, Capão do Leão, Morro Redondo, Turuçu e Arroio do Padre. Antigas edificações, o maquinário, as instalações formam o patrimônio industrial rural de Pelotas.

A imagem da chaminé, representando a industrialização, é constante ainda na paisagem rural da colônia de Pelotas.

As fábricas do período áureo do processo de industrialização de Pelotas marcaram a cidade, permanecendo na memória da população a história da atividade fabril e as transformações vividas na cidade. Na zona do Porto ainda encontram-se resquícios dessa época através dos prédios e das chaminés ainda existentes, resultando numa paisagem industrial abandonada.

Com essa rica história de um rápido e acelerado processo de industrialização, desde meados do século XIX, a cidade de Pelotas, se apresenta atualmente com um legado histórico-cultural de importante significado configurando em um rico patrimônio a ser valorado, conservado e preservado. Para muitos dos moradores da cidade esse legado cultural ainda continua marcado com sua história e memória. O símbolo, a Princesa do Sul, ainda esta na memória de seus moradores, que não perderam a identidade de uma cidade de cultura e progresso.

A cidade ainda possui marcas desse passado de apogeu urbano industrial, ainda encontramos conservadas, algumas charqueadas que ainda resistem ao tempo e podemos encontrar muitas chaminés de antigas fábricas pela cidade, representando essa época. As chaminés tornaram-se indicadores do processo de industrialização das cidades desde o século XIX. A área do porto constitui um patrimônio representado pela paisagem industrial ainda presente nesses espaços com edificações abandonadas, desindustrializados, ruínas e vazios industriais.



## Notas

---

- <sup>211</sup> Soares, 2002  
<sup>212</sup> Vieira, 2005  
<sup>213</sup> Grando, 1990  
<sup>214</sup> Vieira, 2005  
<sup>215</sup> Ueda, 1999  
<sup>216</sup> Ueda, 1999,pg  
<sup>217</sup> Gutierrez, 2001  
<sup>218</sup> Gutierrez, 2001  
<sup>219</sup> Magalhães, 1993  
<sup>220</sup> Gutierrez, 2001  
<sup>221</sup> Gutierrez, 2004  
<sup>222</sup> Gutierrez, 2001  
<sup>223</sup> Gutierrez, 2001  
<sup>224</sup> Gutierrez, 2001  
<sup>225</sup> Gutierrez, 2001  
<sup>226</sup> Soares, 2002  
<sup>227</sup> Soares, 2002  
<sup>228</sup> Britto,2011  
<sup>229</sup> Britto,2011  
<sup>230</sup> Silva, 1999  
<sup>231</sup> Soares, 2002  
<sup>232</sup> KREMER, A. As industrias de Pelotas. *Diario da Manhã*. Pelotas: 11 de outubro de 1992.  
<sup>233</sup> IBGE. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Volume 18. Rio de Janeiro: IBGE., 1956 (Edição fac-similar em CD-Rom, 2000), Citado por Soares, 2000.  
<sup>234</sup> Bach, 2009  
<sup>235</sup> Bach, 2009  
<sup>236</sup> Bach, 2009  
<sup>237</sup> Bach, 2009  
<sup>238</sup> Bach, 2009



## CAPÍTULO 8 O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA CIDADE DE PELOTAS

O processo de modernização na cidade de Pelotas foi influenciado pelo processo industrial que vivia a cidade de Pelotas, com a indústria saladeril escravista que possibilitou um grande acúmulo de capital. Como vimos no capítulo anterior o acúmulo de capital advindo do trabalho escravo da indústria saladeril possibilitou um rápido crescimento e desenvolvimento industrial-urbano, transformando a cidade de Pelotas num pólo regional moderno e de referência econômica, cultural e social no país.

Neste capítulo procuramos descrever esse processo de modernização, desde o desenvolvimento das redes técnicas com a implantação da área portuária, as instalações de saneamento, o surgimento do trem, os bondes elétricos, das primeiras viagens de barco a vapor, e a chegada do telefone e da eletricidade.

Inicialmente apresentamos a história do processo de modernização da cidade de Pelotas, identificando o processo de implantação da infraestrutura urbana no território e de como esse processo influenciou a construção da identidade de cultura e progresso da cidade.

### **O processo de modernização da cidade de Pelotas**

Como abordamos no capítulo anterior a indústria do charque, saladeril escravista, iniciada desde o final do século XVIII, obteve um rápido crescimento com um grande acúmulo de capital advindo do trabalho escravo, influenciando fortemente o processo de modernização da cidade.

A navegação fluvial inicia com a necessidade de escoamento da produção de charque para o porto de Rio Grande. Com a desobstrução do canal São Gonçalo em 1875, no próximo ano foi possível sair o primeiro navio direto aos Estados Unidos e mais tarde para a Europa levando o charque produzido na cidade, e em seu retorno, importando mercadorias do centro americano ou europeu. O porto torna-se a principal porta de entrada e de saída da cidade, servindo para a importação das matérias-primas e escoamento da produção industrial para os mercados consumidores do centro do país e para o exterior<sup>239</sup>

Após esse período Pelotas começa a viver uma fase de cidade moderna decorrente da industrialização e do urbanismo. Entre 1870 e 1880 Pelotas vive um período de produção do centro aristocrático da cidade como afirma Magalhães<sup>240</sup>.

A maioria dos investimentos em infraestrutura urbana foi de capital estrangeiro e a tecnologia, os técnicos e o material sofisticado chegavam da Europa ou dos Estados Unidos. Em 1868 a população da cidade já se beneficia com o telégrafo. Em 1871 por decreto imperial foi autorizado o abastecimento na cidade de água potável e em 1875 foi implantado o primeiro sistema de abastecimento de água através da concessionária privada, a Companhia Hydráulica Pelotense. Todo o sistema foi importado da Europa, principalmente da França e Inglaterra. Os quatro chafarizes, construídos em ferro, chegaram da França (entre os anos de 1873 à 1894). A Caixa d'água de ferro foi comprada da Escócia e montada em 1875, única no gênero na América Latina.

A iluminação das ruas é implantada em 1846 com lampiões e em 1875 a gás, a partir da geração de energia da usina do gasômetro décadas depois

em 1912 seria substituída pela iluminação elétrica, que chega na cidade mudando os hábitos da população. A primeira concessão de linha de telefônica ocorreu em 1888, e a primeira conexão telefônica entre grandes distâncias no Estado, foi em 1912, entre a cidade de Pelotas e a capital, Porto Alegre.

As primeiras linhas de bonde começaram a circular em 1873, com tração animal, e 42 anos depois, em 1915 iniciava a circulação dos bondes elétricos. A estação ferroviária foi inaugurada em 1884, possibilitando o escoamento da produção e oferecendo a população da cidade de Pelotas uma maior mobilidade com o deslocamento até outros municípios próximos, além de Rio Grande, as cidades de Piratini, Bagé, Capão do Leão.

Podemos afirmar que com influência da cultura européia, principalmente de Paris: “Pelotas irradiava cultura, novidades e informações e recebeu um excepcional impulso em direção a um processo de modernização nas últimas décadas do século XIX, influenciada com certeza, pelos conceitos e idéias de Paris, que era considerada o centro de um imaginário social construído pela modernidade”<sup>241</sup>. Dessa forma a cidade torna-se uma referência de expressão da cultura européia no sul da América do Sul e no final do século XIX, chega a receber o título de Paris da América do Sul. Também chegou a ser chamada de Atenas do sul ou Atenas Riograndense. Pelotas é conhecida, até hoje, como Princesa do Sul, cognome que teve sua origem de 1863, na conhecida poesia de Antônio Soares da Silva.

A riqueza gerada pelo trabalho escravo na produção do charque, resultando em um grande acúmulo de capital, proporcionou aos estancieiros um estilo de vida de opulência e com tempo livre se dedicavam ao lazer e a cultura, dessa forma a cidade de Pelotas foi “convertendo em um centro intelectual

do Rio Grande do Sul e como tal se tornasse a pioneira em empreendimentos culturais e científicos”<sup>242</sup>.

Em termos científicos, em 1883 é fundada a Imperial Escola de Medicina Veterinária e de Agricultura Practica, segunda escola no país, a primeira foi fundada em 1853 na Bahia. Assume a direção da instituição o Dr. Claude Marie Rebourgeon, oriundo da famosa Escola de Alfort e discípulo de Pasteur. Em 1887 é fundado o Lyceu de Agronomia, Artes e Offícios, e em 1889, com a nova denominação, o Lyceu Rio-Grandense de Agronomia e Veterinária passa a oferecer um curso superior em agronomia e veterinária.

Em 1897 os professores do Liceu criaram a primeira revista de agricultura científica, a *Revista Agrícola do Rio Grande do Sul*, com 400 exemplares que foram distribuídos em 1898. Os estancieiros criaram a primeira associação rural em 1889 e organizaram a primeira exposição pecuária do Estado em 1899. As grandes propriedades de criação extensiva de gado transformaram-se a partir dos anos 20 e tornaram-se, também, grandes explorações agrícolas, das mais capitalizadas do País, pioneiras no uso de tecnologia moderna<sup>243</sup>.

No aspecto cultural, a cidade de Pelotas foi o maior pólo cultural do Rio Grande do Sul no século XIX. No teatro Sete de Abril construído em 1831 se apresentavam espetáculos de teatros e musicais, alguns vindos da Europa. A elite pelotense vivia uma intensa vida social e cultural. A biblioteca pública foi fundada em 1876. Pelotas teve seu primeiro cinema no centro da cidade em 1912, o Cinema “Ideal- Concerto” mais tarde conhecido como o cine “Ponto Chic”. Em 1913 foi inaugurada a primeira empresa gaúcha de filmes, a Guarany Films de Francisco Santos,

empresário teatral, e seu sócio Francisco Xavier que realizaram alguns filmes sobre a cidade de Pelotas, Bagé e Jaguarão, tais como o *Centenário e Exposição de Bagé, Um Curtume Pelotense, Uma Visita à Hidráulica de Bagé e Manobras em Jaguarão*. Fato que não era uma grande novidade para os pelotenses pois o comerciante José Brizolara já se dedicava a documentar a paisagem da região. Em 1913 José Brizolara filmou: *Uma Excursão pelo Rio São Gonçalo, Da Boca do Arroio Pelotas ao Porto da Cidade, Panorama da Represa e Uma Excursão ao Cerro do Capão Leão*.

Em 1918 foi fundada a quinta escola de música no país, o Conservatório de Música. Atualmente ainda em funcionamento, pertence a Universidade Federal de Pelotas, onde sedia o curso superior de música. O salão de concertos é um dos mais antigos ainda em uso no país.

Esse é um período do auge da aristocracia pelotense, de modernização e de acumulação de riqueza na cidade. Em 1919 Pelotas foi classificada em sétimo lugar entre os municípios brasileiros de maior renda, ficando atrás apenas das grandes capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Belém, Salvador, Porto Alegre e Recife<sup>244</sup>.

### **Indústria portuária: em conexão direta com Estados Unidos e Europa**

Pelotas esta localizada em um espaço geográfico estratégico na região sul do estado do Rio Grande do Sul, próximo à fronteira com o Uruguai, e às margens da Lagoa dos Patos, conectando-se com Rio Grande e Porto Alegre e através do canal São Gonçalo com a Lagoa Mirim. Inicialmente escoavam sua produção através do porto da cidade de Rio Grande, com

destino a outras cidades do Estado e do Brasil, e mais tarde diretamente do porto de Pelotas para os Estados Unidos e Europa.

Os charqueadores que estavam localizados as margens do canal São Gonçalo e Arroio Pelotas transportavam diretamente suas mercadorias de um ancoradouro próprio desde o final do século XVIII. Na área de embocadura do Arroio Pelotas com o canal São Gonçalo, se localizava o caminho Passos dos Negros, uma estrada que conectava a área das charqueadas com o centro da cidade; nessa área tinha um pequeno porto para transportar mercadoria e um mercado de venda de escravos. Foi o maior porto escravagista do estado, onde se realizava a compra e o leilão de escravos para o trabalho nas propriedades. O pintor Jean Baptiste Debret, como abordamos no capítulo IV, foi um visitante ilustre na cidade, e pintou vários quadros representando as charqueadas, o comércio do charque e também pintou o caminho Passos dos Negros em tela, demonstrando como era movimentado e importante esse porto.

A primeira barca a vapor a navegar pelas águas fluviais gaúchas foi construída em 1832, nas margens do Rio Santa Bárbara, em Pelotas. Muitos outros vapores seriam construídos no Rio Grande do Sul até 1865. Em 1832, Gonçalves Chaves, importante charqueador e político, juntamente com mais três sócios, importaram de Nova York um motor e caldeira e iniciaram o transporte de cargas e de passageiros com barcos a vapor, com destino a Rio Grande, o barco chamava-se “Liberal”<sup>245</sup>.

Em 1834 a câmara municipal normatiza um espaço para a área portuária da cidade. A área iniciava na antiga alfândega, na rua Benjamim Constant e extendia-se até o frigorífico Anglo S.A, atual prédio da Reitoria da Universidade Federal de Pelotas – UFPel.



Arsene Isabelle, como abordamos no capítulo IV, foi outro visitante ilustre na cidade, e em seu livro sobre a viagem ao Rio Grande do Sul comentou que em 1834 se presenciava as saídas diárias dos barcos a vapor, do porto de Pelotas com destino a Rio Grande, passando pela cidade do Norte ou São José: “barco a vapor que vai e vem diariamente de um ponto a outro, transportando mercadorias e passageiros (...) tratava-se de construir um segundo para fazer a navegação de Porto Alegre”<sup>246</sup>.

O canal São Gonçalo apresentava nessa época limitações para navegar grandes embarcações, era muito obstruído, por areia e detritos, limitando a passagens de barcos com grandes calados. Inicialmente os produtos eram enviados por iates até São José do Norte e Rio Grande e posteriormente através de embarcações maiores até seus destinos. Com a abertura do canal São Gonçalo em 1875, barcos de grande calado podiam atracar no porto e os produtos podiam ser escoados diretamente do porto de Pelotas ao seu local de destino: outras regiões do país, Estados Unidos ou Europa. Em 1876 após a desobstrução do canal São Gonçalo, foi permitido que atracasse no porto de Pelotas o primeiro navio que conduziu o charque diretamente para os Estados Unidos<sup>247</sup>. A cidade conectada diretamente com Estados Unidos e Europa

Como abordamos no capítulo IV, as viagens de excursão ou recreio começaram a se realizar com os barcos a vapor em 1870, saindo de Pelotas com destino a Rio Grande.

Em 1870, 2 vapores, Humaitá e Ozorio começaram a realizar essas viagens entre Rio Grande e Pelotas<sup>248</sup>. Essas viagens foram o início do turismo na região.

Em 1908 foi construído o primeiro cais da cidade de Pelotas, sem grandes estruturas. (figura 81) Em dezembro de 1928, através do decreto, nº 18.553 a União autorizou o governo do estado do Rio Grande do Sul a construir e a explorar comercialmente o porto de Pelotas. As obras foram iniciadas em novembro de 1933, com o projeto de construir 464m de cais de atracação e três armazéns, o aterramento de parte do canal, e a instalação de três guindastes.



Figura 81: O porto de Pelotas no começo do século XX, Fonte: Acervo da Secult – Prefeitura Municipal de Pelotas

Nesse contexto, em 1940, o Porto de Pelotas passou a operar. O início das operações realizadas pela Administração do Porto de Pelotas ocorreu em 12 de janeiro de 1940. Em 1951 foi criado o Departamento de Portos, Rios e Canais (DEPRC), autarquia estadual que ficou responsável pela exploração comercial do porto, de acordo com a concessão ao estado do Rio Grande do Sul, que concluiu as obras em 1967.

Com o fim da concessão em 1994, foram feitos dois aditivos até a assinatura de um convênio de delegação entre o Ministério dos Transportes e o estado do Rio Grande do Sul, em 27 de março de 1997, para

administração e exploração do porto, que ficou a cargo da Superintendência de Portos e Hidrovias do Rio Grande do Sul (SPH).

A zona do Porto de Pelotas encontra-se localizada próxima ao centro da cidade tendo como rua principal a rua Benjamim Constant onde aparecem casarões de diversos estilos e prédios de tipologia industrial. No início o charque, e depois os produtos manufaturados das indústrias, foram geradores da atividade portuária por onde escoavam a produção pelotense. Como abordaremos no próximo subcapítulo, na área do porto se instalaram diversas indústrias, como a Cervejaria Sul Rio-Grandense (1889), a Cia de Fiação e Tecidos pelotense (1910), o Frigorífico Anglo (1918) e o Moinho Pelotense (1928), configurando uma área portuária e industrial. “Esses prédios apresentam uma característica histórica com caráter correspondente à “Revolução Industrial” desencadeada pela Inglaterra. É efetivamente uma transformação de imensa envergadura”<sup>249</sup>.

A zona do Porto apresenta atualmente uma paisagem industrial, configurando um importante patrimônio que necessita de conservação e propostas de revitalização. Nos últimos anos, desde 2004, a Universidade Federal de Pelotas - UFPel tem adquirido alguns prédios na área do porto para sediar suas instalações acadêmicas. Dessa forma a Universidade Federal de Pelotas a partir de sua expansão e realocização, vem se apresentando como um forte agente de mudanças na dinâmica urbana, com a função de conservação, preservação, revitalização e reutilização dessa área pela população pelotense.

## **As instalações de saneamento: modernidade e progresso**

A primeira iniciativa de saneamento da cidade de Pelotas foi o decreto imperial de 1871 autorizando o abastecimento na cidade de água potável. No mesmo ano, foi fundada a Companhia Hydráulica Pelotense de Coronel João Simões Lopes, Antônio José de Azevedo Machado Filho e Adriano José de Mello, uma concessionária privada. O decreto obrigava a empresa a construir chafarizes para a população, uma represa, reservatórios e canalizar o arroio Moreira entre outros. A Estação de Tratamento de Água do Moreira começou a ser construída pela Companhia Hydráulica Pelotense em 1872. O sistema é composto de uma pequena represa com uma comporta móvel, planta de tratamento de água com decantadores e filtros, casas de tratamento e bombeamento, reservatório, laboratório, depósitos e casa de moradia para os funcionários. Foi importado da França e da Inglaterra.

Os chafarizes chegaram da França, construído em ferro, da Fundição Durenne, no departamento de Haute-Marne, na região da Champagne Ardenne, uma das principais fundições francesas, ao lado da fundição Val d'Osre: o Chafariz da Fonte das Nereidas, em 1873, ver figura 82, foto do chafariz em 1914 ( figura 83, foto do chafariz atualmente; e figura 84, foto do detalhe do chafariz).

A partir da avaliação realizada pela Associação para Promoção e Salvaguarda do Patrimônio Metalúrgico de Houte-Marné (ASPM), se identificou que o chafariz da Fonte das Nereidas, é um dos mais importantes do país, juntamente com o da Praça Monroe, no Rio de Janeiro.



Figura 82: O Chafariz da Fonte das Nereidas, foto de 1914 – , Fonte: acervo Flávio Kramer in Xavier,2010



Figura 83: O Chafariz da Fonte das Nereidas, fotografia de Nara Santos, 2009



Figura 84: Detalhe do Chafariz da Fonte das Nereidas, fotografia de Nara Santos, 2009

E o Chafariz das Três Meninas em 1874 . Podemos observar o detalhe do chafariz na figura 85:





Figura 85: Chafariz das Três Meninas, fotografia de Nara Santos, 2009



Figura 76: Detalhe do Chafariz das Três Meninas ,Fonte: Acervo do Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas - SANEP – 2004

As primeiras plantas e detalhes da execução do projeto de canalizações e distribuição de água, os respectivos orçamentos e relatórios foram elaborados em uma firma de Glasgow, na Escócia, pelos engenheiros R. B.

Bell & D. Miller, sendo depois submetidos à avaliação do Governo da Província<sup>250</sup>. Em 1875, a Companhia Hydráulica Pelotense inaugurou as obras de distribuição de água à população através do sistema de encanamentos das principais ruas da cidade e dos chafarizes. A canalização era com ferro fundido e esmaltado em preto, sistema empregado na Europa. Como primeiro reservatório foi construída em 1875 a Caixa d'água de ferro, ver figura 87, única no gênero na América Latina. Apoiada em 45 colunas e totalmente de ferro, ver figura 88. O seu mirante tem formas com influência da arquitetura oriental, ver detalhe na figura 10. Foi comprada da empresa Hanna Donald & Wilson, Makers, Abbey Works, da Escócia. O reservatório foi transportado por navio em peças para ser montado, juntamente com o engenheiro responsável por coordenar os trabalhos de montagem. Para conduzir o material, a Companhia Ferro Carril, construiu uma extensão da linha de trilhos até o local.



Figura 87: A caixa d'água de ferro, primeiro reservatório de água da cidade e ao fundo o Hospital Santa Casa de Misericórdia. ,Fonte: Álbum de Pelotas, 1922.





Figura 77: A caixa d'água de ferro, Fonte: Acervo do Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas - SANEP - 2004



Figura 89: Detalhe oriental da Caixa d'água de ferro restaurada, Fonte: Diário Popular de Pelotas, 10/12/2011

Em 1876 chegou da França o Chafariz em ferro da Praça Cypriano Barcellos (figura 90)



Figura 90: Chafariz dos Cupidos da Praça Cypriano Barcellos, Fonte: Xavier, 2010

Em 1892, começaram as obras de ampliação no Arroio Moreira, com a construção de tanques para reservar a água. A casa de máquinas foi construída entre 1892 e 1894, possui caldeiras e bombas a vapor compradas na Inglaterra e França. Na fachada da casa de máquinas foi instalado um relógio de origem francesa (figura 91). E em 1894 foi instalada a Caixa d'água francesa em ferro da Estação Moreira. O reservatório possuía uma torre em ferro com 32 metros de altura, no topo está localizada a caixa d'água também em ferro com 6 metros de diâmetro e capacidade para armazenar 1.130 m<sup>3</sup> de água. A torre adquirida em Paris nas oficinas do engenheiro Téophilo Seyrig, foi desenvolvida segundo o “Sistema Eiffel”, ou seja, com o gradeamento cruzado com tirantes diagonais. Com o reservatório da estação Moreira se duplicava a capacidade de fornecimento de água e melhorava a qualidade através do processo de filtração<sup>251</sup>. O sistema de abastecimento implantado na cidade foi realizado com material e tecnologia importada da Europa, representando um progresso de

engenharia. Para a cidade e seus moradores representava a modernidade e o progresso chegando em Pelotas.



Figura 91: Casa de máquinas do reservatório Moreira – Hidráulica Pelotense, Fonte: Xavier,2010

Em 1908, Companhia Hydráulica Pelotense foi extinta pela incapacidade de implantar um sistema de esgotos na cidade. A Intendência Municipal adquiriu todo o acervo da Companhia. As obras da rede de esgoto tiveram início em outubro de 1912 e terminaram em 1915.

Em 1915 iniciou-se a construção do sanitário do Mercado Público da cidade. O prédio foi construído com uma arquitetura moderna e sofisticada, ver figura 92, dividido em três compartimentos, com sete latrinas para homens e três para mulheres, além de cinco mictórios e três lavatórios e um chuveiro destinados ao público. Neste mesmo ano foram também instalados pela cidade, oito bebedores públicos para animais, semelhantes aos usados no estado americano de Massachussetes. A construção do



sanitário do Mercado e dos bebedouros públicos para animais foram destaques na imprensa de São Paulo.<sup>252</sup>.



Figura 92: Sanitário do Mercado. ,Fonte: Álbum de Pelotas, 1922

Em 1927, Saturnino de Brito, importante engenheiro sanitarista do país, realizou, sob encomenda da Câmara Municipal, um plano de saneamento e um novo sistema de abastecimento de água em toda a cidade, que foi executado em 1931.

### **Indústria ferroviária: vivendo a urbe moderna**

A inauguração da estação ferroviária vai influenciar fortemente a modernização e o crescimento da cidade com a expansão da rede viária para a área central e zona do porto, reconfigurando o traçado e a evolução urbana de Pelotas. Ao final do século XIX a cidade sofreu grandes transformações econômicas, políticas e sociais e o processo de industrialização passou a ter um papel importante na estrutura urbana<sup>253</sup>.

A primeira linha ferroviária do estado do Rio Grande do Sul foi inaugurada em 14 de abril de 1874 e ligava Porto Alegre com Novo Hamburgo. A linha foi construída por uma companhia inglesa denominada Companhia Brasiliense Ltda, de Johan Mac Ginity. Transportando as mercadorias entre as duas cidades.

Em Pelotas as primeiras linhas de bonde com tração animal começaram a circular em 1873<sup>254</sup> (figura 93), antes da estação férrea, com investimentos da companhia belga Ferro Carril e Caes de Pelotas e 42 anos depois, em 1915 começam a serem substituídos pelos bondes elétricos. Em 1884 foi inaugurada a estação ferroviária. A estação e as linhas férreas alteraram a estrutura urbana da cidade, pois determinam um novo pólo de crescimento, distinto do núcleo do entorno da praça central<sup>255</sup>. Os bondes elétricos transformaram a paisagem e o ritmo da cidade. Pelotas torna-se uma nova cidade, e vive a urbe moderna.



Figura 93: Bonde com atração animal na cidade de Pelotas , Fonte: Acervo Allen Morrison <<http://www.tranz.com/br/ps/ps.html>>

Onze anos depois que seria inaugurada a estação ferroviária em 1884, iniciou a oferta de linha de bonde com tração animal. Em 1870, Domingo Rodrigues Cordeiro abriu sua empresa de franchise formando a Ferro Carril e Caes de Pelotas (uma empresa belga) inaugurando a primeira linha de bonde, ligando o centro a zona portuária, e após a inauguração da estação ferroviária foram criadas linhas de conexão com o centro, o porto e a estação ferroviária, também foi estendida uma linha até o parque da cidade, o Parque Souza Soares, passando pelo cemitério (figura 94).

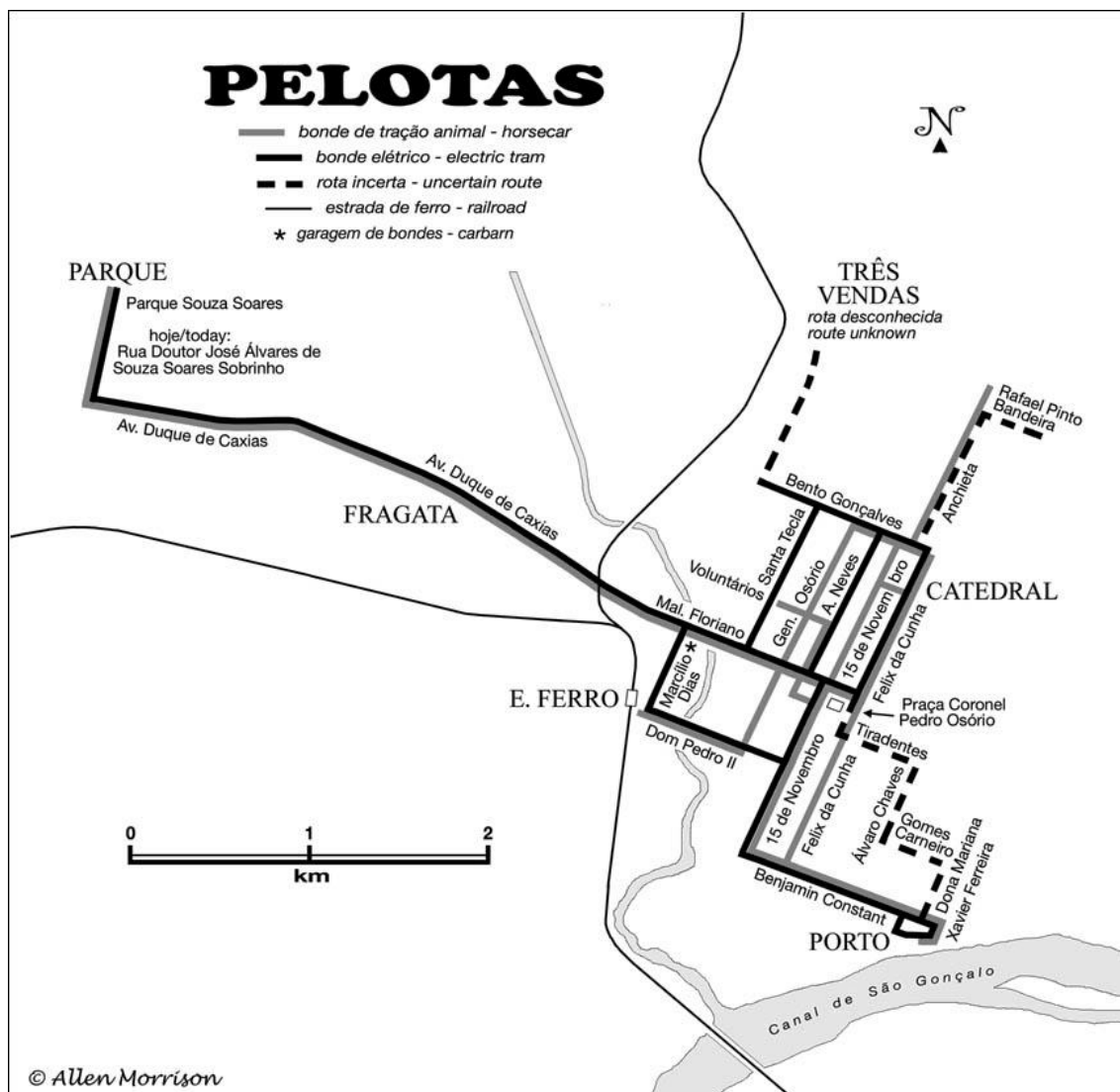


Figura 94: Mapa do trajeto de bonde de atração animal (1873) e de bonde elétrico na cidade de Pelotas (1915), Fonte: Acervo Allen Morrison <http://www.tramz.com/br/ps/ps.html>

A energia elétrica na cidade foi implantada com capital estrangeiro. Em 1914, a Rio Grandense Light & Power Syndicate Ltd., uma empresa inglesa, instalou a iluminação pública elétrica na cidade e iniciou, junto com a empresa Buxton, Cassini & Cia., de Buenos Aires, mas com administração inglesa, a construção de uma linha de bondes elétricos, que começou a funcionar em 1915 (figura 95). Também possuíam bonde de dois andares que fazia a linha do centro da cidade ao parque (figura 96).

Esses bondes de dois andares possivelmente foram os maiores operados no Brasil. O transporte de bondes na cidade foi encerrado em 1955.



Figura 95: Bonde elétrico na cidade de Pelotas – Praça Coronel Pedro Osório ,Fonte: Acervo Allen Morrison <http://www.tramz.com/br/ps/ps.html>



Figura 96: Bonde elétrico de dois andares na cidade de Pelotas ,Fonte: Acervo Allen Morrison <http://www.tramz.com/br/ps/ps.html>



Na região sul do Estado em 1884 foi construída a estrada de ferro Rio Grande-Bagé, passando por Pelotas e Piratini, interligavam as principais cidades da região e representava o tripé econômico gado-charque-porto. Foi construída pela empresa a Compagnie Impériale du Chemin de Fer e o engenheiro responsável era francês, a empresa concessionária foi a Sauther Brazilian E. G. Bailaway<sup>256</sup>.

Dessa forma as cidades de Rio Grande, Pelotas e Bagé, estavam interligadas a partir da inauguração das estações em 1884. A estação Ferroviária da cidade de Pelotas, construída um pouco distante do centro da cidade (figura 92) a partir de 1903 tinha uma linha de conexão com a área do Porto, interligando a estação férrea com a área do porto e o centro da cidade. A linha férrea de Pelotas por muito tempo serviu como um limite urbano, contornando a área central da cidade entre 1884 e 1920<sup>257</sup>.



Figura 97: Estação férrea da cidade de Pelotas – final do século XIX ,Fonte: Acervo Bruno Martins Farias

A estação ferroviária apresentava uma construção com tipologia que seguia o padrão arquitetônico adotado para as estações da época. O conjunto é coberto por telhas francesas e na fachada voltada para os trilhos a

plataforma de embarque e desembarque é protegida por longa cobertura (figura 93). Por sua importância histórica e arquitetônica, o prédio foi tombado pela lei municipal 4.315 de 22 de setembro de 1998.



Figura 98: Estação férrea em 1913, Fonte: Fonte: Acervo Bruno Martins Farias



Figura 99: Estação Ferroviária de Pelotas em 13 de novembro de 1923 – A população aguardava a chegada de Joaquim Francisco de Assis Brasil, governador do estado. ,Fonte: <http://ronaldofotografia.blogspot.com.es/2012/01/estacao-ferroviaria-de-pelotas-duas.html>

Em frente a estação, foi construído um terminal destinado a parada dos bondes e estacionamento de veículos. A partir da década de 80 do século

XX, com o auge dos transportes coletivos, a praça foi ocupada como terminal rodoviário.

Entre 1968 e 1980, outras linhas de trem foram inauguradas, Pedras Altas, Três Estradas, Pedro Osório, Pelotas, reestruturando a estrada de ferro, encurtando e melhorando seu traçado, eliminando diversas das estações originais. Em 1982 as linhas de trem ainda transportavam passageiros, a partir desse ano o serviço foi interrompido devido ao desabamento de uma ponte em uma das estações na cidade de Pedro Osório, uma nova linha foi construída logo depois. O transporte de passageiros retornou algum tempo, em trens mistos, também transportando cargas, que duraram até meados dos anos 1990.

### **Indústria energética: a cidade iluminada como Paris**

A iluminação pública era um fator de necessidade para melhorar a infraestrutura urbana, mas também era um sinal de modernidade para uma cidade como Pelotas. A iluminação pública na cidade foi implantada em 1846, quando foram colocados 320 lampiões nas ruas da cidade, em 1848, foi acesa nas esquinas e no meio das quadras mais povoadas a iluminação a azeite. E em 1875 a iluminação passou a ser realizada pela Companhia São Pedro Brasil de Gás Ltda., de capital inglês. Esse acontecimento foi um momento importante na cidade, os atos comemorativos duraram dois dias, período em que a cidade foi iluminada a gás hidrogênio carbonado.

Para gerar energia a cidade possuía uma usina que foi construída em 1875, funcionava com a força motriz utilizando gás carbônico pela queima do carvão mineral, que era importado da Europa e Estados Unidos<sup>258</sup>, sendo responsável pela iluminação pública e o abastecimento das indústrias na

região do porto. A usina durou cerca de 70 anos, estava localizada na zona do porto.

Em 1877, criada por lei provincial a companhia Riograndense de Iluminação à Gás passa a ter a concessão da distribuição de energia, normalizando a rede de iluminação pública e regularizando o serviço de gás para casas e indústrias.

Próxima evolução era a energia elétrica que chega em 1914. A energia elétrica foi o maior projeto de modernização implantado na cidade: “Fue, sin duda, la mayor inversión realizada en la ciudad hasta entonces y desencadenó una serie de obras públicas y privadas por casi todo el tejido urbano pelotense<sup>259</sup>”. O governo ofereceu incentivos para as empresas de energia elétrica que quisessem vir para o Brasil. Em 1912, a intendência municipal cede um terreno para a construção da Usina de Força pela companhia *Bond and Share*, dos Estados Unidos que organiza dez empresas de energia elétrica, localizada em nove capitais brasileiras e na cidade de Pelotas. Em Pelotas atuou como a companhia *The Riograndense Light & Power*.

Em 1914 a intendência municipal assinou o contrato com a empresa de capital inglês *The Riograndense Light & Power Syndicate, Ltd* para a geração de energia elétrica. No contrato também estava previsto o serviço tranviário que começou em 1915. Em 1914, a empresa *The Riograndense Light & Power Syndicate, Ltd* instalou a iluminação pública elétrica na cidade e iniciou junto com a empresa Buxton, Cassini & Cia, de Buenos Aires, a construção de linhas de bondes elétricos em 1915. Foram inaugurados os serviços de iluminação pública e distribuição de energia elétrica apenas para o centro da cidade. O serviço de iluminação doméstica continuava a ser realizado com gás carbônico. Com a fundação da *Empresa*

*Light and Power* pelotense, a energia elétrica chegou ao serviço domiciliário e aos estabelecimentos fabris no ano de 1915<sup>260</sup>.

Com a iluminação das ruas na cidade a população foi beneficiada com as novas melhorias, mudando seus hábitos e aproveitando a novidade moderna, a cidade iluminada como Paris. Ocorreram transformações no uso do espaço público, surgiram novas opções de passear nas primeiras horas da noite, admirando as vitrines iluminadas do comércio. Os espetáculos noturnos de teatro, as confeitarias, restaurantes e cafés se tornaram mais atrativos à noite:

“... un de los mayores cambios que se produjeron fue con relación a la vida pública. Los nuevos hábitos de los grupos de la elite “revolucionaron” el cotidiano de la ciudad. La calle “ganó vida” con las nuevas modas de frecuentar los cines, los cafés y las casas de té; o simplemente por la costumbre de caminar. En este sentido, la calle *XV de Noviembre*, donde se ubicaron los principales cafés y casas de té, se convirtió en el símbolo de la nueva modernidad”<sup>261</sup>

Em 1940, a cidade de Pelotas possuía 259 estabelecimentos industriais e necessitava de muita energia para a sua produção, o fornecimento de energia à indústria local já não era suficiente. Na década de 50 com o crescimento industrial, 467 fábricas, o fornecimento de energia a indústria era insuficiente para seu pleno funcionamento. Nesse período, tentando amenizar a situação o governador do estado juntamente com a prefeitura, determinou a construção de uma usina de emergência e a compra de um conjunto de geradores de maior capacidade para abastecer a indústria. Em 1952 é anunciada a ampliação da rede elétrica e melhorias de iluminação nas principais avenidas da cidade.

## **Indústria de telecomunicações: o telefone também entende francês?**

O telefone chega no Brasil a partir de 1877 com uma linha de telefone do palácio do imperador do Brasil D. Pedro II, que após assistir a apresentação do telefone na exposição do Centenário da Independência, na Filadélfia nos Estados Unidos, em 1876, ficou impressionado e entendeu a necessidade de se implantar essa nova tecnologia no Brasil.

Na cidade de Pelotas, o telefone chega tão cedo como nas principais capitais do país, a cidade é um das primeiras no país a possuir o telefone e vivenciar essa experiência de uma nova e rápida forma de comunicação. No Rio Grande do sul as cidades que possuíam telefone era a capital, Porto Alegre, a cidade de Rio Grande e de Pelotas.

As primeiras tentativas de instalar telefone na cidade de Pelotas data de 1882 quando foi decretada pelo governo imperial a concessão de instalação de linhas telefônicas nas cidades do país. A Companhia Telefônica do Brasil foi autorizada a prestar serviços telefônicos as cidades brasileiras: Salvador da Bahia, Maceió, Porto Alegre Pelotas e Rio Grande.

No próximo ano, em 1883, Narciso José Ferreira & Cia pediu autorização para instalar uma linha telefônica desde sua casa, situada à Rua São Jerônimo, até ao porto da cidade. Em 1884, o proprietário do jornal Correo Mercantil, Antonio Joaquim Dias, obteve autorização para explorar linhas telefônicas. O proprietário do Correo Mercantil, juntamente com o proprietário da Agência de Cartas, instalaram a primeira linha telefônica na cidade, conectando o centro com a área do porto<sup>262</sup>. A cidade de Pelotas possuía telefone 7 anos depois que foi implantado no Rio de Janeiro, capital do país. Certamente uma das primeiras cidades pequenas a usufruir dessa nova tecnologia no país. Nos jornais a população recebia a noticia

perplexa com a novidade e sem entender sobre a nova tecnologia, pois não tinha acesso. A elite, os comerciantes, industriais e políticos utilizam a nova tecnologia, tão importante para a economia. Nos jornais se comentava a reação das pessoas com a chegada da nova tecnologia, muitos se perguntavam como funcionava e um perguntava se os aparelhos também entendiam francês<sup>263</sup>.

Em 1885 a Companhia Telefônica do Brasil foi vendida para a Tropical América. Que havia comprado grande parte das ações da União telefônica do Brasil, e convertendo-se em maior proprietária de linhas telefônicas no Brasil<sup>264</sup>.

#### *Centro Telephonico Pelotense*

Em 1888, a empresa Centro Telephonico Pelotense, que era mantida por José Bernadino de Souza, obteve da Câmara Municipal, a primeira concessão telefônica privada para a instalação de linhas telefônicas na cidade. Em 1889 com a proclamação da República no Brasil ocorre uma mudança na legislação de concessão e instalação de telefones. O governo federal ficaria com os serviços interurbanos e interestados e o governo estadual como os serviços interurbanos municipais e estaduais e os governos municipais com o as ligações municipais. Com a mudança o Centro Telephonico Pelotense perdeu a concessão de prestar os serviços de telefonia. Os direitos de exploração da rede de telefonia passam a ser da Companhia Industrial e Construtora do Rio Grande do Sul, responsável por prestar os serviços nas cidades de Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre<sup>265</sup>.

### *Empresa União Telefônica e Companhia Telefônica Riograndense*

Em 1895 a Empresa União Telefônica, da Companhia Ganzo & Durruty Cia, instalou sua sede na cidade, e recebeu a concessão para instalar telefones nas cidades de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre. Após alguns anos a empresa passou por uma crise financeira e seus acionistas decidiram fundir-se com a Companhia Telefônica Riograndense, que foi fundada em Porto Alegre em 1908. A companhia instalou a primeira estação telefônica do país que funcionou com uma bateria central, com telefonista e serviço semiautomático. A cidade de Porto Alegre passou a ser a quinta cidade do mundo a adquirir esse serviço<sup>266</sup>.

Em 1906 foi criado o Banco Pelotense com controle acionário dos barões do charque, nesse momento a cidade vivia no seu apogeu econômico e necessitava estar diretamente em contato com a capital. Em 1912 a cidade de Pelotas realizou a primeira linha de larga distância realizada no Estado, a conexão com a cidade de Porto Alegre, a capital do estado.

### *Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR)*

Em 1919 é fundada uma nova empresa de telefonia na cidade, a Companhia Telefônica Melhoramentos e Resistência – CTMR, com apoio dos industriais, comerciantes e do Banco Pelotense. A nova empresa de telefonia na cidade foi criada para fazer concorrência com a outra companhia e oferecer melhor serviço com melhor preço. Para implantar a central telefônica e as linhas de telefone foi contratada a empresa norte-americana “*Western Company*” (subsidiária da ITT - “*International Telephone and Telegraph*”). Em 1922 as duas empresas juntas ofereciam 2.000 linhas telefônicas na cidade: “De esta maneira, que en la ciudad de



Pelotas hubo mayor difusión del teléfono por número de habitantes que en la capital del Estado”<sup>267</sup>. Nesse período inicia a conexão telefônica com as cidades mais próximas, Bagé, Jaguarão e São Lourenço do Sul.

A partir de 1908 a cidade teve duas companhias, uma que realizava ligações locais e outra que realizava ligações interurbanas. Muitas empresas comerciais e indústrias tinham dois aparelhos telefônicos e dois números de telefones, um de cada empresa telefônica<sup>268</sup>.

O acesso a essa nova tecnologia foi de enorme importância estratégica para a indústria e para o comércio da cidade, a partir do acesso do telefone, os industriais e comerciantes estavam ligados diretamente com o mercado consumidor:

*“ La expansión de la red telefónica en la ciudad de Pelotas demostró todo el dinamismo de las telecomunicaciones en el estado do Rio Grande do Sul. La elite pelotense que en este período invirtió en la urbanización, en las innovaciones tecnológicas en general y en la expansión de las redes telefónicas, utilizó el teléfono como un factor de disminución de las distancias y auxiliar en la acumulación de capitales, pues a través del teléfono podían hablar o intercambiar telefonemas, beneficiando a los empresarios.”*<sup>269</sup>

A elite pelotense utilizou o telefone como um fator de diminuição das distâncias e comunicação imediata para auxiliar na acumulação do capital. Para a população em geral o telefone era um sinal de progresso e modernidade.

## Notas

---

- <sup>239</sup> Vieira, 2005  
<sup>240</sup> Magalhães, 1993  
<sup>241</sup> Pesavento, 1999, p.39  
<sup>242</sup> Grando, 1990, pg17  
<sup>243</sup> Grando, 1990  
<sup>244</sup> Poetsch, 2002, p.96  
<sup>245</sup> Gutierrez, 2001, pg147  
<sup>246</sup> Arsène, 1983, pg 78 e 80.  
<sup>247</sup> Magalhães, 1993  
<sup>248</sup> Müller, 2008.  
<sup>249</sup> Poetsch, 2002, pg4  
<sup>250</sup> Xavier, 2010  
<sup>251</sup> Xavier, 2010  
<sup>252</sup> Xavier, 2010  
<sup>253</sup> Ueda, 2001  
<sup>254</sup> Morrison, 2011  
<sup>255</sup> Soares, 2002  
<sup>256</sup> Gutierrez, 1999  
<sup>257</sup> Soares, 2002  
<sup>258</sup> Soares, 2006  
<sup>259</sup> Soares, 2006, pg3  
<sup>260</sup> Soares, 2002  
<sup>261</sup> Ueda, 1998 pg30  
<sup>262</sup> Ueda, 1999  
<sup>263</sup> Ueda, 2001  
<sup>264</sup> Ueda, 2001  
<sup>265</sup> Ueda, 2001  
<sup>266</sup> Ueda, 2001  
<sup>267</sup> Ueda, 2001  
<sup>268</sup> Ueda, 2005  
<sup>269</sup> Ueda, 2001, pg20 e 21

## CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS DE PESQUISA

A presente Tese identificou e apresentou de forma sistemática o conjunto patrimonial da cidade de Pelotas, mostrando seu patrimônio arquitetônico, artístico, arqueológico e sua relação com o desenvolvimento do turismo. A partir do presente estudo podemos tecer algumas considerações finais e perspectivas de pesquisa:

Patrimônio é herança da civilização, no entanto, pode ser manipulado, modificado, criado ou pode ser herdado.

O patrimônio reconstrói o passado e poderá construir o futuro. O importante é proteger o patrimônio através de uma gestão sustentável.

O turismo tem o potencial de resgatar a história e cultura de um determinado lugar. O turismo não deve ser apenas uma atividade econômica utilizada para gerar renda ou alguma atividade de lazer para a população. Os atrativos turísticos, por sua vez, também criam possibilidades para a revitalização da identidade cultural, a preservação de patrimônios, bens culturais, tradições e costumes da população local estimulando desta forma a participação da comunidade no desenvolvimento sustentável da atividade turística e auxiliando no planejamento e gestão do desenvolvimento local e regional.

O planejamento e a gestão do turismo integram fatores sociais, econômicos, políticos, sociológicos antropológicos e tecnológicos, e pressupõe a utilização de banco de dados sistematizado e de fácil acesso e manipulação para o uso do poder público, da população local e dos turistas. O patrimônio adquire valor para o fenômeno turístico na medida em que se transforma em atrativo. Caso contrário pode perder interesse para a atividade. É importante não deixar que o atrativo turístico seja mais

relevante que o patrimônio. O patrimônio possui o potencial de tornar-se atrativo turístico dependendo do seu grau de atratividade, de atração. De outra forma não possui forte potencial de atrativo turístico.

O turismo deve de ser constantemente monitorado e gerenciado de forma sustentável, com o objetivo de causar o menor impacto possível a um determinado destino, bem como aos moradores locais. Para isso se faz necessário elaborar e implantar um plano turístico para planificar a atividade e corrigir os problemas enfrentados pela população urbana devido à intensa e crescente atividade turística.

O rápido e opulente processo de evolução urbana e industrial que ocorreu na cidade de Pelotas, deixou sua marca no patrimônio e no traçado urbano que lhe confere identidade configurando uma paisagem histórica cultural importante para a preservação e memória. Através de seu importante patrimônio, ainda conservado, a cidade registra e conta a história de sua evolução econômica, social e política.

Dessa forma a história de Pelotas esta imortalizada em seu patrimônio arquitetônico, histórico e cultural, que deve de ser reconhecido e preservado, pois faz parte da formação da consciência histórica e da memória coletiva da cidade. A história se interpreta a partir do patrimônio deixado, da herança e no caso da cidade de Pelotas foi a historia de opulência e riqueza dos brancos que formou o patrimônio e não de sofrimento e pobreza, dos negros.

Ao analisarmos a história dos primeiros viajantes e turistas na cidade de Pelotas, bem como as excursões ou viagens de recreio, compreendemos

que ao final da década de 70 do século XIX, surge os primeiros elementos da atividade turística, pois podemos identificar nesse período, variáveis importantes (visitantes, deslocamento, atrativos, transporte, hospedagem) que compõe o sistema turístico, apesar de observarmos que não se tratava de um turismo planejado em todas as suas esferas, pública ou privada, podemos afirmar que essas atividades sugerem a gênese do turismo na cidade de Pelotas.

A praça Coronel Pedro Osório, localizada no centro histórico da cidade conserva ainda características do período de apogeu da elite pelotense, caracterizado pelos edifícios mais representativos da cidade apresentando um conjunto homogêneo. Para a construção desses exemplares da arquitetura foram contratados engenheiros e arquitetos da Europa, sendo importados os materiais e elementos decorativos para a construção dos belos exemplares, demonstrando um alto grau de sofisticação para a época no Brasil. O conjunto é representativo do apogeu do ciclo econômico do charque no Rio Grande do Sul. A praça com seus casarões e prédios públicos formam um conjunto arquitetônicos representativo do eclétismo sendo considerado um dos mais importantes do país que se encontram conservados. Constituindo uma paisagem urbana histórica que chama a atenção pela sofisticação das construções, a riqueza dos detalhes representados nas obras de arte e outros materiais construtivos utilizados, como o ferro.

A cidade de Pelotas apresenta um rico patrimônio cultural material e imaterial. O patrimônio cultural inventariado está representado pela opulência das edificações e sua arquitetura predominantemente eclética, datada desde o século XIX até o início do século XX.

Na cidade encontramos ainda, outros importantes elementos do patrimônio cultural demonstrado no detalhe arquitetônico e artístico representado por azulejos, vitrais, metais usados nas fachadas dos edifícios, afrescos, estuques ornamentais, esculturas, arte cemiterial e nas carruagens de passeios e fúnebres.

O patrimônio cultural imaterial é manifestado através da riqueza da literatura e dos doces portugueses que são reconhecidos nacionalmente através da realização anual da Fenadoce, reconhecido evento nacional.

A cidade de Pelotas possui um importante Conjunto patrimonial para preservar e com possibilidade de solicitar a UNESCO a candidatura para o reconhecimento como patrimônio mundial.

Essa herança arquitetônica e artística, juntamente com sua configuração urbana singular, com seu traçado reticulado, ruas com pavimentação em paralelepípedos de granito e calçadas de ladrilhos, constitui um rico patrimônio a ser preservado, podendo ser utilizado como recurso turístico e preservando sua identidade.

A preservação deste reconhecido e consagrado patrimônio arquitetônico, histórico artístico e cultural de Pelotas é de fundamental importância para a formação da consciência histórica e da memória coletiva da cidade, guardando o passado e contribuindo para a construção do presente.

A cidade apresenta uma rica história de modernização e crescimento urbano formando um patrimônio de grande importância para a preservação e memória. Pelotas apresenta um acervo patrimonial de importância nacional, cabe aos gestores preservá-lo e gerenciá-lo de forma sustentável. Um patrimônio ainda conservado e não precisa inventar um patrimônio, pois possui a sua história materializada no seu patrimônio.

A presente Tese demonstra a importância de aprofundar o estudo sobre o patrimônio imaterial, desenvolvendo mais detalhadamente a literatura, a música e a culinária, bem como as festas folclóricas e sociais. Aprofundar estudo da cultura negra e dos operários.

O presente trabalho demonstrou que a cidade de Pelotas apresenta um rico patrimônio cultural constituindo um importante conjunto patrimonial de importância nacional.

O estudo mostra perspectiva para novas pesquisas, como o desenvolvimento e aplicação de um sistema de informação geográfico do patrimônio cultural turístico com o objetivo de implementar uma gestão participativa e sustentável do complexo patrimonial como recurso turístico.





## BIBLIOGRAFIA

ABREU E SILVA. O Gado Bovino e Sua Influência na Antropogeografia do Rio Grande do Sul. In: **Revista A Província de São Pedro**. nº 11. Porto Alegre: Globo, 1848.

ACOSTA. Sobre Patrimônio Y Desarrollo. Aproximación Al Concepto De Patrimônio Y Su Utilización Em Processos De Desarrollo Territorial. **Passos**, vol9(1) 101-113, 2011.

ARANTES, (Org.) **Produzindo o Passado: Estratégias de construção do Patrimônio Cultural** São Paulo: Brasiliense, 1984.

ARRIADA. **Pelotas: Gênese e Desenvolvimento Urbano (1780-1835)**. Pelotas: Editora Armazém Literário, 1994.

ARSÈNE,. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Tradução de Dante Laytano. 2ª edição. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1983. (1º edição francesa:1835).

ASHWORTH, & DIETVORST. **Tourism and spatial transformation: implications for policy and planning**. Wallingford:CAB International, 1995.

ASHWORTH. Elements of Planning and Managing Heritage Sites. What? Where? How much? Whose? For Whom? Two different paradigms; Two different answers. In: NURYANTI, W., (ed.). **Tourism and Heritage Management**. Yogyakarta: Gadj Mada University Press, 1997.

ASHWORTH, &. TUNBRIDGE **The Tourist-Historic City: Retrospect and Prospect of Managing the Heritage City**, Pergamon, 2000.

BACH. O Patrimônio Industrial Rural: As Fábricas de Compotas de Pêssego Em Pelotas –1950 À 1970. 2009. **Dissertação de Mestrado**, Universidade Federal de Pelotas: Pelotas.

BARRETO. **Manual De Iniciação Ao Estudo do Turismo**. Papirus: Campinas, 1995.

BRITTO, Industrialização e Desindustrialização do Espaço Urbano na Cidade de Pelotas (Rs) - 2011 - **Dissertação de Mestrado**, Instituto de

Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande:  
Rio Grande.

BRITON, Making Tourism More Supportive of Small-state Development:  
the case of St Vicent. **Annals of Tourism Research** 4(5): 268-278,1977.

BUCKLEY& RALF. Sustainable Tourism: Research And Reality Ralf  
Buckley *Annals of Tourism Research*, Vol. 39( 2): 528–546, 2012.

BUTLER. The Concept Of A Tourism Area of Life Cycle of Evolution:  
Implications for Management of Resources. **Canadian Geographer** 19(1):  
5-12, 1980.

BUDOWSKI. Tourism And Environment Conservation: Conflict,  
Coexistence Or Symbiosis. **Environment conservation**, 3(1): 27-31, 1976.

CAPEL. **Património: La Construcción del Pasado y del Futuro**,  
Barcelona: Serbal ediciones, 2013.

CARTA DE TURISMO SUSTENTÁVEL, **Conferencia Mundial de Turismo  
Sustentável**, IlhasCanárias Espanha, 1995.

CEBALLOS-LASCURÁIN. The concept of a **tourist** area cycle of  
evolution. *Canadian Geographer*, 24. **1980**.

CEBALLOS-LASCURÁIN. The Future of Ecotourism. **Mexico Journal**:  
01(17): 13-14,1988.

CHOAY. **L' Allégorie du Patrimoine**. Paris, Editions du Seuil, 1992.

COMISSAO MUNDIAL PARA O MEIO AMBIENTE E  
DESENVOLVIMENTO (Cmmad). *Nosso futuro comum*. 2 ed. FGV: Rio  
de janeiro,1991.

DEVANTIER & SANTOS, **.A Rua XV de Novembro: espaço de  
comércio, cultura e lazer. Pelotas, 1870-  
1931.**<http://capaodoleahistoriaecultura.blogspot.com.br/2012/10/calcamen-to-da-rua-xv-de-novembro-em.html>> Acesso em novembro de2013.

DOGAN. Forms of Adjustment Sociocultural Impacts of Tourism. **Annals  
of turism research**, Vol.16:216-236, 1989.

DOXEY. A Causacion Theory of Visitor-Resident Irritants: Methodology And Research Inference. In TTRA Conference, San Diego, California: 195-198, 1975.

EDWARDS,; GRIFFIN & HAYLLAR. Urban Tourism research: developing na agenda. **Annals of turism research**, Vol.35(4):1032-1052. 2008.

FAYOS-SOLÁ. tourism policy: a midsummer night`s dream? **Tourism Management** 17(6):405-412, 1997.

FENELL, **Ecoturismo: Uma Introdução**. Coleção Turismo Contexto: São Paulo, 2002.

FERREIRA,. Os três apitos: memória coletiva e memória pública, Fábrica Rheingantz, Rio Grande, RS, 1950-1970. 2002. **Tese Doutorado**. Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FORTUNA , C. **Les centres historiques et monumentaux des villes:turismo urbain et patrimoine à Evora et à Coimbra**. Faculdade de Economia. Universidade de Coimbra,1997.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. De província de São Pedro à Estado do Rio Grande do Sul. **Censos do RS: 1803-1950**. Porto Alegre: FEE-RS, 1981.

GANT. **El barrio Gótico de Barcelona: planificación del pasado e imagen de marca**. Barcelona: Ediciones Madroño, 2011.

GARDENER & LEWIS. **Anthropology, Development and the Post-Modern Challenge** London: Pluto Press, 1996.

GASTAL. Tiempos post-modernos: posibilidades para el turismo. **Estudios y Perspectivas en turismo**. 15 : 270-282, 2006.

GARROD, & FYALL, . Managing Heritage Tourism. **Annals of Tourism Research**, 27 (3): 682 - 708, 2000.

GARROD, & FYALL. Heritage Tourism: A Question of Definition. **Annals of Tourism Research**, 28 (4): 1049 – 1052, 2000.

GLASSON, J., GODFREY, K., GOODALL, B., VAN DER BORG, J. AND ABSALOM, H. Visitor Management in Heritage Cities. **Tourism Management**, 15 (5): 388-389, 1994.

GLOBE'90. Na action strategy for sustainable tourism. **Ecodecision** 20(9):43-45, 1990

GOODWIN. Tourism and environment. **Biologist** 42(3):129-133,1995.

GÖSSLING,; HALL, ; EKSTRÖM, ; ENGESET; BRUDVIK AND AALL,. Transition management,: a tool for implementing sustainabel tourism scenarios? **Journal of sustainable tourism**, 20(6): 899-916, 2012.

GRANDO, Pequena Agricultura em Crise: O Caso da Colônia Francesa no Rio Grande Do Sul. **Teses**, 14 (4), 1990. Porto Alegre: FEEE.

GUTIERREZ. **Barro e Sangue: mão de obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888)**. Pelotas, Ed. UFPEL, 2004.

GUTIERREZ. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. 2.ed. -Pelotas: Ed.UFPEL, 2001.

GUNN. (1988). **Tourism planning**. New York: Taylor and Francis

HUGHES. 1995 Authenticity in Tourism. **Annals of Tourism Research** 22:781-803.

HERNÁNDEZ & TRESSERRAS. **Gestión del patrimonio cultural**, Barcelona : Ariel, 2008.

HETZER. Environmente, Tourism, Culture **Ecosphere** 1 (2): 51-53, 1970.

HOPE. The Cariben Tourism Sector: Recente Performance and Trends **Tourism Management** 1(3):175-183, 1980.

HUMMEL AND VANDER DUIM. tourism and development at work: 15 years of tourism and poverty reduction the SNV netherlands, **jornal of sustainable development**. 20 (3): 319-338, 2012

IPHAE. **Patrimônio Ferroviário no Rio Grande do Sul: Inventário das Estações**

**1874-1959**. Porto Alegre: Pallotti, 2002.

- KRIPPENDORF, Les devoreurs de paysages. Lausanne, Heures, 1977.
- LAARMANN & DURST. **Nature travel and tropic forest**. FPEI Working Paper Series. Shouteastern Center For Forest Economics Research, Carolina Do Norte: State University, Raleigh, 1987.
- LAARMANN & DURST. Nature Tourism As A Tool For Economic Development And Conservation Of Natural Resources In Nenon &Durst (Eds) **Nature Tourism In Asia: Opportunities And Constraints For Conservation And Economic Development**, Whashington, DC: US Forest Servise, 1993.
- LAW. **Tourism In Major Cities**. London: Routledge.1996.
- LEIPER. Towards a cohesive curriculum tourism: The case for a distinct discipline. **Annals of Tourism Research**, 8(1), 69-84. 1981.
- LEIPER. Tourist attraction systems. **Annals of Tourism Research**, 17(3), 367-384, 1990.
- LOPES. A modernização do espaço urbano em Pelotas e a Companhia Telefônica Melhoria e Resistência (1947-1957).2007. **Dissertação de mestrado** do Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades Ibéricas e Americanas, Faculdade de Filosofia e de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- LÓPEZ,OLIMPIA JIMÉNEZ E ARROYO, JUDITH CAVAZOS. **El turismo orientado a los pobres: una alternativa estrtégica para los países em desarrollo**. Pasos: Vol. 10 n 5 pg. 451-465 2012.
- Farias, . Imagens Históricas. Acesso em 10 de janeiro de 2012. <<http://imagenshistoricas.blogspot.com/2009/11/fotos-antigas-de-pelotas.html>>.
- MAGALHÃES. **Opulência E Cultura Na Província De São Pedro Do Sul: Um Estudo Sobre A História De Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Editora da UFPEL, 1993. Pág. 124.
- MATHIESON & Wall. **Tourism: economic, physical and social impacts**, England: Longman Scientific & Technical Publishers, , 1982.
- MC NULTY. **Cultural Tourism And Sustainable Development**. Word travel and tourism review. 3:156-162. 1993

MAZÓN, MUÑOZ; MORALEDA, FUENTES E FAYOS-SOLÀ. Turismo como instrumento de desarrollo: una visión alternativa desde factores humanos, sociales e institucionales. **Pasos**, Vol.10, n5 pg.437-469, 2012.

MICHELON. Cidade de Papel: A modernidade nas fotografias impressas de Pelotas (1913-1930). 2001. 547 f. **Tese de Doutorado**. Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre- PUC, Porto Alegre.

MILL, & MORRISSON, The tourism system. New Jersey: Prentice Hall,1985.

MILHEIRA. **Arqueologia Guarani: Na Laguna dos Patos e serra do Sudeste**, Pelotas: Editora Ufpel, 2014.

MONTE DOMEQ. (Editor) **O Estado do Rio Grande do Sul**. Barcelona: Monte Domecq & Companhia. Publicistas editores, 1916.

MORRISON. **The Tramways of Brasil**, a 130-Year Surrey. New York: Bonde Press, 1989.

MORRISON. **The Tramways of pelotas**, Rio Grande do Sul, Brasil. <<http://www.tramz.com/br/ps/ps.html>> acesso em 10 de fevereiro de 2012.

MOURA. Garcia Rolim de. Modernidade pelotense, a cidade e a arquitetura possível: 1940 – 1960. 1998, **Dissertação de Mestrado**. PUCRS, Porto Alegre.

OMT, 1987 Organização mundial do turismo Concepts and Definitions on Sustainable Tourism.. Acesso em 10 de março 1987< <http://www.world-tourism.org>>

PEARCE. The roles of the public sector in conservation and tourism planning. In: NURYANTI, W., (ed.). **Tourism and Heritage Management**. Yogyakarta: Gadj Mada University Press., 1997.

PEARSON & SULLIVAN. Looking After Heritage Places. The Basics of Heritage Planning for Managers, **Landowners and Administrators**. Melbourne: Melbourne University Press, 1995.

PELLEGRINI . **Ecologia, cultura e turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

PESAVENTO. **O imaginário da cidade: visões literárias do Urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre.** Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1999, p. 39.

POETSCH,. Zona do Porto de Pelotas e sua Identidade. Brasil. 2002. **Tese Doutorado**, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

POETSCH,. O Porto de Pelotas e sua Identidade **in IV Coloquio sobre Transformaciones Territoriales** Mesa temática: Frontera, Identidades e Integração Regional. 21, 22 y 23 de Agosto de 2002 - Montevideo, Uruguay.

PRATS. **Antropología y Patrimonio.** Ariel: Barcelona.1997.

CANCLINI. O patrimônio cultural e a construção imaginária nacional. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, nº 23. Rio de Janeiro, 1990.

**Relatório Brundtland – Nosso Futuro Comum** (1987).

Ruschnman. **Turismo e planejamento sustentável : a proteção do meio ambiente**, campinas: papiros, 1990

SHELBY & HEBERLEIN. **Carring Capacity In Recreation Settings Oregon:** oregon state university press, 1986.

SILVA, NEUZA REGINA JANKE..Entre os Valores do Patrão e os da Nação, como fica o Operário? (O Frigorífico Anglo em Pelotas: 1940-1970).pg.163. 1999. **Dissertação de mestrado**, Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC, Porto Alegre.

SOARES. Del Proyecto Urbano a la Producción del Espacio: Morfología Urbana de la Ciudad de Pelotas, Brasil (1812-2000). **Tese de Doutorado** , 2002Universidade de Barcelona, Barcelona.

Serrano. **Las guías urbanas y los libros de viaje en la España del siglo XIX.** universitat de Barcelona: Barcelona, 1993.

**Silberberg.** Cultural tourism and business opportunities for museums and heritage sites.**Tourism Management** 16 (5): 361–365. 1995.

SOARES, Paulo Rodrigues Roberto La Construcción Social de la Forma Urbana:

la Ciudad de Pelotas (Brasil) en La Transición De Los Siglos Xix Y Xx. Scripta Nova, Vol. X, núm. 218 (40), 2006 .<<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-40.htm>>

UEDA. Inovação tecnológica e espaço urbano: A implantação da CTMR em Pelotas/ RS. 1999. **Dissertação de mestrado**. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis.

UEDA. A implantação do telefone: o caso da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência Pelotas, Brasil. **Scripta Nova** (Barcelona). , v.III, p.1 13, 1999. Acesso em novembro de 2012 <<http://www.ub.es/geocrit/sn-46.htm>> .

\_\_\_\_\_, VANDA. La Instalación del Teléfono en Pelotas, Brasil . Scripta Nova (Barcelona), Iberoamérica Ante Los Retos Del Siglo XXI. **Número extraordinario dedicado al I Coloquio Internacional de Geocrítica** (Actas del Coloquio), 1999. <http://www.ub.es/geocrit/sn-45-44.htm>

\_\_\_\_\_, VANDA. De las líneas a las redes: La implantacion del teléfono en la ciudad de Pelotas (1882-1930). **História em revista** , Pelotas.V.07, p. 43-63, Dezembro de 2001.

\_\_\_\_\_, VANDA. Modernización y difusión de la telefonía en las ciudades de Porto Alegre y Pelotas (1882-1908). **Estudos Ibéro-Americanos**, PUCRS, v. XXVII, no. 1, 2001, p.159-172.

\_\_\_\_\_, VANDA. Innovación tecnológica y cambio social: Agentes y estrategias en las redes de telecomunicaciones en Rio Grande do Sul, Brasil (1852-1930). 2002. **Tese de Doutorado**, Universidade de Barcelona, Barcelona.

\_\_\_\_\_, VANDA. Dígame! El trabajo de las telefonistas en las centrales telefônicas: Un estudio comparado. Presentado en **IV coloquio**



**Internacional de Geocritica.** Barcelona. 27-30 de mayo de 2002.  
Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/menu.htm>

\_\_\_\_\_, VANDA. **Inovación Tecnológica y Cambio Social: Implantación y Difusión de la Red Telefónica en Rio Grande Do Sul/Brasil.** **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**, 20 a 26 de março de 2005, Universidade de São Paulo, São Paulo.

VAQUERO. **La ciudad histórica como destino turístico.** Ariel: Barcelona, 2ª edição, 2006.

VAQUERO& HERNÁNDEZ. Reflexiones sobre el turismo cultural. La aportación de la cultura en la conformación de flujos turísticos emisores en España y la Comunidad de Madrid -**Anales de Geografía**, vol. 30, núm. 2, 31-58,2010.

VAN DER BORG, JAN; COSTA, PAOLO E GOTTI, GIUSEPPE. Tourism in european heritage cities. **Annals of tourism research** vol. 23 n. 2 pp.306-321, 1996.

VERA, J.F, LÓPES PALOMEQUE, F. MARCHENA,M.J. E ANTÓN, S. **Análisis territorial del turismo.** Barcelona: Ariel, 1997.

VIERA. **A Fragmentação Social do Espaço Urbano. Uma Análise da (Re) Produção do Espaço Urbano em Pelotas,1997.** **Dissertação de mestrado.** Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

VINUESA.**Turismo y desarrollo sostenible en ciudades históricas** *Ería*, 47, pg.211-227, 1998.

VINUESA. La proteccion, recuperación y revitalización funcional de los centros históricos. In Capel, Horacio (coord). **Ciudades, arquitetura y espacio España:** Instituto Cajamar. Serie Estudos economicos: mediterraneo económico. Pg.131-160, 2003.

XAVIER. O campo da percepção geográfica para os estudos de turismo. **Revista eletrônica de turismo (RETUR)**, Presidente Kennedy, v.3, n.1, Outono de 2004.

XAVIER. **A Percepção Geográfica do Turismo**. São Paulo: Aleph (Série Turismo) 2007.

Xavier. Saneamento de Pelotas (1871-1915): o patrimônio sob o signo de modernidade e progresso. Pg.355. 2010. **Dissertação de Mestrado**. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

SERRANO. **Las guías urbanas y los libros de viaje en la España del siglo XIX**: repertorio bibliográfico y contenido. UNIVERSITAT DE BARCELONA: BARCELONA, 1993.

WHEELER. 1991 Tourism's troubled times: Responsible tourism is not the answer, **tourism management**, pp. 91-96 V 12, n 2, June 1991.

OMT, 1987 **Organização mundial do turismo Concepts and Definitions on Sustainable Tourism**. Acesso em: 10 de março 2001 < <http://www.world-tourism.org> >

OMT, 2012 **Organização mundial do turismo Concepts and Definitions on Sustainable Tourism**. Acesso em: 30 de abril 2012 < <http://www.world-tourism.org> >

